

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TESE DE DOUTORADO

Cláudia Fabiana Reichert

O FEMININO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: SENTIMENTOS E MODOS DE AGIR
DE MÃES VIVENDO COM HIV/AIDS NA PANDEMIA DA COVID-19

Santa Cruz do Sul 2022 Cláudia Fabiana Reichert

O FEMININO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: SENTIMENTOS E MODOS DE AGIR DE MÃES VIVENDO COM HIV/AIDS NA PANDEMIA DA COVID-19

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Luisa Teixeira de Menezes.

Santa Cruz do Sul 2022

CIP - Catalogação na Publicação

```
Reichert, Cláudia Fabiana
```

O feminino na educação em saúde: sentimentos e modos de agir de mães vivendo com HIV/AIDS na pandemia da COVID-19 / Cláudia Fabiana Reichert. - 2022.

171 f. : il. ; 28 cm.

Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Santa Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Ana Luisa Menezes.

- Feminino. 2. Educação. 3. Saúde. 4. HIV/AIDS. 5. COVID-19.
 Menezes, Ana Luisa. II. Título.
 - Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cláudia Fabiana Reichert

O FEMININO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: SENTIMENTOS E MODOS DE AGIR DE MÃES VIVENDO COM HIV/AIDS NA PANDEMIA DA COVID-19

Essa tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado; Linha de Pesquisa em Aprendizados, Tecnologia, Linguagem e Educação; Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Professora orientadora - UNISC

Dr. Felipe Gustsack
Professor examinador - UNISC

Dra. Sandra Regina Simonis Richter
Professora examinadora - UNISC

Dr. José Clerton de Oliveira Martins
Professor examinador - UNIFOR

Dra. Leni Dias Weigelt
Professora examinadora - UNISC

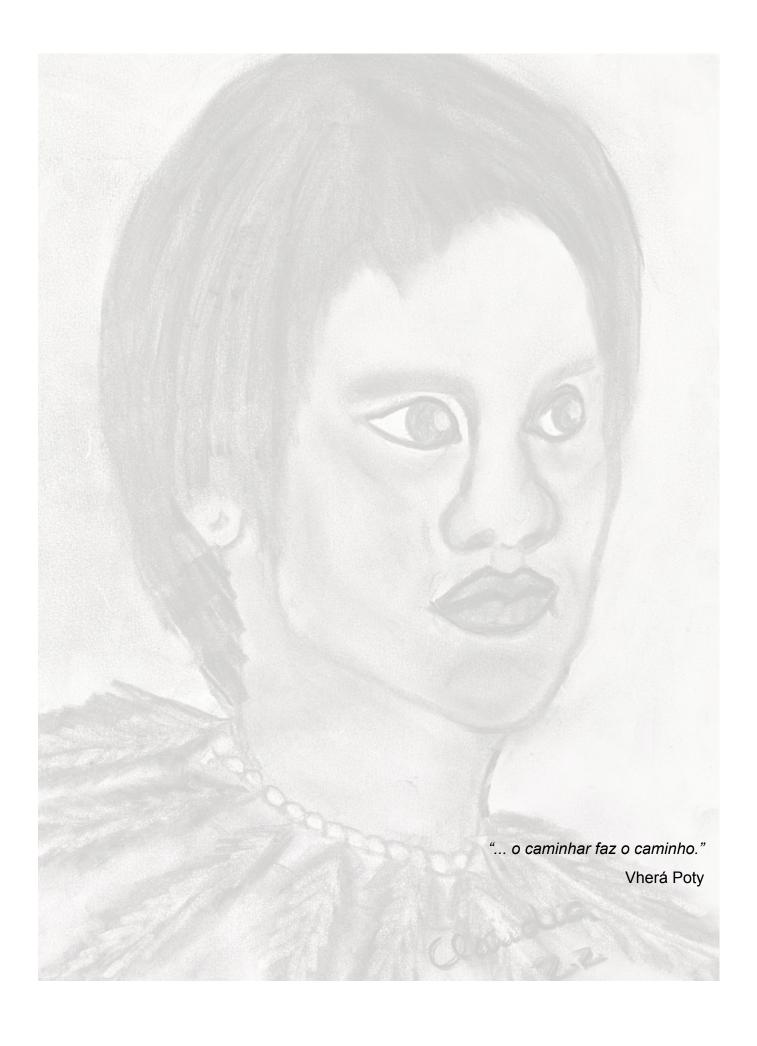
Dra. Maria Claudia da Silva Vater da Costa Fiori
Professora examinadora - UFRJ

Santa Cruz do Sul 2022





À minha mãe Lurdes (in memorian),
e à minha filha Maria Antônia (Ton):
mulheres que me tornaram mãe e filha.
Eu jamais entenderia uma sem a outra.
Eu jamais me encontraria neste caminho, sem as duas.



RESUMO

Mães vivendo com HIV/AIDS são as autoras centrais da construção desta tese de Doutorado em Educação, nas diversas facetas dos modos de ser mãe e dos sentimentos emergidos no contexto de duas pandemias: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) na década de 1980 e a COVID-19, em 2020. O objetivo geral da pesquisa foi compreender os sentimentos e modos de agir das mães com HIV/AIDS, em tempos de COVID-19, há mais de 10 anos. A faixa etária foi entre 29 e 59 anos. O registro dos diálogos, aconteceram ao longo da minha trajetória profissional no Centro Municipal de Atendimento à Sorologia - CEMAS, de Santa Cruz do Sul/RS, entre 1996 e 2022. É neste espaço e tempo de pesquisa que, através de falas, diálogos e escutas, a AIDS ainda se manifesta como uma doença não compreendida socialmente, uma vez que a infecção pelo HIV ainda remete, mesmo após 40 anos dos primeiros casos diagnosticados no Brasil, à sentença de morte, associada ao medo, culpa, sofrimento, imobilização e ao silêncio. As escutas de histórias anotadas. compõem banco de dados desta pesquisa qualitativa-reflexivo-vivencial, tendo a fenomenologia como método. A partir da coleta de dados presentes nos prontuários clínicos, fichas de entrada no serviço e no diário de campo, foi-se constituindo e construindo duas mandalas para análise e discussão dos resultados: uma, desenhada a partir de palavras geradoras que trouxeram à tona os sentimentos das autoras; e outra, que refletiu os modos de agir, a partir dos sentimentos gerados. Percebe-se, nas mandalas, a profunda necessidade da busca do ecoar, do voltar para dentro, para as profundezas, para que o que não é visível, mas reserva tantos sentimentos escondidos, possa ser expresso sem vergonha ou medo a fim de que possam voar e externar o feminino contido. As narrativas das autoras corroboram que é, através do diálogo e da escuta sensível, que ocorre o resgate do compromisso ético-profissional-acadêmico, justapostos nas áreas da educação e saúde. Este estudo constata que uma nova realidade necessita ser ajustada, sendo relevante e urgente o resgate do equilíbrio do feminino e do masculino na sociedade, bem como a importância de um serviço de acolhimento, escuta e atenção especializada em HIV/AIDS, que possibilite que uma mulher possa ser capaz de perceber-se e valorar o seu eu, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora das suas emoções.

Palavras-chave: Escutatória; Feminino; HIV/AIDS; COVID-19; Educação; Saúde.

ABSTRACT

Mothers living with HIV/AIDS are the central authors of the construction of this doctoral thesis in Education, in the various facets of the ways of being a mother and the feelings that emerged in the context of two pandemics: the Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) in the 1980s and COVID-19 in 2020. The overall goal of the research was to understand the feelings and modes of action of mothers with HIV/AIDS in times of COVID-19, more than 10 years ago. The age range was between 29 and 59 years. The recording of the dialogues took place throughout my professional trajectory at the Centro Municipal de Atendimento à Sorologia - CEMAS, in Santa Cruz do Sul/RS, between 1996 and 2022. It is in this space and time of research that, through speeches, dialogues, and listening, AIDS still manifests itself as a disease not socially understood, since the HIV infection still refers, even after 40 years of the first cases diagnosed in Brazil, to the death sentence, associated with fear, guilt, suffering, immobilization, and silence. The listening to recorded stories make up the database of this qualitative reflexive-living research, with phenomenology as its method. From the collection of data present in the clinical records, service entrance forms, and the field diary, two mandalas were created and constructed for the analysis and discussion of the results: one drawn from the generating words that brought up the feelings of the authors; and the other, that reflected the modes of action, based on the feelings generated. One can notice, in the mandalas, the deep need to search for the echo, to go back inside, to the depths, so that what is not visible and that holds so many hidden feelings can be expressed without shame or fear, so that they can fly and express the contained feminine. The authors' narratives corroborate that it is through dialogue and sensitive listening that the ethical-professional-academic commitment is rescued, juxtaposed in the areas of education and health. This study states that a new reality needs to be adjusted, being relevant and urgent the rescue of the balance of the feminine and the masculine in society, as well as the importance of a welcoming, listening and specialized care service for HIV/AIDS, which enables a woman to be able to perceive and value her self, discovering the creative and potentially transforming presence of her emotions. Key words: Story listening; Feminine; HIV; COVID-19; Education; Health.

RESUMEN

Madres que viven con el VIH/SIDA son las autoras centrales de la construcción de esta tesis doctoral en Educación, en las diversas facetas de las formas de ser madre y los sentimientos que surgieron en el contexto de dos pandemias: el Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida (SIDA) en la década de 1980 y COVID-19, en 2020. El objetivo general de la investigación era comprender los sentimientos y modos de actuación de las madres con VIH/SIDA en tiempos de COVID-19, hace más de 10 años. El rango de edad estaba entre 29 y 59 años. La grabación de los diálogos tuvo lugar a lo largo de mi trayectoria profesional en el Centro Municipal de Atendimento à Sorologia - CEMAS, en Santa Cruz do Sul/RS, entre 1996 y 2022. Es en este espacio y tiempo de investigación que, a través de discursos, diálogos y escuchas, el SIDA se manifiesta todavía como una enfermedad no comprendida socialmente, ya que la infección por el VIH sigue remitiendo, incluso después de 40 años de los primeros casos diagnosticados en Brasil, a la sentencia de muerte, asociada al miedo, la culpa, el sufrimiento, la inmovilización y el silencio. La escucha de relatos anotados constituye la base de datos de esta investigación cualitativa reflexiva-vital, con la fenomenología como método. A partir de la recogida de datos presentes en las historias clínicas, formularios de entrada en el servicio y en el diario de campo, se constituyeron y construyeron dos mandalas para el análisis y la discusión de los resultados: uno elaborado a partir de las palabras generadoras que hicieron aflorar los sentimientos de los autores; y otro, que reflejó los modos de actuación, a partir de los sentimientos generados. Se percibe, en los mandalas, la profunda necesidad de buscar el eco, de volver al interior, a las profundidades, para que lo que no es visible y que encierra tantos sentimientos ocultos se exprese sin vergüenza ni miedo, para que vuele y exprese lo femenino contenido. Las narraciones de los autores corroboran que es a través del diálogo y la escucha sensible como se rescata el compromiso ético-profesional-académico, yuxtapuesto en los ámbitos de la educación y la salud. Este estudio afirma que es necesario ajustar una nueva realidad, siendo relevante y urgente el rescate del equilibrio de lo femenino y lo masculino en la sociedad, así como la importancia de un servicio de acogida, escucha y atención especializada en el VIH/SIDA, que permita a la mujer poder realizarse y valorarse, descubriendo la presencia creativa y potencialmente transformadora de sus emociones.

Palabras clave: Escucha de cuentos; Feminino; VIH; COVID-19; Educación; Salud.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à família, colegas, professores e amigos queridos, por me ensinarem a escutar mais que falar (confesso que foi bem difícil esse processo).

Um imenso e infinito agradecimento por tudo o que aprendi e apreendo, em especial, no CEMAS, no PPGEdu, na Linha ATLE e no PEABIRU.

Reverencio e aplaudo as mulheres Guarani e Kaingang que conheci e moram em mim.

Minha homenagem pessoal, valorosa e carinhosa para as mães e mulheres vivendo com HIV/AIDS.

A vocês: lápis, giz, livros, cadernos, quadro-negro, fogo, carvão, ar, mandalas, águas, flores, espinhos, riscos e rabiscos.

As Anas, Lurdes e Marias, meu muito obrigada.

Maria e Ana, sem vocês comigo nessa caminhada, eu nada seria.

A todas as mães, fortes e sensíveis, representadas aqui.

A todas nós mulheres, autoras de nossas próprias histórias e jornadas sem fim.

E, meu profundo agradecimento a Ti, Pai do Céu e a Ti, Mãe Terra.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ATLE Aprendizagens, Tecnologias, Linguagem e Educação

CEMAS - Centro Municipal de Atendimento a Sorologia

COVID-19 Coronavírus *Disease* (Doença) - 2019

ESF Estratégia de Saúde da Família

ESPII Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

HIV Vírus da Imunodeficiência Humana

IST Infecção Sexualmente Transmissível

MS Ministério da Saúde

MVHA Mães Vivendo com HIV/AIDS

OMS Organização Mundial da Saúde

OPAS Organização Pan-Americana da Saúde

PNA Política Nacional de Humanização

PNO Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação

PPG-EDU Programa de Pós-Graduação em Educação

PSE Programa de Saúde na Escola

PVHA Pessoas Vivendo com HIV/AIDS

SESC Serviço Social do Comércio

SESI Serviço Social da Indústria

SUS Sistema Único de Saúde

UBS Unidade Básica de Saúde

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSM Universidade Federal de Santa Maria

UNAIDS Joint United Nations Program on HIV/AIDS

UNISC Universidade de Santa Cruz do Sul

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Mãe vivendo com HIV/AIDS.
 Figura 2 Ana.
 Figura 3 Freire.
 Figura 4 Mulher.
 Figura 5 Eva.
- Figura 6 Frida.
- Figura 7 Mãe indígena Kaingang.
- Figura 8 Mandala 1.
- Figura 9 Jung.
- Figura 10 Serena.
- Figura 11 Vitória.
- Figura 12 Bárbara.
- Figura 13 Kleo.
- Figura 14 Maria.
- Figura 15 Ceres.
- Figura 16 Afrodite.
- Figura 17 Mara.
- Figura 18 Glória.
- Figura 19 Ísis.
- Figura 20 Hera.
- Figura 21 Baubo.
- Figura 22 Deméter.
- Figura 23 Perséfone.
- Figura 24 Hécate.
- Figura 25 Circe.
- Figura 26 Medeia.
- Figura 27 Aurora.
- Figura 28 Angélica.

Figura 29 - Clara.

Figura 30 - Ana Maria.

Figura 31 - Mandala 2: sentimentos geradores.

Figura 32 - Mandala 3: modos de agir.

Figura 33 - Mãe vivendo com HIV/AIDS na pandemia da COVID-19.

Figura 34 - Flor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1.1 A pandemia vivida através de palavras	16
1.2 Palavras e diálogos	22
1.3 Para entender a busca da tese	28
2 PARTE I: A PARTIDA	37
2.1 O método na busca	39
2.2 Instrumento de pesquisa	41
2.3 Na estratégia da estrada, uma pesquisa qualitativa e reflexiva-vivencial	43
2.4 No iniciar do percurso, o meio para a coleta de dados	43
2.5 CEMAS, um campo a percorrer através do caminho	45
3 PARTE II: NO CAMINHO, DUAS PANDEMIAS	49
3.1 AIDS e COVID-19	49
3.2 Há 40 anos, a AIDS	58
3.3 Caminhando comigo na estrada	62
4 PARTE III: O CAMINHAR	72
4.1 Arquétipo materno	80
4.2 A mitologia andante	90
4.3 A mãe e o ser mulher caminhando no estar masculino	109
4.4 A passagem	121
4.5 Conversas e escutas no caminho	128
5 PARTE IV: AUTORAS CAMINHANTES	132
5.1 Dados para a partida da pesquisa: mães vivendo com HIV/AIDS	133
5.2 Mas Magis, magister, mestre	139
5.3 Discussão dos resultados	140
6 (DES)FECHO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	158
ANEXO I	166
ANEXO II	167
ANEXO III	168
ANEXO IV	169

INTRODUÇÃO

1.1 A pandemia vivida através de palavras

Como introduzir a face de uma história sem contar o seu caminho? Como buscar o horizonte sem perceber as pedras que generosamente rolam para aprendermos a cair e levantar? Como atravessar um rio sem sentir o toque da água e o peso da resistência? Como querer voar sem olhar as estrelas? Como falar de mães sem lembrar da nossa? Como falar do ato de educar um filho, sem pensar no que significa cuidar da natureza? Não sei, estou aprendendo. Tentei transformar em palavras, minhas reflexões; em mandalas, os sentimentos e os modos de agir de mães vivendo com HIV/AIDS; em desenhos, minhas percepções de cada face escutada.



Figura 1 - Mãe vivendo com HIV/AIDS.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Busco na memória o pensar em mães, recordo que a minha, me ensinou que saber se cuidar é fundamental para sobreviver na contemporaneidade e que eu precisava ensinar minha filha, sua neta, a conquistar seu destino com sabedoria. Minha mãe acreditava que

cuidar é um ato transformador, ambivalente e ambíguo. Cuidado é phármakon: remédio, veneno e cosmético. O mesmo cuidado que salva, mata. Cuidado, entendido como decorrência do "amor", é um fardo que recai sobre as mulheres (PIMENTA, 2019, p. 11).

Iniciei centenas de vezes essa tese. Construí degraus e muros, derrubei paredes, moldei barro, semeei plantas, salvei animais, vi uma filha adolescer em meio a uma pandemia e tentei descobrir uma forma de falar sobre os sentimentos e modo de agir das mães vivendo com HIV/AIDS. Comecei com uma ideia fixa, num momento da vida em que minha mãe estava falecendo de câncer, minha filha pré-adolescendo, um casamento se encerrando. O tempo seguiu e, como o ar e a água, fluiu, mudando tudo.

Eu queria falar sobre políticas públicas e educação em saúde. Após 5 anos na jornada do doutorado, a minha ideia inicial era tudo, menos fixa. Hoje, parto para a escrita da tese, dialogando, ensaiando letras e escutando os pensamentos e lembranças de tantas mulheres e histórias compartilhadas comigo, que não há como falar de mães sem valorar e entender a importância do feminino dentro de cada um de nós.

Enfim, escrevi, transcrevi e reli as escutatórias de histórias de mães que vivem duas pandemias sobrepostas, que educam, sentem, agem. São mães vivendo com HIV/AIDS - MVHA na pandemia da COVID-19 e são de fato as reais autoras dessas histórias. Um escutar, falar, escrever com menos morbidade, sem os dramas que marcaram cada alma das mulheres desta tese. Não escrevi sozinha: escrevi escutando, escutando a mim e à minha ancestralidade. Dialogamos e transformamos sentimentos em palavras, assim como a cada vez que conversava, a cada momento de encontro e que me fazia lembrar de tantas outras histórias. Às vezes histórias contadas, outras choradas, mas, sem dúvidas, todas as histórias que escutei e contarei aqui foram afetuosamente abraçadas.

Afinal, ser uma mãe em formação, que busca, através dos seus ouvidos, crescer como pessoa e ser professora – com toda a responsabilidade e a arte que uma carrega –, estarei relatando, através destas linhas, um olhar para o contexto do meu trabalho no CEMAS - Centro Municipal de Atendimento à Sorologia, onde convivo com mães com o vírus HIV há mais de 25 anos, e há quase três com o temor universal da COVID-19.

Iniciei atendimento e acompanhamento a pacientes vivendo com HIV/AIDS (PVHA) em Santa Cruz do Sul, a partir do CEMAS. Centro que conheci em 1996, através da minha pesquisa para a monografia da especialização em Saúde Comunitária e do atendimento à PVHA em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), o CEMAS inspirou, além da minha pesquisa na monografia, a dissertação do mestrado e, agora, a tese do doutorado.

A educação, para mim, é a forma mais perfeita de seguir: aprender e ensinar, ensinar e aprender. Eu diria também um pouco mais: no meio disso tudo, quão prazeroso é sentir e refletir... Sentir como um bebê no peito da mãe e que irá ser acolhido no seu carinhoso colo, com toda complexidade que lhe cabe, e se atrever a pensar sobre todo desejo contido na arte de educar e estudar.

E, foi assim que uma tese na área da Educação voltada para políticas públicas de educação em saúde se transformou. Plantei uma semente, e de repente ela parecia crescer diferente. Procurei não mais centralizar nos debates de ordem econômica e política e nos reflexos profundos nas Políticas Públicas de Educação e Saúde do país – mesmo sendo um recorte tão óbvio em ambas as pandemias.

Ao abordar o tema central, a escutatória de histórias de mães vivendo com HIV/AIDS, seus sentimentos e seus modos de agir sob a ótica das pandemias das doenças AIDS e COVID-19. Busquei, a cada momento, uma releitura das entrelinhas de forma sensível e humanizada. Fui ensinada pelas autoras dessas histórias e pela minha conselheira e orientadora, Prof^a Dr^a Ana Luisa Teixeira de Menezes, a refletir, e o quanto dialogar e escutar nos ensina.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em imagem).

Encantada pela magia da escuta sensível e, frente à impossibilidade de registrar através da arte da fotografia, estes momentos repletos de riqueza e íntima nobreza, fui aos poucos, ao longo das escritas, registrando os sentimentos por meio de desenhos, utilizando o carvão que me aquecia nas madrugadas frias. Cada desenho é uma história e cada carvão utilizado, uma fogueira. Desenhos em que usei gestos e todos os sentimentos e sentidos possíveis: visão, audição, tato, olfato e paladar. Desenhos tateados em carvão sobre macias folhas e iluminados por velas, ao som de músicas suaves, incensos relaxantes e o sabor da erva mate do chimarrão. Todos feitos à noite, constituindo as imagens das expressões faciais das autoras, mas não a imagem física - uma imagem simbólica. As ilustrações aqui presentes traduzem, através de um olhar sensível, a busca para trazer luz e companhia a cada história vivida e testemunhada, constituindo parte importante da escutatória de histórias que deram sentido e complementaridade na composição e transcrição das falas.

Escutas transcritas, desenhos sentidos, expressões da alma e mandalas rabiscadas fazem parte do meu diário de campo, transpõem a racionalidade e tocam no íntimo, assim como me tocou a leitura do livro "A menina e a onça" de Ana Luisa Teixeira de Menezes (2020), a fim de pensar um caminho de escrita e registro do material de pesquisa. Os desenhos expressam um caminho de escuta do que as

emoções e depoimentos das mulheres foram produzindo em mim e que não podem ser descritos em palavras.

À parte disso, na minha rotina profissional, estigmas, preconceitos e posturas negacionistas notadamente vieram à tona e revisitavam os debates, desde que o novo coronavírus pôs em alerta o mundo inteiro. Esse momento histórico despertou na minha memória um paralelo comparativo, que remeteu-me inevitavelmente a outra pandemia, que assolou o mundo na década de 1980, quarenta anos atrás: a pandemia da AIDS. Como toda pandemia, essas não foram diferentes nos sentimentos e atitudes.

Antes de seguir, porém, relembro que ministrei muitas aulas na graduação sobre algumas outras pandemias vividas, que também trouxeram medo e isolamento para a humanidade, como a peste bubônica no século XIV; a da varíola no século XVIII; a da tuberculose no século XIX; e a gripe espanhola no início do século XX. Todas as pandemias marcaram e marcam a história, consolidando o pavor em relação às doenças transmissíveis e à morte. Em comum, pandemias que não escolhiam suas vítimas e, sim, vítimas mais expostas ou vulneráveis que eram escolhidas por suas condições, escolhas de vida, escolhas familiares e coletivas.

Ali estava eu de novo, refletindo sobre escolhas, vida e morte. Mas eu não queria mortalizar ainda mais o que sabidamente era mortal. Foi neste momento que separei as palavras, desconstruí paradigmas e, o que era *sabidamente mortal*, virou *saber*, virou *mente*, virou vida pois não há morte sem vida, como não há sombra sem luz. Foi assim, através da alquimia da palavra dita e escutada, que surgiu a possibilidade de imortalizar histórias vividas, contadas através dos anos. Fui escutando minha mente, através das leituras transcritas e de tudo o que se sente, onde rabiscava e escrevia sobre a vida de mulheres vivendo com HIV/AIDS. Assim, dez mulheres passam, através da escuta, a serem imortais, uma vez que a palavra escrita tem o fascínio e o poder de imortalizar histórias de vidas.

Neste turbilhão de palavras e sentimentos, este era um tema que externava e atiçava também minhas verdades em relação aos meus "mundos" percorridos, como nas aldeias Guarani e Kaingang, no interior do Rio Grande do Sul, e a força de vontade

e construções históricas, acadêmicas e institucionais da Educação, traz para mim um paralelo passível de profunda e íntima reflexão sobre os indígenas com que convivi nas aldeias e com os pacientes com HIV/AIDS que atendi e atendo ao longo dos anos.

Este foi um momento experimentado e sedimentado por quem, de repente, vive uma nova pandemia e um novo cotidiano, que, além de ter me afastado das aldeias indígenas, mais uma vez se fez necessário lidar na rotina profissional, com o enfrentamento direto de estigmas e da exclusão social, a fim de que cada MVHA pudesse (sobre)viver mais uma vez ao temor de uma desconhecida doença, que insistia em aparecer e trazer mais casos de mortalidade a cada dia.

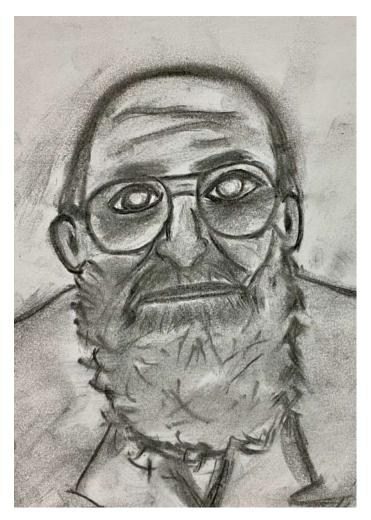
É nesse ambiente, sob um vendaval de (des)encontros de informações e formações na área da Educação e da Saúde, um descompasso político e econômico no país, escolas por muito tempo fechadas e o mundo virtual sendo o "novo" nos ambientes de trabalho e familiares, que fui ressignificada pela escuta dos aprendizados na pandemia do vírus HIV e novas escutatórias, amplificadas pela pandemia da COVID-19.

Na aposição destas duas pandemias aprendi com as MVHA que cuidam, educam, sentem, agem por estes caminhos, a contribuir e dar sentido, ao significado que isso tem em suas vidas, como se protegem e aos seus filhos. Enquanto isso, escuto, dialogo, aprendo, ensino e aqui vou trazendo uma fala, entre um milhão delas, do estudioso Paulo Freire, que parafraseio e me acompanha por toda minha vida na educação e saúde coletiva:

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 32).

Figura 3 - Freire



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em imagem).

1.2 Palavras e diálogos

Neste universo com eras de transcendência de vida e transformações humanas, aos poucos percebe-se que, se realmente há a intenção de se conhecer alguém, seus processos de crescimento, suas crenças, seus humores, suas dores e entender seus passos e escolhas, é preciso sentir seus sentimentos, sofrer seus sofrimentos e se alegrar com as suas alegrias. Ao olhar algo de fora e permanecer somente como observador, não há como compreender completamente, assim como para entender uma árvore é preciso sentir sua natureza. Para compreender os raios de sol, será necessário sentir seu calor. Da mesma forma, para compreender a forma de viver de

uma mãe e seu filho em uma situação específica, precisamos de experiências de vida em seu ambiente e em sua companhia.

Aquilo que afastamos de nós, devemos tragá-lo junto, se quisermos desvencilhar-nos dele. Enfim, para que alguém conheça o seu caminho e tenha força para percorrê-lo, levantar quando cair e tentar reconhecer a sua estrada, entre as inevitáveis encruzilhadas e escolhas de voar ou não, precisamos fazer como quando acompanhamos de perto os primeiros passos de uma criança: orientá-los a buscar sua essência, acreditar e não criar dependência a não serem deles próprios, para ser.

Assim estarão preparados para compartilhar com o mundo, onde nem sempre os finais são felizes ou os amores incondicionais e eternos. Em todas elas, no entanto, as mães existem. Mulheres, mães e o feminino sobrevivem aos tempos e criam seus túneis de histórias no fundo da memória, seja uma vendedora de flores no centro de uma cidade ou uma pescadora à beira mar ou uma sonhadora se jogando nas nuvens ou uma indígena a tramar suas cestas em frente a uma fogueira ou uma mãe vivendo com HIV/AIDS. Todas MVHA, talvez, à procura de aprendizagens, autoconhecimento e individuação que, muitas vezes, parece perdida ou esquecida em algum lugar sombrio entre a alma e o coração mas, alquimicamente, essa busca chegará na *rubedo*¹.

Mas busca por autoconhecimento, pelo Si-mesmo, não se encerra quando chegamos na fase da *rubedo**, de fato, nunca termina; é cíclico, circular. Outras buscas vão acontecendo, em paralelo ou em outros momentos. Assim como o processo de individuação, a busca pelo autoconhecimento nunca se encerra. As aprendizagens são permanentes, e as etapas nem sempre se processam de maneira linear (SOUZA, 2019, p. 116).

Há que se dizer que os diálogos por mim vivenciados e transcritos, que em muitos momentos me trouxeram muita angústia e ansiedade - pois não eram nada lineares -, foram logo diminuídas ao longo dos encontros com o Grupo de Pesquisa PEABIRU, com o grupo de Orientação, os Seminários da Linha de Pesquisa, as falas

¹ Rubedo: na alquimia, nessa fase ocorre uma síntese interna, a superação daquilo que desagrega internamente; o equilíbrio. Como o simbolismo do casamento do sol com a lua, do céu com a terra, o momento da *conjunctio* (conjunção), a fusão, uma espécie de acasalamento entre consciente e inconsciente. Observa-se então, que esse processo em busca do autoconhecimento produziu uma transformação, um estado de equilíbrio (Souza, 2019).

com meus professores e colegas do Doutorado e do CEMAS. Cada um colocou o seu ensinamento, jeito e tempero. Certamente, cada colega, professor e mãe vai se encontrar ao longo de alguma destas linhas e nas profundas reflexões sobre os sentimentos e modos de agir das autoras e na surpresa inesperada do presente, ao se depararem com uma nova pandemia na sua história de vida, que foi um sopro de inspiração para valorar a vida e o viver, que veio em forma de releitura das transcrições do passado, através da escutatória de histórias destas mulheres, e agora, por mim compartilhada nesta tese.



Figura 4 - Mulher.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Porque, às vezes, a vida é assim: temos a resposta na nossa frente, mas não enxergamos, pois não estamos preparados para ver. Assim como muitas vezes não sentimos o que tocamos e tampouco escutamos o que ouvimos. Como eu poderia pensar em como sentir ou formas de agir, sem perguntar, sem dialogar, sem escutar, sem perceber a resposta, sem reler a pergunta?

É preciso mais que uma lupa para enxergar; é preciso sensibilidade, seja ao toque dos dedos, dos ouvidos, da alma ou do coração, num passo de dança ou numa canção que emociona quando olhamos nos olhos e nos damos as mãos. Assim, parti para a tese, lendo, relembrando escutas, revivendo livros, encontros e abraços emocionados, transcrevendo, transmutando, deixando o meu espírito conversar comigo, com meus antepassados, com os semblantes que abracei e posso compartilhar agora contigo, mais ou menos, assim:

No princípio de tudo, eu era Eva², criada de uma costela de Adão, para dar a ele filhos e felicidade. Mas talvez eu fosse sexualizada demais, gostasse de ouvir serpentes e comer maçãs e, por fim, fiz Adão pecar. Fomos expulsos do Paraíso mas, mais tarde, fui Maria³, dando à luz um menino que traria amor e salvação. Sofri muito na gestação, no parto, na sua criação e até na sua ressurreição. Depois, fui Maria

² No Livro do Gênesis da Bíblia Hebraica, Deus cria Adão do pó da terra e o põe no Jardim do Éden. Para Adão é dito que ele pode comer livremente de todas as árvores no jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Subsequentemente, Eva é criada a partir de uma das costelas de Adão para fazer-lhe companhia. Eles são inocentes, sem vergonha da sua nudez. No entanto, uma serpente enganou Eva, convencendo-a a comer o fruto da árvore proibida. Ela dá também a fruta para Adão. Esses atos lhe dão conhecimento adicional, mas também noções negativas e destrutivas, como o mal e a vergonha. Deus posteriormente amaldiçoa a serpente e a terra, e diz à mulher a ao homem que haverão consequências pelo pecado de desobedecê-lo. Ele então os bane do Jardim do Éden (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

³ Maria: por obra do Espírito Santo, concebeu, no Seu seio virginal, e deu ao mundo Jesus Cristo, o Filho de Deus, consubstancial ao Pai. Ele, ao nascer da Virgem Maria, "tornou-se verdadeiramente um de nós", fez-se Homem. Desse modo, mediante o mistério de Jesus Cristo, resplandece plenamente, no horizonte da fé da Igreja, o mistério da Sua Mãe. Por sua vez, o dogma da maternidade divina de Maria continua sendo para a Igreja, como um selo de autenticidade no dogma da Encarnação, na qual o Verbo assume realmente a natureza humana, sem a anular, na unidade da Sua Pessoa (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

Madalena⁴, apedrejada até cair no chão, mas isso não bastaria para eu encontrar perdão e adiante, fui Joana D'arc⁵. Morri queimada numa fogueira ateada no chão.



Figura 5 - Eva.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em pensamento).

⁴ O que se sabe sobre a biografia de Maria Madalena, é que ela foi uma mulher que havia sido oprimida por possessão demoníaca, mas, tendo sido curada pelo Senhor Jesus, passou a segui-lo fervorosamente, inclusive contribuindo com recursos necessários em seu ministério itinerante. Com sua devoção sincera, ela esteve presente na crucificação e foi a primeira a vê-lo ressurreto (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

⁵ Joana d'Arc foi uma camponesa que teve participação relevante na Guerra dos Cem Anos, liderando as tropas de Carlos VII em conquistas importantes. Capturada pelos ingleses, foi julgada e condenada à morte na fogueira por bruxaria, sendo executada aos 19 anos de idade. No século XX, teve sua imagem reabilitada e hoje é um dos grandes nomes da história francesa (SILVA, 2022).

Voltei e passei então a ser Amélia⁶, a mulher de verdade, cabeça baixa e sem nenhuma vaidade. Depois nasci Geni⁷: eu era um poço de bondade, mas eu "dava" pra qualquer um e me apedrejaram de novo. Queriam fazer eu acreditar que eu era "feita para apanhar e boa de cuspir". Mas quis o destino um dia que eu nascesse, Magdalena. Eu pintava, escrevia, desenhava, falava, escutava e até bordava. Hoje, podem me chamar de Frida⁸, pois é assim que fui educada e como aprecio ser chamada.

⁶ Amélia: Samba de Mário Lago e Ataulfo Alves é um clássico da música brasileira de 1942. A letra dizia que ela achava bonito passar fome ao lado do marido, não tinha a menor vaidade e era chamada de mulher de verdade.

⁷ Geni: *Geni e o Zepelim* é uma das canções mais fortes da MPB. Composta por Chico Buarque em 1978 como parte do espetáculo *Ópera do Malandro*, a música permanece atual e suas críticas continuam válidas. A letra começa nos apresentando Geni e o primeiro aspecto retratado é sua vida sexual. O corpo dela é dado como um objeto e, na descrição, ela se resume basicamente a isso.

⁸ Frida: Frida Kahlo (1907-1954) foi uma pintora mexicana conhecida por seus autorretratos de inspiração surrealista e também por suas fotografias. Frida Kahlo, nome artístico de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, nasceu na vila de Coyoacán, no México, no dia 6 de julho de 1907. Filha de pai alemão e mãe espanhola desde pequena teve uma saúde debilitada. Com seis anos contraiu poliomielite que lhe deixou uma sequela no pé. Com 18 anos, sofreu um grave acidente de ônibus que a deixou um longo período no hospital. Apesar de deprimida e incapacitada de andar, Frida passou a pintar sua imagem, com um espelho pendurado na sua frente e um cavalete adaptado para que pudesse pintar deitada. Dizia: "Para que preciso de pés quando tenho asas para voar". Sua primeira pintura foi "Autorretrato em um Vestido de Veludo", dedicado a Alejandro Gómez Arias, seu ex-noivo. Recuperada, Frida passa a estudar desenho e modelagem na Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México. Em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Mexicano, onde conheceu Diego Rivera, um importante pintor do "Muralismo Mexicano".

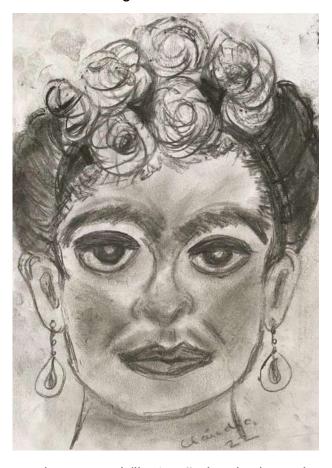


Figura 6 - Frida.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em imagem).

1.3 Para entender a busca da tese

Na elaboração da tese, as reflexões sobre a vontade de articular as propostas da linha de pesquisa do doutorado - ATLE (Aprendizagens, Tecnologias, Linguagem e Educação), de minha vivência acadêmica, e das rotinas na área da educação e saúde no CEMAS. Uma decisão tomada através das leituras feitas pelos caminhos percorridos e perante colegas do grupo de pesquisa PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade ("Caminho do Sol", em guarani), do grupo de pesquisa UFRGS/UNISC e de mães indígenas Guarani e Kaingang. Parceiros de estrada que estão comigo nesta jornada, me dão ouvidos, escutam, orientam nos esboços, riscos, me dão a chance de voar e me puxam para o chão.

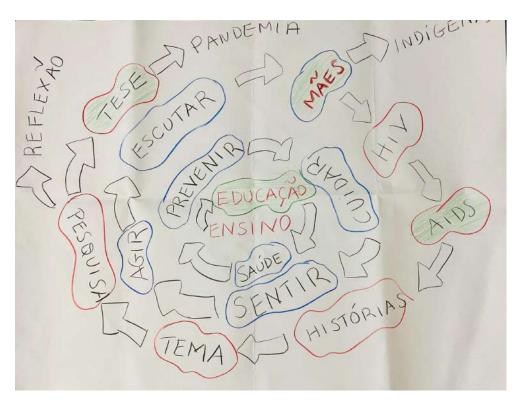
Figura 7 - Mãe Indígena Kaingang.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em imagem).

PEABIRU, grupo de colegas e professores, indígenas e não-indígenas, que me ensinaram a escutar mais do que falar, observar mais do que gesticular e refletir mais do que explicar. Escutei, observei e refleti, e foi através do desenho de uma Mandala (figura 3) que fui convidada pelo universo a pesquisar o tema sobre as mães vivendo com HIV/AIDS.

Figura 8 - Mandala 1.



Fonte: arquivo pessoal.

Essa mandala, segundo Jung (2000):

significa uma ferramenta ou suporte para a transformação e crescimento interno no indivíduo, a fim de alcançar a totalidade, possuindo um papel decisivo na compreensão da vontade humana. Por meio dela, conseguimos observar como a nossa mente evolui, se altera e responde ao mundo interno e externo (JUNG, 2000, p. 347).

Um mundo e um campo tão vasto e desconhecido para mim, em que aquela pessoa - profissional da educação e saúde, cirurgiã-dentista e professora -, buscava se encontrar como pesquisadora e educadora, e mergulhava num vasto campo de incertezas, na busca do caminho a seguir. Como reflexo disso, a busca por espaços comunitários envolvidos, com um trabalho acolhedor, com vínculo, e onde a escuta sensível cura mais do que qualquer exame prescrito ou medicação receitada.

Muitas vezes fiquei dividida pelas pesquisas com mães indígenas através do PEABIRU ou com mães soropositivas para o HIV, atendidas no CEMAS: será que eu deveria ter me absorvido por este mundo novo, por uma nova paixão, que fez eu começar a me conhecer, entender minha história, aprender a escutar, valorizar o

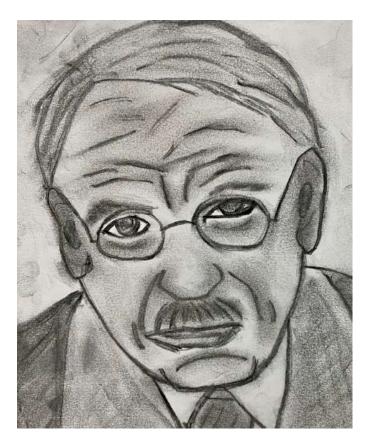
silêncio, a força da natureza, o valor inerente da ancestralidade, dos avós, pais e filhos e, acima de tudo, escutar a mim mesma? Confesso que a trajetória na universidade (1988-1991), na atenção básica (1996-1998) e na atenção especializada (1999-2022) foi repleta de novos conhecimentos e vivências do que é escutar.

Tais estudos e trabalhos diários com HIV/AIDS exigem atenção diferenciada, mas não necessariamente especializada, pois com relação aos procedimentos odontológicos, são os mesmos de um paciente soro discordante (HIV negativo). Foi esta forma comprometida, acolhedora e humanizada que me fez gatinhar por este caminho, e uma indagação que foi assentando e confirmando curiosidade na pesquisa – o modo de agir e sentir materno. Pois bem, era chegada a hora da difícil escolha: mães com HIV positivo ou mães indígenas? Tanta sabedoria e uma dura escolha que necessitava trazer leveza para o meu coração, pois sempre acreditei que precisamos estar apaixonados pelo nosso tema e campo de prática.

Dessa forma, tive o processo de escutar minha professora orientadora-conselheira, Dra. Ana Luiza Teixeira de Menezes e minhas colegas - conselheiras, Dra. Fátima Rosane Silveira Souza e Dra. Maria Cristina Graeff Wernz, professores Dr. Felipe Gustsack e Dra. Sandra Regina Simonis Richter - da Linha ATLE e do grupo de pesquisa PEABIRU.

O colega Kaingang, doutorando Onório Isaias de Moura, me disse: "escuta tua ancestralidade, tua história e teu coração". Segui a fala do mestre, escutei a minha ancestralidade, a minha história e o meu coração pois "quando a ancestralidade está em nós, a educação dos antepassados está viva" (MOURA, 2021, p. 100), como também temos vivo o nosso caminho dentro do coração e faz o despertar da alma. As palavras de Souza (2021) fizeram eu ficar leve e seguir pelo caminho que o vento foi me levando ao longo dos anos, e me fez descobrir o prazer mais profundo do aprender ensinando e ensinar aprendendo. No entanto, sempre me questionando, e talvez Jung (2017) tivesse uma resposta: "Mas como posso conseguir o saber do coração? Só poderás conseguir este saber vivendo plenamente tua vida. Tu vives tua vida plenamente quando vives também aquilo que nunca viveste" (JUNG, 2017, p.121).

Figura 9 - Jung.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em imagem).

A partir disso, tive uma resposta: unir as experiências vividas, nos encontros e reencontros tramados em rede, a partir da ancestralidade, dos meus pais, dos meus estudos, do meu trabalho com mães vivendo com HIV/AIDS. Neste momento, sou desafiada a pesquisar e me dedicar a este profundo tema: refletir sobre os sentimentos e o modo de agir de MVHA, através da escutatória de histórias. Uma abordagem que, além do processo de construir a Mandala 1, representa a conquista de dar voz e escuta às mulheres e às leituras, espelha o desafio de ampliação do exercício feminino no presente, para reflexões futuras a partir deste (re)encontro de possibilidades futuras, junto à Educação, valorizando o diálogo e a escuta feminina, pois também

no movimento das leituras, das reflexões, dos achados inesperados, vou construindo pequenos caminhos - ora com flores, ora com espinhos -, estradas largas, pequenas pontes, amplos acessos. Da imagem do portal da aldeia, ao portal de entrada da academia, caminhos, idas e vindas. Encontros que

provocam não só o estar-sendo-no-mundo, mas o estar-no-mundo-sendo com intensidade (WERNZ, 2021, p.110).

Assim vem ao meu encontro a possibilidade de compartilhar experiências e aprendizados com colegas, alunos e pacientes, bem como a replicação das descobertas, na atenção às MVHA, num mundo novo, seja por HIV ou pela COVID-19, como colocado por Gomes (2016) quando afirma que

não somos tanto o que dizemos, aderimos, lemos, propomos. Somos o que fazemos. Os gestos. A forma como qualificamos os outros, nos relacionamos de forma respeitadora e não mesquinha. Somos o que vamos sendo (p. 228).

Portanto, construir pensamentos e reflexões é o que busco através desta tese, além de compreender o que venho percebendo, que deveria sustentar os movimentos nos diversos cenários de prática, como a educação familiar, que tenho experienciado através das Estratégias de Saúde da Família (ESFs) e do Programa de Saúde na Escola (PSE). Tenho a convicção pessoal, profissional e acadêmica de que o estudo e a busca de novos aprendizados e conhecimentos nos transforma, nos aprimora e nos possibilita crescimento.

Vislumbro que, junto ao PPGEdu, o Programa de Doutorado em Educação da UNISC, é possível problematizar a resposta dos grupos envolvidos aos Programas e Projetos de Educação em Saúde e, assim, perceber as linhas que tange nossa sociedade, como refere Santos (2018, p. 412) quando aborda a percepção da existência de uma linha abissal.

que divide o mundo entre sociabilidade (e subjetividade) metropolitana e sociabilidade (e subjetividade) colonial e que prevalece atualmente tanto quanto no tempo do colonialismo histórico, ou seja, os que estão do outro lado da linha não são considerados verdadeiramente ou completamente humanos.

Cabe, embora eu resista a entristecer este início de conversa, trazer um exemplo, explicitamente presente desta linha abissal na sociedade brasileira: a violência contra a mulher e o aumento de casos de feminicídios - um reflexo social que demonstra uma total ausência de humanidade. Esta linha sub-humana foi conceituada por Santos (2018), e ganha cada vez mais, extrema importância, na medida em que suas razões estão calcadas simplesmente no fato de a mulher ser mulher e, portanto, ela não ser considerada verdadeiramente ou completamente humana. Por muito tempo

o pensamento crítico ocidental desconsiderou a existência dessa fronteira e desenvolveu uma crítica social excludente, especialmente para mulheres, negros, indígenas, como se isso significasse melhores condições para a perpetuação da população ocidental (SANTOS, 2018).

Vejo, a partir do entendimento de que a Educação, ao mobilizar autonomias individuais e também coletivas, possibilita perceber a diferença entre os indivíduos e dos movimentos na luta por direitos e na contribuição para a ampliação do significado dos direitos de cidadania e, consequentemente, abrir a possibilidade da instituição do crescimento, desenvolvimento e a mudança na vida cotidiana das mulheres.

Uma articulação de saberes e vivências experienciadas, que sempre me envolveu, estimulou e desafiou; que advém das minhas percepções enquanto professora de Saúde Coletiva e no Conselho Municipal de Educação, onde via presente, muitas vezes, um "adestramento" na área da saúde e uma conformidade na área da educação, ainda condicionados e com uma forte influência do modelo biomédico e escola-centrados, que é o que presenciamos no "combate" à pandemia do novo coronavírus, focado no modelo hospitalocêntrico e nas orientações faladas e replicadas, mas não ensinadas, portanto não aprendidas, pois não remetem ao pensar e refletir.

Na realidade é, para mim, um círculo que percebo: a educação individual *não formal* é dada e muitas vezes constituída pela prática social, que se dará nestas ações coletivas, caracterizadas pelos movimentos sociais e terão na cidadania coletiva o seu maior objetivo, mas com resultado na consciência política desta mulher, mas algo acontecerá sem o feminino emergir? Como saber, sem questionar, perguntar, dialogar, escutar e transformar sentimentos em palavras e palavras em sentido.

Gohn (1997, p. 104) refere "passar por um processo de ação grupal e vivida como práxis concreta de um grupo, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente". Esse processo permite a produção de sentidos para a vida e a vontade de agir em direção às mudanças que se julgam necessárias, pois é fato

que o ensino constrói cenários de comunicação em linguagens diversas, transformando as informações em dispositivos para o movimento de construção e criação.

Reforçando a ideia de que Educação implica atos pedagógicos, que fazem com que as informações básicas sobre a educação e saúde dos grupos sociais contribuam para aumentar a visibilidade sobre sua inserção histórica, social e política, elevam-se suas enunciações e reivindicações, conhecendo-se territórios de subjetivação e projetando-se caminhos inventivos, prazerosos e inclusivos. Neste contexto, o Ministério da Saúde (2008, p. 16) colocou, como uma das suas ações, a Educação em Saúde, que englobava palestras, rodas de conversas, visitas domiciliares, organização de grupos, e que constituía em uma das linhas de ação para a prevenção do HIV, mas que foram abruptamente suspensas por outro vírus, o SARS-COV-2.

Por acreditar na qualidade de vida como opção de escolha saudável, na busca incansável da pedagogia na formação dos indivíduos, no pensar humanizado, no agir sensível de forma individual e coletiva, a tese, ainda, poderá corroborar a importância da escuta qualificada na Política Nacional de Humanização (PNH), do HumanizaSUS, da pedagogia, na política intersetorial dos Ministérios da Saúde e da Educação, o PSE direcionado para crianças, adolescentes e adultos, e do sensível, na Política Nacional de IST/AIDS.

Gostaria de deixar o registro, mesmo que redundante, mas tão importante para eu seguir com as escritas: meu histórico de atividades no CEMAS, da especialização em Saúde Comunitária, mestrado em Desenvolvimento Regional e da trajetória ao longo do Doutorado em Educação no PPGEdu da UNISC, perpassou por todos meus caminhos percorridos até aqui nesta narrativa. Desta maneira, foi o alicerce do projeto de tese e, posteriormente, da pesquisa, e me conferiu a plena consciência das responsabilidades e do comprometimento com a vida acadêmica e na construção do estudo – uma jornada recompensadora, que me traz um retorno interno indescritível.

Deste modo, a experiência da minha escutatória e diálogos, ao longo destes anos no ambiente de trabalho, reitera o quanto é primordial "dar ouvidos" como afirma Bruno Kaingang (2019) em seus relatos verbais. Precisamos escutar, com qualidade e

sensibilidade, os relatos dos modos de educar das mães, diferentes entre si e pertencentes a grupos desiguais socialmente. Atrevo-me, dizendo que o ser humano é mais do que isso: é experiência, é palavra, é sentido, é a natureza, como diz o indígena e estudioso Dorvalino Refeg Cardoso (2022), "o fogo esquenta a memória e ajuda a flutuar os pensamentos".

Assim como Santos (2018), que nos traz em suas palavras que o conhecimento não é possível sem o ato de experienciar, tanto que "a experiência é inconcebível sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós. É através da experiência que nos abrimos ao mundo, uma abertura que é concedida apenas pelos sentidos" (p. 275).

Quando fazemos coisas com as palavras, é a expressão de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e significamos as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2015, p. 21).

Desta forma, a releitura das transcrições das escutatórias e diálogos reforçou em mim a necessidade da pesquisa e o saber da experiência vivida, jamais esquecendo-se que toda pessoa é composta por palavras e linguagens, verbal, abstrata ou não-verbal. Ou, como trouxe Aguiar (2019, p. 106): "são as palavras que dão sentido às coisas". Abordar diferentes narrativas dentro de um tema central em um espaço de atenção à saúde exige, certamente, uma escutatória extremamente sensível e "emerge a importância da alteridade: o olhar o outro, com a visão dele" (AGUIAR, 2019, p. 107).

2 PARTE I: A PARTIDA

Esta tese propôs uma pesquisa qualitativa com uma metodologia reflexiva-vivencial, com base nas transcrições de escutatórias de histórias das MVHA, em que resgatar o trajeto vivido e percorrido, antes e ao longo do tempo, foi fundamental. "Todo conhecimento científico é um autoconhecimento e a pesquisa leva tanto ao conhecimento do outro como ao seu próprio conhecimento", como destaca Santos (1987, p. 52). A pesquisa envolveu a ideia de escutatória, onde fui conversando e registrando, num movimento de reciprocidade, de proximidade entre o que diálogo, escuto e o que transcrevo, trazendo pontos que considerei necessários a serem observados e que envolveram realidades distintas, ou seja, trazer uma metodologia em que o principal foco fosse o estudo dos sentimentos e modo de agir das autoras.

Como interculturalidade e na teorização sobre cultura e autonomia política, busquei, através das escutas transcritas, produzir e refletir, junto com as mães, um pensamento e prática que pressupõem um diálogo de saberes entre mundos diversos, e construir formas de cooperação entre o que se teoriza e o que se sente, refletidas em práticas de educação em saúde familiar e, consequentemente, na prevenção de doenças comunitárias. Essa pesquisa se situa num campo heterogêneo de educação e saúde, num contexto individual e coletivo (SANTOS, 1987). Além desta afirmação, pode-se dizer que tais processos se dão de maneira específica, ou seja, guiados por formas de ver e estar no mundo próprio das MVHA pois assim como aconteceu com o feminino.

é possível defrontarmo-nos com a emergência de matrizes de racionalidades outras tecidas a partir de outros modos de agir, pensar e sentir, seja na América Latina, na África, na Ásia, entre segmentos sociais não-ocidentais nos Estados Unidos, no Canadá e até mesmo na Europa, com diversas populações indígenas e de afrodescendentes, que clamam por se afirmar diante de um mundo que se acreditou superior porque baseado num conhecimento científico universal (imperial) que colonizou o pensamento científico em todo o mundo, desqualificando outras formas de conhecimento (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 220).

Desta forma, vivemos dimensões interculturais e paralelamente, modos diferentes de ser uma MVHA, em modos distintos de sentir e agir, e isso provoca um

enfrentamento de como escutamos e educamos. Por isso, reforço a importância deste estudo, na busca de relações mais horizontais, como a trama de uma rede, na qual a pesquisa é percebida como uma prática de interculturalidade, o que pode colaborar para o que explica Freire (2003).

O autor supõe que há sujeitos e espaços histórico-culturais que invadem e outros que são invadidos ou penetrados, onde se impõem sistemas de valores por meio de um tecido de relações que são expressas em posições antagônicas, em relações invasores-invadidos, nas quais os primeiros (invasores) agem e os segundos têm a ilusão de que agem, acreditam agir, mas não o fazem, e somente respondem passivamente à manipulação autoritária daquele que invade. Nesse sentido, é imprescindível para o invasor despojar de significado a cultura invadida, fraturar suas características e, inclusive, enchê-la de subprodutos da cultura invasora (FREIRE, 2003).

O verdadeiro humanismo, portanto, não pode aceitar a manipulação e a conquista, como o próprio Freire (2003) destacou. Para ser um humanista de fato, não há outro caminho que não a dialogicidade, e ser dialógico é dialogar, vivenciar esse diálogo, não invadir, nem manipular, tampouco impor ou mandar. É escutar de forma sensível para empenhar-se na transformação constante da realidade. "O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo [...] o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos" (FREIRE, 2003, p. 46).

Neste contexto, os campos da Educação e da Saúde, para serem verdadeiramente humanistas, devem ser de forma libertadora e ter, nas preocupações centrais, a conscientização que se produz nas pessoas quando agem, quando trabalham, quando se relacionam com o mundo e com relações de transformação. Ou seja, essa conscientização é o resultado de seu enfrentamento com a realidade concreta e, inevitavelmente, irá refletir nos perigos da invasão cultural na família e, em consequência, na educação popular (FREIRE, 2003).

A metodologia foi uma forma de pensar humanizada, em uma relação de pesquisa, de educação e mudança social, bem como criação de concepções teóricas

que permitam fortalecer o coletivo de MVHA, enquanto pessoas singulares que fazem parte de um grupo cultural onde a verbalização corporal, o olhar, o silêncio carregado de histórias, falam mais do que elas mesmas conseguem expressar e traduzir. Entendendo a humanização, como o caminho pelo qual as pessoas podem chegar a ser conscientes de si mesmos, de sua forma de atuar e de pensar, quando desenvolvem todas as suas capacidades.

Humanização e desumanização são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes da sua inconclusão. Mas se ambas constituem uma possibilidade, só a primeira parece constituir a vocação do homem (FREIRE, 2003, p. 48).

2.1 O método na busca

O método de pesquisa foi a fenomenologia, um estudo construído a partir de um conjunto de fenômenos e suas manifestações. Esses fenômenos são considerados a partir da matéria dos sentimentos e ações dos diálogos, das escutas e transcrições ao longo de 26 anos, a partir da vivência e vínculo com cada MVHA e das conversas que abordavam a essência das coisas, como são percebidas e sentidas por elas. Ou seja, foi realizada, na pesquisa, uma compreensão fenomenológica, a fim de proporcionar o entendimento da vivência das autoras na realidade em que vivem, além de refletir como essas mães se percebem e como agem a partir dos seus sentimentos.

O diálogo com as autoras envolveu a consciência, possibilitando emergir o pensamento, expor sentimentos, modos de perceber as realidades vividas e as reflexões que deram suporte à forma de estar com cada uma e representá-las posteriormente através de palavras. Segundo Cavalcante (2008), a própria palavra "diálogo" é pura riqueza e sabedoria; é originária das raízes gregas dia e logos e significa "por meio do significado". Dialogar trata-se de uma prática muito antiga; encontra-se referência a essa forma de comunicação humana nos trabalhos dos gregos antigos. Um outro exemplo se apresenta entre os povos indígenas e, no Brasil, a grande referência é o educador Paulo Freire.

Durante a pesquisa, para preservar o sigilo inerente do diagnóstico das mães participantes e, concomitantemente, na prevenção da transmissão e contágio do vírus da COVID-19, a transcrição dos diálogos se desenvolveu no CEMAS, a partir das anotações e registros ao longo da escutatória de histórias de vida a cada momento de encontro. Todos os nomes colocados na tese são fictícios porém inspirados no sentimento real que trago por cada uma das MVHA e de suas expressões. Assim, permitiu-se a análise de sua realidade a partir das conversas nesta escuta social, a fim de produzir reflexões a respeito do tema proposto, sem exposição das autoras ou qualquer forma de identificação para os leitores da tese. Com isso, resgatar de forma sigilosa mas com possibilidade de escutas e diálogos, relativo à experiência de ser mulher, mãe, soropositiva para o HIV e viver uma nova pandemia, com ressignificados importantes para o conhecimento e reflexões do tema pesquisado (MARCONI; LAKATOS, 2003).

2.2 Processo da trajetória da pesquisa

O processo de pesquisa envolveu diversas etapas que buscaram uma trajetória na construção da tese, e esta, procurou ser o mais planejada e organizada possível, para assim, atingir os objetivos gerais e específicos do projeto apresentado, de forma sigilosa e segura, e respeitando as normas internas da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul, Secretaria de Saúde, CEMAS, PPEdu e UNISC.

As etapas foram as preconizadas pelo PPGEdu para o Projeto e na Tese, tais como: escolha do tema; revisão de literatura; justificativa; formulação do problema; determinação dos objetivos; metodologia; coleta de dados; análise e discussão dos resultados; reflexões; considerações finais; e a redação e apresentação escrita da tese, que buscou ser um estudo inédito e viável, assim com base em apontamentos como os utilizados por Freire (2003), que busca expressar o futuro a se construir, a futuridade a ser criada, o projeto a realizar-se a partir do diálogo.

Essa expressão de futuro tem a ver com a noção de sonho e de utopia. Para Paulo Freire a *utopia* está ao mesmo tempo no ato de denúncia do mundo desumano e no de anúncio do mundo humano a ser construído pela nossa ação transformadora. Inédito viável é a possibilidade ainda inédita de ação que não pode ocorrer a não ser que superemos as *situações-limite*, transformando a realidade na qual ela está com a nossa práxis, ou seja, a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa acerca do que se faz (FREIRE, 2003).

Para o estudioso, situações encontradas ao longo da jornada não devem ser contornadas, mas analisadas, enfrentadas e estudadas em suas múltiplas contradições, sob pena de reaparecerem mais adiante com força redobrada, pois

não são as situações insuperáveis além das quais nada mais existiria, são situações que desafiam de tal forma a prática dos seres humanos que é necessário enfrentá-las e superá-las para prosseguir. Elas não constituem um freio como qualquer coisa que não possa ter possibilidades de superação. No início da percepção crítica, na mesma ação se desenvolve um clima de esperança e de fé que leva os homens a se empenharem na superação das situações-limite (FREIRE, 2003, p. 120).

2.2 Instrumento de pesquisa

Um mapa para se descobrir o caminho que leva a um novo ponto de chegada

Segundo Rudio (1986, p. 114) "chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados", ou seja, é estabelecido efetivamente o que será utilizado no desenvolvimento do estudo para a obtenção das informações pertinentes ao trabalho e, para esta finalidade, foi utilizada a releitura das transcrições de escutatórias de histórias de vida em duas pandemias, ao longo dos encontros odontológicos dialogados no CEMAS, nas anotações nas fichas de entrada no serviço e escritas no diário de campo.

 a) Diálogo - relação dialógica que é mantida entre a equipe do CEMAS e as pessoas que buscam o serviço. Essa relação dialógica requer, tanto do profissional que exerce sua função na área da saúde como ouvinte,

- quanto da PVHA que expressa, através das suas falas, sentimentos e modos de agir, permeada por respeito mútuo.
- b) Ficha da entrada no serviço tem por finalidade conhecer um pouco do histórico de vida e o perfil dos PVHA, versando sobre: sexo, idade, grau de escolaridade, religião, situação conjugal e maternal, local de residência e dados clínicos (tempo de diagnóstico da infecção pelo HIV).
- c) Prontuário clínico anotações realizadas de forma individual a cada encontro odontológico, quando são realizados diálogos norteadores como falar um pouco sobre: a história de vida; a relação com a mãe; o que aprendeu com as gerações femininas de sua família; como o feminino se expressa na vivência; o que aprendeu e ensinou sendo mãe; quais sentimentos frente ao HIV; quais sentimentos frente a COVID-19; escolhas de sua vida após o diagnóstico positivo para HIV; o que a guia os enfrentamentos e decisões vivendo duas graves pandemias e o que a vida ensina.
- d) Diário de Campo composto pela transcrição construída ao longo das escutatórias de histórias e, posteriormente, nutrido a cada releitura. A escrita do diário de campo desencadeou a captação de sentimentos e reflexões nas próprias experiências, pensamentos e modos de agir, acerca dos diálogos realizados ao longo dos anos. Portanto, constitui-se na possibilidade de coleta de dados, sob a ótica da pesquisa.

Os diálogos transcritos com as autoras, fichas de entrada no serviço, prontuários clínicos, diário de campo, foram relidos, incluídos ou excluídos conforme os critérios da pesquisa e posteriormente transcritos. Ressalto que as cópias dos originais não foram anexadas no corpo da tese, em virtude do sigilo absoluto no estudo, do serviço e da confiança depositado aqui pelas autoras, bem como a ética da própria pesquisa e do tema.

2.3 Na estratégia da estrada, uma pesquisa qualitativa e reflexiva-vivencial

Em razão da natureza do estudo, foi utilizada a pesquisa qualitativa e reflexiva-vivencial como estratégia metodológica, uma vez que a pesquisa qualitativa facilita a compreensão dos fenômenos humanos e permite conhecer e refletir sobre as escutatórias de histórias. Além disso, Minayo (2007) destaca que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores, sentidos, atitudes e sentimentos, o que corresponde ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis e defende seu alcance para a compreensão dos valores culturais e das representações de determinado grupo sobre temas específicos, nesta tese, MVHA.

Desta forma, a pesquisa qualitativa, tendo como objetivo descobrir quais os significados que as pessoas dão às suas experiências diárias vividas, as informações obtidas através dos fichários das mães e relatos ao longo destes anos foram organizadas e elencadas a fim de dar significado (MINAYO, 2007).

2.4 No iniciar do percurso, o meio para a coleta de dados

Esta pesquisa foi realizada após a Qualificação do Projeto de Pesquisa no PPGEdu - UNISC, sob aceite de Termo de Solicitação Autorização para a Coleta de Dados no CEMAS pela Instituição Parceira - Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul/RS (Anexo 1); aceite da Instituição Parceira (Anexo 2); aceite de Termo de Confidencialidade para Uso de Dados (Anexo 3); aceite de Termo Livre e Esclarecido (Anexo 3); e o compromisso afetivo, ético e moral com as autoras e com o CEMAS, em manter os diálogos transcritos, sob total sigilo das autorias.

De acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde - CNS, a pesquisa com dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual, que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito e, realizada com o intuito exclusivamente de educação e ensino, não necessitando passar pela avaliação do

sistema CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) / CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

Sendo assim, para a coleta de dados foram relidas as transcrições das escutatórias de histórias das autoras registradas no banco de dados e incluídas na pesquisa, sobre os sentimentos e formas de agir, reunindo de forma escrita o conteúdo oral transcrito no diário de campo, mantendo a fidelidade do que foi dito por cada autora e transcrito para o papel. Posteriormente, foram desenhadas mandalas a partir de palavras geradoras que representavam os sentimentos manifestados a cada encontro.

A escolha da releitura das transcrições dos diálogos, enquanto meio para a coleta de dados, bem como sua realização, foi se afinando com a própria temática da pesquisa, que teve como objetivo refletir os sentimentos e os modos de agir das mães vivendo com HIV/AIDS em tempos de COVID-19. Para a pesquisa, foram selecionadas fichas transcritas que apontavam questões que reportaram sentimentos significativos nas histórias de vida e apresentados alguns elementos possíveis de sistematização nas transcrições, a fim de incluir as reflexões surgidas ao longo do processo, inspiradas pelas releituras destes diálogos.

Conforme Ornellas (2011), o diálogo nos possibilita experienciar um espaço de troca de sentido entre quem fala e quem escuta, em que ambos são portadores de uma fala e de uma escuta, as quais aproximam o objeto de reflexão e de teorização do pesquisador. Nesta, a questão referida ao tópico de estudo estimula a narrativa principal das MVHA e, de acordo com Flick (2004), possibilita o aprofundando das possíveis reflexões teóricas.

Ser uma mãe vivendo com AIDS é parte da realidade de cada uma destas mulheres e, portanto, ser mãe e ter HIV, é uma realidade em comum e se identifica com cada uma delas. A vivência relatada pelas MVHA permite e suscita esta identificação expressada através das falas - principal instrumento utilizado durante as consultas odontológicas no CEMAS - gerando uma relação baseada no diálogo, confiança e vínculo - uma práxis da intensidade das escutatória das histórias. Estas experiências

adquiridas com a prática cotidiana determinam o diálogo sobre os sentimentos e os modos de agir das autoras, a partir do diagnóstico positivo para o HIV e suas vivências (CAVALCANTE, 2008).

As escutatórias de histórias vivenciadas eram anotadas à mão e transcritas nas fichas individuais das MVHA e estas foram relidas e selecionados para a pesquisa, seguindo critérios de inclusão, as escutatórias destas MVHA foram as selecionadas para pesquisa: ter entre 18 e 59 anos, adesão ao tratamento com anti-retroviral HIV/AIDS no CEMAS; tratamento odontológico realizado no CEMAS; cartão SUS ativo e com referência o município de Santa Cruz do Sul/RS; histórico da trajetória de vida (pré-aconselhamento), acolhimento e tratamento há mais de 10 anos (a fim de não intercorrer de a paciente ter iniciado seu tratamento ainda menor de idade); anamnese odontológica, autorizada e assinada. Como critérios de exclusão, menores de 18 anos, maiores de 60 anos, sem adesão ao tratamento, Cartão SUS inativado por óbito, sem Cartão SUS referente à Santa Cruz do Sul ou sem autorização assinada na anamnese odontológica.

2.5 CEMAS, um campo a percorrer através do caminho

O CEMAS é um serviço especializado em atenção ao PVHA, criado em 1995 a partir de um projeto de implementação de uma unidade de saúde municipal, de caráter ambulatorial, a fim de acolher e acompanhar os pacientes infectados pelo HIV e os doentes de AIDS. Até então, estes pacientes não tinham um local de atendimento especializado em Santa Cruz do Sul e os pacientes com diagnóstico positivo para HIV ou doentes de AIDS eram encaminhados para Porto Alegre, capital do estado do RS.

O seu primeiro endereço foi em um prédio comercial, porém houve uma mobilização dos proprietários de salas comerciais, solicitando que o CEMAS fosse retirado de lá pois não gostariam do PVHA circulando e usando os elevadores ou escadas. No ano de 1996, passou a funcionar em casas e, desde então, segue funcionando em casas, de forma a não constranger e nem expor os pacientes. Ao longo

deste tempo de funcionamento, houve cinco mudanças de endereço e, neste período, a maioria dos dentistas do município não atendiam a pacientes com HIV/AIDS, havendo necessidade de um atendimento odontológico acolhedor e humanizado.

O atendimento odontológico no CEMAS é exclusivo para PVHA e todo paciente que inicia seu tratamento é agendado, concorda, autoriza e assina o prontuário que dá acesso às informações. A primeira consulta inicia com a anamnese e a escutatória da história de vida, histórico de saúde geral evoluído no prontuário médico e o histórico odontológico. A partir destes três históricos é realizado o plano de tratamento odontológico e dada a continuidade do atendimento, de forma sigilosa e individual. Entre estes atendimentos, históricos de mães com diagnóstico positivo para HIV, que busquei transcrever e dar vida à pesquisa desta tese.

Como um lar, o CEMAS é um lugar, às vezes calmo, às vezes agitado, às vezes triste, às vezes feliz. Um lugar como eu, como você, como a gente e todas as "gentes" que convivem e dialogam ali. Talvez por ser formado por uma equipe de profissionais acolhedores, comprometidos, humanizados e responsáveis por pessoas (pacientes) que sentem falta de abraço num momento de corte, como na ruptura de uma corda que segura um balão de gás e que foge das nossas mãos. Ali se sente, de fato, que o cordão umbilical está cortado, e a vazia solidão, quando toma conta, parece não ter fim.

Aliás, escolhi a palavra "cordão umbilical" como uma representação para tudo o que segura, nutre, cresce. Um termo que traz em si a possibilidade de sentirmos o ar, a respiração, o fôlego e traduz a força da certeza da vida. No momento do seu corte, o ar entra e o choro sai. Um momento de profundo significado. Um significado às avessas quando se tem um resultado positivo para o HIV: o ar se esvai e o choro internaliza. Volta-se para uma caverna, mas não é mais o útero quente e caloroso da mãe - é uma caverna fria e dolorosa.

No CEMAS vivenciei por anos os diálogos e as escutas no pré-aconselhamento de mulheres e mães que chegam na busca de um teste de sorologia para HIV e uma

única e angustiante certeza: querer receber um resultado negativo. Mas de repente, não mais que de repente, as coisas acontecem e o sopro da vida às vezes se desvia e se perde em algum cantinho do caminho. Então vem à tona a única certeza: a morte. Em algum instante, a vida parece escapar por entre os dedos. Como água, esvai-se e chega o temporal.

É em meio a esse turbilhão de sentimentos negativos que se busca, no CEMAS, trazer à tona a fênix que possa estar em cada mulher que irá renascer ali, passando por uma caverna escura, no meio de um temporal, experienciando através das suas escolhas, culturas, ensinamentos, sentimentos, a busca por um vasto horizonte, mas que é necessário reaprender a caminhar e querer chegar. Buscar se reapaixonar pela vida e pelo vento forte que pode nos derrubar mas que, inevitavelmente, nos empurra para frente.

A partir do resultado positivo para HIV, no meio de todo o paralisante medo, a decisão de vida ou morte, ver no sexo um pesar. Entendimento ou negação. O CEMAS passa então a ser um lugar de passagem. Entra-se nele em estado torpe com toda história passada que se carrega, como uma mochila pesada. O presente será diferente. Muitas vezes, perdidas em meio ao medo e desespero, a dor da alma, dos sentidos, dos saberes, dos sentimentos.

O CEMAS é, certamente, por toda a possibilidade de diálogos e escutatórias de histórias, um lugar diferente, um lugar que muitos desejam que seja apenas uma rápida e esquecível passagem, mas que na maioria das vezes é um lugar de (re)encontro permanente. Um lugar onde entram sentindo o medo da morte e, com o vínculo que trazem consigo, conseguem transformar esse medo em esperança de vida. É a vida e a valoração do feminino, a cura social da AIDS e este é o grande lugar e papel da Educação. Foi esse o lugar do diálogo e da escuta, onde reconheci, a partir da educação para a saúde, através da dor da tristeza diante dos olhos e dos sentimentos

gerados, a condição de ser humana, feminina, sexualizada, e o peso das palavras mulher e mãe numa cultura patriarcal.

3 PARTE II: NO CAMINHO, DUAS PANDEMIAS

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca (FREIRE, 1979, p. 53).

3.1 AIDS e COVID-19

Realizar a pesquisa nesse contexto em que vivemos significa perceber como a pandemia da COVID-19 impactou o modo de ser mãe vivendo com HIV/AIDS, uma mãe que forçadamente, por medo do preconceito, viveu, muitas vezes, a experiência do distanciamento social e isolamento físico. Uma mãe que, mesmo acompanhada, se sentia sozinha. Talvez uma mãe que desistiu de falar, pois ninguém a ouvia ou porque tem medo do eco. Na perspectiva futura e nas leituras revistas e relidas, neste estudo, percebo nesse instante, que segue marcante a presença do educador Paulo Freire na minha forma de conversação.

Ao longo dos anos e muitas leituras sobre educação popular, fui percebendo que estamos vivendo uma pandemia que faz pensar o estado de ser soropositivo para o HIV, como um adoecimento ativando o outro, e também da necessidade deste ouvir com atenção, para que possa nos auxiliar como pesquisadores da Educação. Abro um parêntese - cabe ler nas entrelinhas da Política Nacional de Saúde que busca, em Lei, consolidar um modelo de atenção aberto e de base comunitária em concordância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente ao de controle social que impulsionam a autonomia dos usuários e a descentralização dos serviços, na parceria das ações, nos níveis de atenção à saúde primária, secundária, terciária e quaternária, o que, para muitos, é uma utopia a ser conquistada - fecho o parêntese.

Assim, é primordial integrar os conhecimentos adquiridos no PPGEdu ao sensível, às emoções, aos sentimentos, às políticas públicas de educação e saúde humanistas. Ressaltando Donêncio (2014, p. 166), que destaca, em seu estudo, a concepção de educação também como investimento financeiro, presente na contemporaneidade, e como este discurso influencia os discursos tanto do sucesso quanto do fracasso escolar, bem como os efeitos que o insucesso produz na família, que na maioria das vezes é a esperança de que aquele filho (a) tenha um futuro melhor e, o que aponta como um horizonte utópico. Porém, a meu ver, sua busca consolida um

projeto de sociedade e um desafio que estava posto, segundo o Ministério da Saúde (2011, p. 160).

Essas resenhas que vou visitando, aqui ou ali, que me fazem pensar Kusch (1999) quando enfatiza que existem modos próprios de existência, que necessitam ser valorados em produções acadêmicas e práticas profissionais e, quando nos apoiamos numa ontologia popular - como a proposta do filósofo Rodolfo Kusch -, ganhamos uma base teórica para corroborar com um processo libertador. Por isso, é fundamental pensarmos para além da mera reprodução das políticas públicas e nos posicionarmos como quem pode escutar o outro ignorado, seu mundo vivido, sua cultura, e a partir dela, captar os elementos potenciais para sua libertação (DUSSEL, 2011).

Estes modos são complexos, contraditórios, mas coexistem em espaços abissais, como afirma Santos (1987). Existem muitos modos de constituir conhecimentos na América, afirmam as epistemologias do sul, como espaços de produzir pensamentos de modos coletivos, grupais e que consideram o sensível, o sofrimento e a resistência popular, como modo de não deixar morrer, de renascer o sentido tão fortemente assumido de estar no mundo. Um desses abismos é o mundo das mães, tão únicas no fato de gerarem outras pessoas, mas tão diferentes entre si, assim como todos nós.

É preciso escutar como um primeiro passo para desacelerar, retornar, assumindo lugares investigativos de retaguarda. Talvez, assim, consigamos escutar e agir de forma mais afetiva e efetiva, menos abissal e mais sensível, atravessando os diversos contextos educativos que perpassam a constituição e valoração da mãe como educadora, tanto na esfera do privado, do pessoal, do familiar, do comunitário e das políticas públicas de educação e de saúde (MENESES; SANTOS, 2009).

O desenvolvimento humano, voltado para a qualidade de vida, tem múltiplos significados e efeitos. Por um lado, políticas públicas de educação e saúde comprometidas com o desenvolvimento de programas e projetos que avancem ao encontro das reais necessidades populacionais e de acesso. De outro lado, as famílias, norteadas por questões sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais, em tempos

tecnológicos e globalizados, ampliando-se cada vez mais as suas necessidades e vontades cotidianas, que não apenas estejam aperfeiçoando seus processos pedagógicos formais, como também exercendo, no núcleo familiar, um papel educador extremamente importante, com a demonstração de modelos e comportamentos que serão exigidos dos filhos/alunos nos seus diferentes meios sociais.

O conceito de qualidade referido na pesquisa com as autoras transcende o enfoque tecnicista das organizações produtivas e contempla todo o contexto do que podemos denominar de "qualidade de vida", especialmente na complexidade das relações humanas em torno dos cuidados, dos mecanismos de controle e das curas (HOCHMAN; XAVIER; PIRES-ALVES *apud* NETO, 2004, p. 45).

Porém, na comunidade, as pessoas, na maioria das vezes, ainda são compreendidas enquanto nível sócio-econômico-cultural-político, vinculadas ao bairro ou região onde residem e urgem para sobreviver, problematizando na nossa sociedade as aprendizagens nas questões políticas e institucionais, sociais, culturais e econômicas. Deste modo, deve-se compreender e, também, conhecer e reconhecer os caminhos da Educação, ou seja, realidades sedimentadas numa relação histórica, política, institucional e cultural, entrelaçadas na teoria e prática frente ao diálogo problematizador (FREIRE, 1996).

Desta forma, tenho o conceito de Educação e Saúde como essencial no meu ser "humana", como ação humanizadora que produz os meios para a vida. A prevenção, na interface educação em saúde, como uma linguagem que acredito, favorece espaços de diálogo e reflexão sobre a composição e as possibilidades de inserção em suas ações educativas e preventivas. Sou movida e instigada pela necessidade de me aproximar das interações e das redes que foram se constituindo neste percurso de produção das minhas idas e vindas e da educação-saúde, e que foram me reescrevendo.

Compreender os temores de medo, isolamento, solidão, distanciamento e preconceito vividos pelas mães soropositivas para HIV e as repercussões em seus modos de educar refletidos na pandemia da COVID-19, a partir de diálogos e transcrições de escuta sensível na minha prática, como profissional de educação e

saúde. A ideia das reflexões sobre MVHA e seus sentimentos, como percebem seu mundo e agem consigo e seus filhos, surgiu também da beleza da experiência que vivi com mães da cultura Guarani, através da pesquisa "Aprendizagens interculturais do grupo de pesquisa PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade", e com famílias Kaingang e Guarani com que convivi em Aldeias localizadas em Santa Maria/RS e Cachoeira do Sul/RS, onde o lugar da família e da ancestralidade é fundamental no ato de ensinar.

Quando convivi com as comunidades indígenas, assim como com o grupo de MVHA, aprendi a reconhecer a força de mulheres, em sua maioria mães que vivem um cotidiano de ensinamentos diferentes, mas sempre com sentimentos similares: amor e proteção. Muitas foram as realidades atravessadas nas vivências maternas, na condição de serem mulheres e nas percepções do feminino. São essas vozes que escutei nesses anos, esboçando rabiscos que se uniram e deram um formato de palavras. Textos que escrevi, li e transcrevi, integrando oralidade e escrita, bem como ciência, e refletir num jeito diferente de agir no cotidiano da educação em saúde.

Foi assim, no entardecer de 2019, momento em que eu me sentia segura, pela felicidade da decisão: rever, recordar e reler as transcrições das falas das mães vivendo com AIDS/HIV - MVHA, sobre o processo de significação pessoal, na replicação na prática cotidiana, dos sentimentos presentes e os modos de agir, a partir disso; foi quando parecia redondo, redondo como o planeta, redondo como o sol, redondo como a lua, redondo como um arco, redondo como uma mandala e redondo como uma coroa.

Porém, por fim, eu seguiria uma linha reta como uma ponte em que se vislumbra o outro lado, como um túnel que traz a claridade ao fundo, como o tronco de uma árvore que nos premia com flores e frutos em seus galhos, como a direção de uma flecha a acertar o alvo, como a orientação de um farol para o barco à deriva, como a certeza de um calendário e a firmeza de um raio a cortar a chuva. E anoiteceu. Eis o mundo girando e as fases da lua passando. Foi quando, no amanhecer de 2020, somos surpreendidos com o novo formato que haveríamos de nos adaptar: o formato de um vírus cheio de espinhos.

Dezembro de 2019 e um pouco da COVID-19

O coronavírus, uma família de vírus que causa infecções respiratórias, com transmissão de uma pessoa para outra, ou por contato próximo, o que alarmou todos os continentes. Este novo agente do coronavírus foi descoberto em dezembro de 2019, após casos registrados na China, e provoca a doença chamada de COVID-19, uma doença causada pelo coronavírus SARS-COV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves.

Historicamente, os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937 e o conhecimento que se tinha era que a maioria das pessoas infectava-se com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectar com o tipo mais comum do vírus. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020a).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS, a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) poderiam ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e, desses casos, aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório para o tratamento de insuficiência respiratória. No entanto, sua prevenção pareceria simples: lavagem das mãos com água e sabão ou friccionar álcool em gel 70% por 30 segundos, uso rotineiro de máscaras, distanciamento de dois metros entre as pessoas ou, preferencialmente, isolamento social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020a).

O Ministério da Saúde (2021a) apresentou o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação (PNV) contra a COVID-19, uma medida adicional de resposta ao enfrentamento da doença, tida como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), mediante ações de vacinação nos três níveis de gestão da pandemia.

Em consonância com as orientações globais da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), o PNO foi elaborado a partir das discussões que foram desenvolvidas pelos grupos técnicos no âmbito da

Câmara Técnica Assessora em Imunização e Doenças Transmissíveis de acordo com a Portaria GM/MS nº 1.841, de 5 de agosto de 2021, e as reuniões ordinárias Tripartite (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021b).

A partir de um mundo se apresentando diferente desde 2020 e perante a decisão de uma temática educativa que envolvesse educação e saúde, foi através dos sentimentos maternos que inundaram-se meus desejos de busca, de escuta, de encontros, de participação, de descobertas e dos desafios da pesquisa, compreendendo a educação relacionada com os aprendizados e contribuições ao longo do doutorado e de uma nova forma de educar - reflexiva, sensível e absorvida pelos pensamentos e trajetórias de cada um. Frente ao novo coronavírus, mais sentimentos e um novo jeito de agir a se descobrir no fluir dos pensamentos.

"O conhecimento ou a intuição do fim de todas as coisas deram-me a coragem de procurar novas formas de expressão. Não tentei mais impor o meu próprio ponto de vista, mas submeti-me ao fluir dos pensamentos" (JUNG, 2019, p. 25). A cada descoberta de novas leituras e novas escutatórias de história, ampliava minhas indagações, voltando-me para as inquietações permanentes. Em um momento muito especial e único, a intuição foi percebida, através do exercício da Mandala colorida, desenhada através de respostas silenciosas, geradas por questionamentos verbalizados oralmente e gestualmente.

Desta forma, para a insistência ao diálogo como ato de conhecimento, optei, depois de um longo caminho, a pensar uma investigação que priorizasse a escuta dos medos, das vitórias, dos sonhos, dos preconceitos vividos, percebendo que todo esse material simbólico e emocional compõe a educação dessa mãe que sente, age e educa nos silêncios e nas expressões de tantas mulheres e relações vividas. "É preciso dar ouvidos", conforme afirma Bruno Ferreira em encontros do PEABIRU, na UFRGS (FERREIRA, 2019) e na UNISC (FERREIRA, 2022).

Tão profundo foi para minha alma conviver, a partir da pesquisa, com a cultura Guarani e Kaingang, que me senti profundamente absorvida e apaixonada por este novo horizonte e campo de pesquisa. Mais uma vez tomou frente a experiência no

reforço e no esforço em focar na minha busca de construir meu trabalho de tese a partir das escutas transcritas e relidas, de MVHA.

Ouvir, apreendendo a escutar, responder com palavras o que nem sempre conseguimos dizer e, definitivamente, provocar uma grande reflexão: o sentir e o agir das mães tocadas por uma encruzilhada no meio do caminho. Indago sobre tudo que já estudei e trabalhei, o que haveria nessa relação entre profissionais de educação, de saúde e mães e que precisava ser potencializada para que a educação em saúde realmente obtivesse êxito na prevenção de doenças. Saudosa dos encontros presenciais e tentando entender a presença do mundo conectado e virtual no novo dia-a-dia, sentia-me absorvida por este momento diferente de vida e, com a dinâmica sempre humana e sensível, do PPGEdu e da equipe do CEMAS, fui absolutamente envolvida pela vontade de seguir e refletir:

Como as MVHA sentem e anunciam seus modos de agir nesse contexto da pandemia da COVID-19? Quais os anseios que foram ativados, nas contradições, de vivenciar duas pandemias? O que pensam e como vivem a feminilidade, enquanto mães e mulheres? Podemos falar de diferenças de serem mães a partir de padrões arquetípicos e alcançar uma escuta da singularidade de cada mãe? Através das transcrições das escutas, buscar respostas para minhas indagações e como nos traz Menezes (2006), ter uma possibilidade de resgatar falas das mães, guardadas no fundo de memórias da sua própria infância, e que poderiam estar refletidas no modo de educar seus(suas) filhos(as).

Desta forma, também poder enfrentar o desafio de nos deter na problemática educacional posta pela educação das crianças nos contextos coletivos, a partir de uma atuação dinâmica, contínua, equânime, sensível, espiritualizada, alicerçada na interlocução entre a reformulação urgente dos valores culturais, respeito pela vida humana, pela natureza e não natureza, pensamento ameríndio, fenomenologias da imaginação poética, do corpo operante no mundo e da ação narrativa, como nos aponta Richter (2005) e, consequentemente, buscar "promover a necessária abertura a outros

modos de interrogar a educação das crianças" e a "alegria do corpo-espírito saudável" (RICHTER, 2005, p. 102).

As mães surpreendem em suas mais variadas formas de acolher e de viver a partir de seus arquétipos⁹, conceito que será desenvolvido no capítulo III, que envolve diversas facetas dos modos de ser mãe no contexto desta pesquisa. Indago como esses padrões dialogam com as autoras que sofreram a vulnerabilidade na COVID-19 e em seus contextos sociais. Como dialogar com os sentimentos das mães, modos de agir e a experiência do materno numa dimensão mais singular.

Engravidei do primeiro marido mas tive um aborto por violência doméstica e separei. O segundo marido faleceu de HIV, 5 meses depois da separação. Fui contaminada pelo segundo marido e quando eu soube, a minha mãe havia falecido de câncer há poucos meses. O meu segundo marido não contou para ninguém que tinha HIV, mentiu pra mãe, que achava o filho sempre magro e adoecido. Dizia que não tinha coragem de contar pra mãe e eu nunca escondi ser HIV mas lembro quando eu soube - o chão se abriu. Meu segundo marido morreu sem ninguém saber que tinha AIDS. Era um homem possessivo, violento. Tinha um lado muito ruim, agressivo, mas por outro lado, também era muito carinhoso. Eu tive depressão e uma vontade imensa de partir mas busquei força na igreja e a partir desta força, me mantive forte para me reerguer, manter-me feminina, uma mulher valente e dona de mim. Através da meditação e da busca pela qualidade de vida, hoje me sinto saudável. Tenho certeza que o HIV trouxe vida pra mim. Fez girar uma chave e valorizar a vida. Na Covid-19 senti muito medo e tristeza pela morte do outro. Aprendi a ser forte com tudo que vivi e com a dor de perder a mãe, ter a filha molestada e também ter sido molestada, perder a quarda da filha e ter maridos violentos. Com o HIV. consegui melhorar como pessoa e comigo mesma. Aprendi a conhecer as doenças e como prevenir. Minha mãe me ensinou a amar, a ajudar, compartilhar, ter empatia. Cuidava dos outros, mas não me cuidava. Amava, mas era humilhada, agredida, rebaixada. Talvez por falta de amor próprio. Me entendo como meio bruxa, meio fada. Guerreira e amorosa. Sou um pouco de cada, já me achei um nada mas essa ficou como história para contar do meu passado. Ensinei minha filha a se amar em primeiro lugar e ter compaixão. Aprendi com a filha a amar os animais e a natureza. Hoje vejo neles, a importância do carinho e de ser amorosa sem trocas. A minha filha me trouxe responsabilidade e organização. Tenho uma força interior movida pelo amor à

⁹ Arquétipo: é um conceito da psicologia utilizado para representar padrões de comportamento associados a um papel social. A mãe é um exemplo de arquétipo e têm características percebidas de modo similar pelas pessoas. Esse conceito foi desenvolvido por Carl G. Jung, psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica. Para Jung, esses comportamentos estão no inconsciente coletivo e, por isso, são percebidos de maneira semelhante por todos. Jung (2014) dizia que os arquétipos são uma herança psicológica, ou seja, resultam das experiências de milhares de gerações de seres humanos no enfrentamento das situações cotidianas. As imagens dos arquétipos são encontradas em mitos, lendas, na literatura, e até nos nossos sonhos.

vida e espero ter uma vida longa, feliz e em paz ao lado do meu terceiro marido. Ele sempre soube que tenho HIV e sempre me respeitou. Ter HIV não é vergonha, até porque há muito preconceito na sociedade. Preconceito de todas as formas: cor da pele, tamanho do corpo, gênero, cultura, religião, poder aquisitivo, cabelo, bairro onde mora, colégio onde estuda, roupa que usa. Ter HIV passa a ser mais um preconceito. No início, parecia que todos olhavam, na verdade, todos olham. Olham pq cuidam mais da vida do outro, do que a sua. Cuidam do alheio e não tem empatia. Sou resultado da vida que eu tive e das escolhas que fiz e usei para evoluir. O HIV não é mais uma preocupação. Sou grata a AIDS por ter me ensinado tanto. [Serena, 45 anos, vivendo com HIV há 21 anos].



Figura 10 - Serena

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Eis um desafio que se apresentou na minha rotina profissional: escutar as mães em seus sentimentos e em seus contextos, muitas vezes, sofrido e isolado e,

transformar em palavras registradas. Tive como objetivo refletir os sentimentos e os modos de agir das MVHA em tempos de COVID-19; revisar os relatos transcritos e as repercussões em seus modos de agir; e retornar os resultados da pesquisa para os pesquisados e comunidade. A partir da conquista desses objetivos, buscar, então compreender, lá na linha de chegada, que "o saber não nos torna melhores nem mais felizes. Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas" (MORIN, 2000, p. 10).

3.2 Há 40 anos, a AIDS

A pandemia sexualizada que trazia consigo o medo iminente da morte

Lembro que os primeiros casos da AIDS surgiram nos Estados Unidos no início dos anos 1980. O governo americano parecia ignorar o surto da doença, que foi apontada como um "castigo" divino aos homossexuais — maioria das pessoas infectadas com o vírus naquela época. As pessoas identificadas como soropositivas para o HIV, ou popularmente denominadas como "HIV positivas", viviam em condições de distanciamento social, pois foi amplamente divulgado que o vírus HIV afetaria o intitulado, prematuramente, grupo de risco — homossexuais, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos, e não as pessoas consideradas "normais" ou "comuns".

Inicialmente, a AIDS trouxe novos desafios à promoção da educação em saúde e à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Para os homossexuais, mulheres e adolescentes, em especial, foram muitos os enfrentamentos e influência de fatores como a desigualdade de gênero e a estigmatização. Homens infectados eram rotulados de gays. Mulheres infectadas eram chamadas de prostitutas. Adolescentes infectados eram acusados de serem usuários de drogas injetáveis. Hemofílicos eram condenados para uma morte iminente. Além disso, outro agravante: a população em geral acreditava não pertencer a este perfil e se sentia protegida. Por isso, além das consequências relacionadas à imunidade, a depressão tem uma incidência de cerca de duas a quatro vezes maior nas pessoas vivendo com HIV/AIDS e as taxas de suicídio

são cerca de três vezes superiores à população geral, reflexo da perda de sentido para a vida frente ao próprio adoecimento (PONTES, 2019).

Novamente, em pleno século XIX, uma pandemia trazia à tona o viés de focar num grupo de risco e buscar soluções de tratamento e cura. Porém, trouxe à tona também a importância do ato familiar de educar, o papel relevante das mães e, mais diretamente relacionado à organização dos serviços, a formação e qualificação dos profissionais que atuam nessa área. Portanto, ter acesso a um serviço de qualidade para as mães, escutá-las com atenção, possivelmente refletirá para uma resposta global e efetiva no entendimento e enfrentamento à disseminação do HIV e da SARS COV-2. Esse é o caso do CEMAS de Santa Cruz do Sul/RS, um centro público de testagem e aconselhamento e serviço de assistência especializada em HIV/AIDS. Um serviço de atenção secundária do SUS, com ações preventivas, transformadoras, participativas, emancipatórias, repletas de acolhimento, vínculo, humanização e integrantes da Política Pública Nacional de combate ao vírus HIV.

No entanto, novas estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) mostram que o número total de mortes associadas direta ou indiretamente à pandemia de COVID-19 entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 foi de aproximadamente 14,9 milhões. O excesso de mortalidade é calculado como a diferença entre o número de mortes que ocorreram e o número que seria esperado na ausência da pandemia com base em dados de anos anteriores.

O excesso de mortalidade inclui mortes associadas diretamente à COVID-19 (devido à doença) ou indiretamente (devido ao impacto da pandemia nos sistemas de saúde e na sociedade). As mortes ligadas indiretamente à doença são atribuíveis a outras condições de saúde para as quais as pessoas não tiveram acesso à prevenção ou tratamento. Esses dados preocupantes não apenas apontam para o impacto da pandemia, mas também para a necessidade de todos os países investirem em sistemas de saúde mais resilientes que possam sustentar serviços essenciais de saúde durante crises, incluindo sistemas de informação de saúde mais fortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Até 2020, 37,7 milhões de pessoas no mundo inteiro estavam vivendo com HIV, de acordo com a UNAIDS (2022). Desde o início da pandemia da AIDS até 2021, 36,3 milhões de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS e 53% eram mulheres e meninas, ou seja, aproximadamente 40 milhões de histórias a serem contadas e escutadas.

Sou viúva e minha filha menor tem HIV. Sou católica mas sei que religião mesmo, é Deus. Meu marido não aceitava o uso de preservativo por ciúmes, pois isso era coisa das mulheres que queriam trair. Minha mãe faleceu e morreu sem saber do diagnóstico e quando minha família soube, se afastou por medo de pegar a doença. Eu tinha contado apenas para meus filhos e familiares próximos. Ninguém, além da família e do CEMAS, sabe e, combinei ser segredo de família para não envergonhar ninguém e não tenho mais contato com a família, por preconceito deles com a doença. Senti muito medo de morrer ao saber da doença e tive depressão, precisei da ajuda da psicóloga pois não queria morrer e deixar meus filhos. Sentia preconceito comigo mesma e tive que tomar antidepressivos pois chegou um momento em que a morte parecia a única saída. Da covid-19, não tive medo de morrer mas tive medo dos filhos pegarem e morrerem, principalmente a filha menor que tem AIDS, cuido muito para a família se prevenir da Covid-19 e todos se vacinaram. Todos sabem como prevenir gravidez, HIV e Covid-19 mas se, se previnem, não tem certeza. Saber, eles sabem. A parte triste da Covid-19 foi ter que se afastar dos netos, pois vive hoje, por amor aos netos. O que a faz seguir em frente é a força de viver. Aprendi sobre a AIDS, sempre respeitei os cuidados com a Covid-19 e fiz as vacinas. As duas doenças trazem muito medo, solidão e tristeza. Mesmo com tudo o que vivi, sigo sendo feminina como sempre fui, mas, como mulher, sou muito mais forte. Não dependo mais de homem nenhum. [Vitória, 51 anos, vivendo com HIV há 20 anos].

Figura 11 - Vitória



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Milhões de pessoas morreram em virtude da AIDS e da COVID-19, porém, mesmo as duas doenças não tendo padrões iguais no sentido das consequências e sequelas físicas - e não são o objeto da pesquisa -, coloco estes dados no intuito de ilustrar o momento pandêmico e destacar que urge escutar e possibilitar o diálogo como forma de educar, possibilitar vínculos, escolhas e condutas preventivas básicas no campo da Saúde.

Embora sejam doenças muito diferentes no aspecto biológico, ambas demandam medidas urgentes de ações nas áreas da Educação e da Saúde. De acordo com dados do Ministério da Saúde nos últimos 40 anos, a proporção entre casos de AIDS, na

comparação de gênero entre homens e mulheres e faixa etária entre adultos e jovens, diminuiu, tornando emergente a prevenção desta infecção e do novo perfil desta doença, também de responsabilidade das mulheres e dos adolescentes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020b).

Neste contexto e com uma nova realidade a ser ajustada, a importância de um serviço de atenção especializada é possibilitar que uma pessoa seja capaz de perceber-se, enquanto sente sua realidade que lhe parecia em si inexorável. Assim será capaz de objetivá-la, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora desta mesma realidade. O fatalismo diante da realidade, característico da percepção distorcida, cede seu lugar à esperança. "Uma esperança crítica que move os homens para a transformação" (FREIRE, 1979, p. 26).

3.3 Caminhando comigo na estrada

Minha jornada foi inspirada por Freire (2007), que propunha em seus trabalhos uma educação com formação consciente e protagonizadora das comunidades, oportunizando-as que desvelem a sua realidade para, assim, poderem transformá-la em atos de compartilhamento, onde a "conscientização é um compromisso histórico", implicando o engajamento de homens que "assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo, emergindo, descruzando os braços, renunciando a serem simples espectadores e exigindo participação" (FREIRE, 2007, p. 66).

Nesta conscientização e na compreensão da busca – não pelas certezas, mas pela procura epistemológica -, repleta de saberes provados e uma alteridade latente, experimentando e transformando a mim mesma, em um local de trabalho que exige respeito e ética às diversidades e ideais, sem julgamentos. Houve certamente um esboço acadêmico inicial, que instigou minhas trajetórias mundo afora e os reencontros alquímicos da minha alma, espírito e coração. Lapidando uma profissional concebida embrionariamente na área da saúde, mas que entrelaçou a carreira profissional e seus

movimentos, de tal forma que o seu crescimento e desenvolvimento interno fossem consolidados na linha do tempo, pela Educação, na década dos anos 1980.

Enquanto o vírus HIV despertava e girava o mundo, o meu despertar e girar em 1985 era na Escola Estadual de Ensino Médio Manoel Ribas, o Maneco, em Santa Maria/RS – uma escola que proporcionou aprendizagens importantes para a minha vida: conjugar o verbo escolher; mostrar a importância do verbo saber; aprender o sentido da palavra liberdade; conhecer, na prática, fundamentos de autocuidado e entender que educação e prevenção em saúde andam juntas na vida.

No colégio que tinha a banda marcial mais emocionante que já aplaudi - aprendi a tomar decisões e a manter minhas duas asas bem firmes. Em 1987, fui selecionada para um trabalho científico pela UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com uma Fundação Carioca, sobre a "Peste Gay" e, também, como voluntária para palestras sobre higiene pessoal em escolas municipais do interior de Santa Maria e participar de eventos comunitários, tendo a oportunidade de prestigiar um *show* de *rock and roll,* de uma banda chamada Barão Vermelho, e conhecer o vocalista, que se chamava Cazuza - falecido em 1990 de AIDS.

Minha caminhada acadêmica ocorreu em seguida, 1988, na Universidade Federal de Santa Maria — UFSM. Lembro que, ao ingressar no Curso de Odontologia, tive a oportunidade de dar início a minha trajetória de estudos e pesquisas, através das aulas curriculares e da oportunidade de participação como bolsista, monitora ou voluntária em projetos: Pesquisa com Pacientes com Síndrome de Down, na Escola Estadual Coronel Pillar; Projeto de Adequação de Meio Bucal em pacientes transplantados no HUSM; Projeto de Atenção em pacientes pediátricos do setor de Leucemia do HUSM; Projeto de Odontologia Hospitalar em Traumatizados no Hospital de Caridade; Projeto de Odontopediatria e Ortodontia Preventiva no Curso de Odontologia; Projeto de Atenção Básica à Família nas Aldeias SOS — Santa Maria;

Projeto de Escovação, Palestras e Rodas de Conversa, em parceria com a rede municipal de ensino da Prefeitura de Santa Maria e do Serviço Social da Indústria – SESI.

Essas experiências foram extremamente importantes para a construção do meu pensamento em relação ao mercado de trabalho, relações, ética, acolhimento, vínculo, humanização na atenção, mas também trouxe a certeza de que me sentia mais realizada entre as paredes de uma sala de aula na Universidade do que em um consultório dentário de uma clínica. Sei e tenho a certeza de que todos os momentos de atividade, uns tecnicistas e formais, outros artísticos e intuitivos, foram decisivos na constituição das decisões relativas à minha carreira acadêmica e profissional, pelas oportunidades vividas e desafios apresentados durante o meu processo educativo formal e informal, o trabalho mecanicista e dialogado, além da participação em eventos em universidades do estado e fora — Seminários, Iniciação Científica, Semanas Acadêmicas, Congressos.

Para minha alegria, aos 20 anos, concluí o curso de graduação em Odontologia e fui exercer minha profissão em Santa Cruz do Sul/RS, em quatro instituições que contribuíram muito na minha formação: SESI (Serviço Social da Indústria), SESC (Serviço Social do Comércio), Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul e UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul).

Conciliei, nestes 35 anos de atividades, as áreas da Saúde e da Educação, o consultório e a sala de aula, os pacientes e alunos, a graduação e a pós-graduação. Todos momentos de iminente desafio, relacionados ao exercício docente, de profissional gestado na área da Saúde, que geraram muitas inquietações, especialmente com relação à minha prática profissional em dois contextos - Cirurgiã-Dentista e Professora -, e em duas situações - população urbana e rural. Sujeitos com interesses e vivências diferentes daquelas para as quais eu havia sido preparada academicamente: apenas para um consultório clínico particular, com

pacientes que mantinham suas relações sociais com a realidade urbana em um perfil de clínica privada.

Com as experiências que tive nos meus estágios, monitorias e voluntariado, entendi que educar exige respeito e compreensão da realidade e das suas relações; exige a compreensão da "importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos" (FREIRE, 1996, p. 137), seja no campo ou na cidade, em uma escola ou em um posto de saúde. Então, com a cabeça erguida e as pernas estremecidas, fui à luta.

Assim, diariamente me deparava com a materialidade de relações sociais e produtivas diferentes, o que tanto me instiga. Naquele momento, em meados dos anos 90, mesmo com o SUS em construção, compreendia que precisava exercer uma prática clínica e docente que considerasse a realidade dos sujeitos envolvidos, suas relações, suas experiências e vivências junto ao meio no qual estabelecem sua presença e pensamento. A minha prática clínica e pedagógica tinha que estar junto ao meu mundo, ao mundo dos meus colegas, ao mundo da minha família e ao mundo que se constituía com aqueles sujeitos, ora pacientes, ora alunos.

Eu, ora dentista, ora professora, ora na cidade, ora no interior. Mas era nisso que acreditava, e fui buscar na minha profissão e nos quatro "mundos" que compartilhava no meu dia a dia. Mesmo eu já tendo sido capaz de traduzir as diferenças nas realidades, dos sujeitos, suas vivências, cenários, buscas ou quietudes, ainda não tinha a clareza de compartilhar com pacientes, alunos e colegas a minha leitura de quatro mundos em um mundo só. Transformei a minha teoria docente e odontológica em práticas que buscavam romper a dicotomia Saúde-Educação.

Minhas falas mais pareciam treinamentos técnicos, que confrontavam com a realidade e estavam em desencontro do todo. Minhas ações buscavam, no meu exercício formativo, o "seu caráter formador", conforme preconizado por Freire (1996, p. 33), perdendo-se na perspectiva da conquista e do convencimento, citado pelo próprio

autor como a "conscientização de mundo e das relações, resultado de sua confrontação com o mundo, com a realidade concreta".

Essa situação que, em um primeiro momento, poderia me amedrontar e desmotivar, foi a mola propulsora para eu buscar uma forma de educação sem violar a crença imediata de cada um de nós. As escolas eram repletas de diferentes caminhos que tentavam chegar no mesmo lugar, fosse por calçamentos, pedras, barro ou pinguelas. Os caminhos eram sedimentados por diferentes histórias econômicas, políticas, sociais e culturais da região do Vale do Rio Pardo, alicerçadas, principalmente, pelo brilho dourado da folha seca do tabaco, onde conviviam famílias de "colonos" e outras que sonhavam em chegar na cidade.

A lembrança que tenho das minhas intervenções didático-pedagógicas e clínicas consideravam essas condições, mas não eram problematizadas nas reuniões formativas de pais e mestres. Eu ainda trazia, na minha fala, o ranço e entendimento clássico da área da Saúde, que eu acreditava ser o melhor para elas. Portanto, acredito que, apesar da minha imaturidade profissional, busquei dar conta do que me foi orientado pelos meus professores e, dessa forma, a minha ação clínica e pedagógica, tanto no contexto urbano quanto rural, não ficaria mais restrita a alternativas didáticas, essencialmente tecnicistas, pois não davam conta de situações.

Acreditava que transcreveriam falas, e eu, as suas ações; a palavra entendida seria independente de sua percepção em escrever e ler o mundo, como nos ensinou Paulo Freire. Encontrei os agravos que eram tão familiares para a maioria: cáries, verminoses, pediculose, e sou apresentada mais uma vez para a questão das ISTs/HIV, além da gravidez na adolescência, violência e drogadição. Perante a realidade que encontrava e as trilhas percorridas para a escolha do tema para o estudo e pesquisa que almejava fazer, encontrei no CEMAS esse espaço, do qual faço parte desde 1999.

O quadro, na época, era muitas vezes semelhante à atualidade: distanciamento e isolamento social. Fui percebendo a necessidade de compreender ainda mais a questão do processo saúde-doença e aprofundar a educação para a saúde, suas

implicações com a luta pelos direitos humanos nestas duas áreas através dos diálogos com as mães que vivem duas pandemias.

Neste cenário com que convivo desde os embalos de sábado à noite dos anos 1980 (quem tem mais de 40 anos vai entender) e que retomo com minhas mãos através das escritas decorrentes da COVID-19, é urgente compartilhar descobertas e novos conhecimentos, descobrir e apresentar espaços e fazer observações, além de refletir sobre as ações político-institucionais no âmbito local e regional, que se apresentaram nas esferas em que convivo: familiar, escolar, profissional e social. Assim, com o intuito de seguir buscas pelo "novo" e partilhar desses conhecimentos, senti a importância da minha escrita e, a partir disso, continuei a aprofundar minhas leituras e a escrever sobre a experiência de ser "humana" nesta interface educação-saúde, imersa nas minhas questões como aluna e professora, de educar e aprender.

O entendimento, a ampliação e a disseminação do conceito de qualidade em educação e saúde vêm merecendo, nos últimos anos, uma atenção especial de diferentes segmentos da sociedade, não somente daqueles ligados diretamente a essas áreas, mas de todos aqueles efetivamente preocupados com a consolidação desses valores. É preciso ampliar a abordagem para outras dimensões que contemplem a saúde e a educação, em diferentes momentos do ciclo de vida e também para promover o efetivo envolvimento e corresponsabilidade das famílias. Em geral, muitos pais sentem dificuldades de abordar, na educação familiar, alguns aspectos relacionados à saúde; em especial, a educação e saúde sexual.

Sou evangélica e tive um marido a vida toda. Fiquei sabendo na gravidez e estava com HIV, mas nunca contei pra ninguém, nem para o meu marido. Ele talvez me acusasse de ter sido traído e toda família ia pôr a culpa em mim. Seria mais sofrimento ainda.

Decidi segurar o medo sozinha. Nunca tive outra pessoa, só meu marido, mas sempre a mulher é culpada, é acusada. Se o filho faz tudo certo, o pai se engrandece pq ele educou bem. Se o filho faz algo errado, a mãe leva a culpa de ter educado mal.

É normal para a sociedade homens que traem. Isso é aceito e certamente meu marido ia tentar inverter a história. Contar não resolve, não cura nada, só traz mais dor pq o preconceito é grande. Ninguém sabe de verdade o que cada um sente.

Fiz o tratamento sempre sozinha. Estudei e trabalhei para ser independente. Precisei parar para cuidar da saúde, cuidar dos filhos e do marido que estava adoecido.

Esconder não foi fácil, mas mais difícil seria enfrentar uma sociedade preconceituosa e machista.

Muito sofrimento e acabei tendo uma depressão, eu só queria que aquilo tudo acabasse de uma vez. Mas agora, não importa mais, o tempo não volta. A vida é daqui para frente.

Não quero saber como ou com quem o meu marido se contaminou, não adianta mais. Para ele, certamente, não adianta mexer na ferida, só irá doer mais. Melhor deixar o passado no passado.

E casamento é isso, na saúde e na doença, somos evangélicos e acreditamos na palavra de Deus. Mas tudo isso não os protege de sentir dor, do baque ao saber de uma doença fatal e que envolve transmissão sexual.

Precisa ter muita força e amor para o casamento sobreviver e viver duas pandemias numa vida só.

Na AIDS me senti paralisada, na Covid, presa.

Na AIDS, me escondi dentro de mim mesma e na Covid-19, dentro de casa.

Na AIDS, tive medo de morrer e não cuidar do filho mais velho e contaminar o filho menor.

Na Covid-19, tive medo dos filhos, do marido e da mãe morrerem.

Na AIDS, as pessoas têm medo de tocar nas coisas e nas pessoas.

Na Covid-19, mandam não tocar, seguir as normas e leis. Penso que a escola é um lugar para ensinar e reforçar a prevenção.

Só a família falar é pouco. As mães não ficam a vontade de falar sobre sexo, foram educadas assim. Como ensinar uma coisa que não se aprende e não se pratica.

Os pais só falam se for para os filhos homens e ensinam bobagem. Ensinam a ser machistas. Para a religião, sexo é visto como algo sujo e pecado. Parece que remediar é mais fácil que prevenir. As pessoas não entendem e negam a AIDS e a Covid-19.

Só se aprende mesmo quando se tem a doença e vive a situação. Pessoas se contaminam com HIV e dizem que foi por azar, mas foi por não prevenir. Todo mundo está se contaminando com Covid-19 e tem muito medo, mas não lavam as mãos. não usam máscara.

Não é falta de informação, é falta de acreditar que acontece mesmo. Me considero feminina, acho que já fui mais, mas me tornou uma mulher mais forte e valente. O meu marido virou frágil e dependente com a AIDS. Ele morreria sem mim. Eu, nunca precisei dele, além de ter filhos.

Engravidar, se engravida de qualquer um e eles pensam que são os machos. Como ser macho fosse uma grande coisa, só atrapalha pensar assim.

Infelizmente, a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa ainda é das mães e a escola, ainda, fica com a carga também de educar. Se educa é em casa.

Os pais deveriam participar mas são criados para trabalhar e sustentar a família.

A verdade é que só quem mora na casa sabe quantas goteiras tem no telhado. [Bárbara, 57 anos, vivendo com HIV há 22 anos].



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Tratava-se de diálogos que levantavam reflexões, na medida em que a compreensão do que significa estar contaminado pelo vírus HIV ou pelo coronavírus SARS COV-2 estava muito marcada pelos cuidados aprendidos, entendidos e praticados, como o vivenciado pelas autoras, na pandemia da COVID-19, que enfrentam questões familiares e íntimas humanas, como higiene, prevenção, sexualidade, morte e medo. Neste contexto, temos, por um lado, o vírus HIV, transmitido através do sangue, do sêmen, da secreção vaginal e do leite materno, que usa nosso sistema imunológico para fazer sua replicação, baixando a imunidade humana.

De outro lado, o novo coronavírus, que pode ser transmitido pelo toque ou aproximação ao ato de respirar, tossir, espirrar, de alguém contagiado, com graves reflexos no sistema respiratório. A doença COVID-19, inevitavelmente, trouxe de volta aos portadores do vírus HIV o recordar do impacto inicial do diagnóstico da doença AIDS, e que despertou a comparação das duas doenças: o distanciamento pessoal e o isolamento social.

Na quarentena, inicialmente considerada um período de 14 dias, em que todos deveriam se manter em reclusão como forma de prevenção ao novo coronavírus e estendidos em muitas regiões territoriais, há meses vive-se o distanciamento social. Essa condição possibilita momentos de muita partilha, reflexão e também de percepção da necessidade de melhor compreensão do que nos une enquanto profissionais da Saúde e da Educação, que atuam nos espaços escolares, nas zonas urbana e rural, bem como com a luta e a busca por uma formação humana, social, ética e política para os acadêmicos que são provenientes de várias regiões do estado e até do país.

A extensão vinculada à pesquisa teve, nas redes que se constituíam em meu percurso, entendimentos de que a teoria, a prática e a relação com as redes podem de reflexão е de aprendizagem, dimensão favorecer espaços na sentir-viver-fazer-aprender-ensinar em Educação. Envolta pelo cotidiano de uma pandemia, ambas ainda sem uma vacina eficaz na sua prevenção, sendo a doença AIDS ainda incurável, porém com uma possibilidade maior de escolha na forma de prevenção, e a doença COVID-19, curável mas facilmente transmitida de uma pessoa para outra, me sinto desafiada por todo o movimento político-econômico-cultural contextualizado com o vasto campo da educação e da saúde, e com os seres que estabelecem suas relações com o território onde sobrevivemos e sobre ele vivemos.

Como tudo é parte de aprendizado, esta pandemia possibilitou o germinar da relação da Educação com a Saúde. É com essa perspectiva que a Educação em Saúde, que vinha sendo construída desde 1987, ganhou espaços – dos mais diversos – instalando-se no dia a dia dos serviços, nos processos de formação, fortalecendo-se

em muitos movimentos sociais populares, nas mídias, nos lares, no interior e em centros maiores, constituindo-se como uma práxis em construção neste processo.

Esta mesma esperança que trago em mim e estimulo as MVHA: ter a vontade que move e faz agir, sem a vergonha de sentir, para a constante e curiosa busca pela transformação. Uma busca movida pelas recordações que foram me constituindo enquanto filha, amiga, paciente, aluna, adolescente, mulher, dentista, professora, esposa, mãe e educadora a partir de inúmeras inquietudes que se tornaram propulsoras de minhas aprendizagens. Tudo isso é um resultado de idas e vindas, das relações que se apresentaram na minha vida e que continuam me provocando a buscar respostas e novas perguntas e indagações, desvendando e conhecendo as realidades e as gentes e agentes que as constituem e estabelecem. Também refletindo e questionando o local (região) do mundo em que vivo e convivo, acreditando na necessidade de lutarmos sempre por processos educativos em casa, na escola, na comunidade. Não tenho como seguir sem relembrar um pouco de mim e do quanto me entrelacei a um vírus da imunodeficiência (des)humana.

4 PARTE III: O CAMINHAR

Ao longo dos estudos iniciais para a atenção de PVHA, no final da década de 1980, e o aprofundamento teórico em referenciais que se centravam na relação das áreas da Educação e da Saúde no novo coronavírus, a partir de 2019, pensou-se na perspectiva do modo de agir das mães com seus filhos. Essa perspectiva foi enlaçada com o feminino e o ser sensível na pesquisa e mantinham um diálogo, uma escuta com sensibilidade para com as autoras, transcrevendo as suas vozes, nas entrelinhas dos fatos e vivências, a partir do compromisso e da possibilidade de incentivar e viabilizar ferramentas para a educação em saúde, para a autonomia nas escolhas e para o autocuidado, a prevenção e a qualidade de vida.

"A mulher está diante de uma enorme tarefa cultural que significa o começo da nova era" (JUNG, 1993, p. 128): novos dias, com o toque do coração de cada um. Assim, é chegado o momento de vivenciarmos esta maturidade da consciência, muito proveniente do feminino, que pode fazer nascer um novo homem e fazer com que cada ser venha ao mundo cuidado e ouvido desde sua concepção (JUNG, 1984, p. 55). O funcionamento da psique se origina da tensão entre os opostos (masculino e feminino), sendo que essa dualidade é a condição para que haja crescimento e amadurecimento (MENEZES, 2003).

Quando nos aprofundamos nas leituras dos caminhos da humanidade, nas mais diversas áreas (História, Geografia, Filosofia, Mitologia, Religião), a sociedade humana era governada pelo princípio feminino, personificado na mulher. O ser humano vivia em contato com a natureza e com o seu interior. Tinham conhecimento dos processos psíquicos, recebidos pelos seus ancestrais e os quais foram deixados para as gerações futuras na forma de mitos, lendas e rituais. Com o passar das gerações, o homem descobriu que além de usufruir do que a natureza lhe dava, era possível dominá-la. A partir daí, inicia-se o princípio masculino da dominação e dos homens sobre as mulheres e das pessoas sobre a natureza (MENEZES, 2003).

O homem vai desenvolvendo tecnologias: surge a roda, o fogo, a lâmina que corta, desenha e descobre cores, sons e sabores. Com o passar dos séculos, a luz, os barcos, as máquinas, o reforço nesta relação de dominação sobre a natureza, que é utilizada para atender aos seus objetivos. Atualmente, vive-se a velocidade do conhecimento imediatista e da (des)informação encontrada; o que por um lado representa uma evolução e uma libertação para o homem nômade da época do Neolítico, que vivia intensamente do simbólico, dos tons da natureza e que não tinha espaço para a conquista do mundo, somente para a busca por alimento. Isso significou a perda da "unicidade da vida, da harmonia de dois princípios universais extremamente essenciais para o mundo, o feminino e o masculino, bem como a diversidade de suas manifestações" (MENEZES, 2003, p. 23).

O homem, ocupado em perseguir os animais na caça, e mais tarde em levar os rebanhos para o pasto, quase sempre estava ausente. A mulher pelo contrário, segura de sua tradição de coletora, tinha a oportunidade de observar os fenômenos naturais da semeadura e da germinação. Era normal que ela tentasse reproduzi-los artificialmente (...) e mais impressionante foi se tornando o poder feminino (BADINTER, 1986, p. 60).

A mulher era considerada a criadora da vida, pois ela era a filha da Grande Mãe e responsável por tudo o que estava relacionado com a vida, que era identificada com a natureza, imitando a ação da mãe-terra (PERROT, 1995; MENEZES, 2003). Pela capacidade reprodutiva da mulher, de parir uma nova vida e nutrir esta vida com leite materno, a mulher era associada com a terra. Desta forma, a vida era entendida como uma bênção da terra, do ventre que brotava das plantas e que a natureza de todos os seres dependia da mãe-terra. Assim, neste período marcado pelo matriarcado, a organização social dos povos girava em torno, principalmente, da agricultura, que estava sob a responsabilidade das mulheres (MENEZES, 2003).

Nesta época, segundo Waiblinger (2017), a história ficou marcada em que o princípio masculino age e o princípio feminino gera, pois, com o passar do tempo, as mulheres começaram a plantar as sementes e, ao fazerem crescer as provisões da terra, elas associavam a fecundidade com a fertilidade. Pela experiência direta e pela

observação contínua do processo da semeadura e germinação do mundo natural, elas adquiriram conhecimento sobre os vegetais, flores e frutos (KOSS, 2000).

Gradualmente, o valor da mulher e do feminino passa a consistir exclusivamente em sua capacidade reprodutora, no preparo do alimento e cuidado com a casa. Assim, encerra-se o matriarcado. Porém, a grande força integradora característica desse período foi tão significativa que as deusas se transformaram em arquétipos e em valores que marcaram a história de toda a humanidade (MURARO; BOFF, 2002). Em suma, no período matriarcal, o homem vivia sob o domínio da mãe e do inconsciente; no entanto, o desenvolvimento da consciência patriarcal coloca o indivíduo mais autônomo, no caminho das conquistas territoriais, do processo econômico, civilizatório e cultural (CAVALCANTI, 1999).

Passa-se, então, a um período em que se baseia na autoridade masculina e se caracteriza pela nova ordem do mundo em opostos hierárquicos, na raiz dos quais encontra-se a dualidade entre macho e fêmea (KOSS, 2000) e que não designa apenas uma forma de organização social e familiar baseada no masculino, no poder paterno, na queda do feminino. Ele atribui, de forma incisiva, que toda estrutura social nasce do poder do pai, que substitui o poder da mãe, o homem é afirmado como o forte e a mulher, a frágil, ou seja, o feminino perde seu poder criador, a criação deixa de ser o encontro dos princípios masculinos e femininos. É somente o pai que detém esse poder sobre todos os seres, inclusive sobre a mulher (BADINTER, 1986).

Sou evangélica e busco na espiritualidade, a força que preciso. Quer viver com paz no coração e transmitir paz para os filhos e os netos. Meu refúgio é Deus e a oração. Eu fui abusada dos 10 aos 12 anos.

Ninguém sabe, só no CEMAS. É um segredo que quero que morra comigo. Minha mãe sabia, mas já faleceu. Eu me casei e o meu último filho faleceu no parto devido violência doméstica na gestação.

Quando recebi o resultado de HIV, o marido me difamou, me chamou de prostituta para a família inteira. Nunca contei do abuso na infância para ele porque não precisava, certamente me acusaria de ter provocado.

Melhor foi aguentar a difamação e separar. Eu não podia nem pensar em morrer porque essa não era uma opção. Por um tempo pensei em contar tudo para meus filhos, mas com o passar dos anos, tudo passou e não teria mais sentido abrir certas feridas. Só causaria mais tristezas na vida de todos da família.

Nunca contei para a minha mãe, só traria sofrimento para ela e sofreria ainda mais. Casei de novo e insistia em usar preservativo, mas o meu segundo marido dizia que era como chupar bala com papel.

Os meninos, deveriam aprender a se masturbar com camisinha para se acostumar, cuidar e tratar as meninas de forma menos machista. A mulher acaba se resignando e aceita não usar preservativo.

Vejo muito isso, o homem manda e a mulher obedece, mesmo que ela sustente a casa. E foi assim que contaminei o segundo marido.

E foi assim que fiquei viúva - o segundo marido faleceu de AIDS por não aceitar usar camisinha. Foi muito triste e difícil, precisei muito da psicóloga, da assistente social e de todos no CEMAS.

Eu não podia me deixar morrer. Informação existe, o que não existe é entender essa informação. No momento que se precisa prevenir alguma coisa, precisa-se assumir que essa coisa existe. E não prevenir passa a ser uma forma de proteção.

Risco é não usar camisinha, risco é não usar máscara, risco é não ter higiene. Mas o que é ruim mesmo, é o preconceito e tentar classificar as pessoas.

O preconceito que mata. Reforço sempre a frase: tudo posso naquele que me fortalece.

A fé levanta, carrega e manda a gente pra frente. Tenho filhos, netos e sobrinhos para cuidar e educar num mundo cada vez mais preconceituoso.

O mundo valoriza o falso para não enfrentar o verdadeiro. Se fizer que a Covid-19 não exista, a vida segue normal. Negar é mais fácil.

A maioria que convivo pensa assim. Pandemias acontecem no mundo todo, mas acham que não acontece em casa. Tento fazer tudo que possa ser feito para não pegar Covid-19, não quero depender dos outros.

E não quero que os filhos tenham AIDS ou Covid-19. Hoje sei que a AIDS não mata.

Tenho mais medo da Covid-19 porque é uma doença que depende da decisão coletiva das pessoas. Precisa pensar no próximo.

Ensino os meus filhos que quem tem mais, dá para quem tem menos. Isso vale para amor, carinho, compreensão e me considero bem, assim.

[Kleo, 59 anos, vivendo com HIV há 26 anos].

Figura 13 - Kleo



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Assim, para Cavalcanti (1993) a mulher e a feminilidade passam a ser definidas como resignação, castidade, fidelidade e obediência. A mulher deve estar a serviço da família, dos filhos e do marido. Então, ela perde sua autonomia e liberdade para decidir seu destino e a sexualidade também passa a ser condicionada neste contexto de posse e submissão. Confinadas em um espaço restrito e bem definido, elas passavam grande parte do tempo juntas, conversando entre si. Assim, o saber feminino se consolida no isolamento do espaço do lar e passam a ser as donas de casa, responsáveis pela educação dos(as) filhos(as) e pelo cuidado com o lar (AQUINO, 2008).

Começa-se a considerar que a capacidade intelectual das mulheres também seria limitada, e como elas tinham o acesso ao saber institucionalizado interditado, com base na sua incapacidade intelectual, a exclusão das mulheres da vida social teve

como consequência o seu despreparo para o exercício da cidadania, o que foi utilizado, posteriormente, como motivo para justificar sua subordinação ao homem (KOSS, 2000). Esta subordinação, segundo Aquino (2008), foi sacramentada no século XVI pela Igreja Católica, que institui o sacramento do matrimônio e passa a ditar as regras para o comportamento das pessoas, prescrevendo, principalmente, como a mulher deveria agir em relação ao seu marido. Porém, dentro deste modelo cristão, retorna a valorização do feminino, mas que impõe a virtude como qualidade principal, e abençoa a maternidade (CAVALCANTI, 1993).

O feminino, com esse traço de pureza, não ameaçaria a ordem patriarcal, que permanecia sob o controle absoluto do masculino. O sexo passa a ser visto, para as mulheres, como uma coisa ruim, suja, pecaminosa, sempre que não estiver relacionada à procriação. O casamento, portanto, seria o lugar onde esta dominação fica exercida como um culto à santificação da mulher e esta passa a estar sob o controle absoluto do homem. O sonho desta mulher passa a ser casar e ter filhos e, desta forma, ela sai do controle do pai, para o controle do marido (YALOM, 2002).

Desta forma, a organização da família se consolida na imagem da mulher como mãe e do homem como pai. A ele foram atribuídas a responsabilidade e a autoridade, sendo sua função social prover a casa e a família, atuando no espaço público, que é o mercado de trabalho e a política. Enquanto isso, a mulher, definida como frágil, sensível e dependente, tem como espaço próprio a casa, o espaço doméstico, privado (KOSS, 2000).

A função social para a mulher negou o seu reconhecimento como um ser cultural pleno, ao defini-la exclusivamente como destinada à procriação por sua natureza feminina e sacra. Assim a mulher era condicionada a raciocinar baseada em opiniões que eram tomadas como verdades absolutas na época, oriundas de afirmações irrefletidas, que levavam a discussões obstinadas de ser a dona da verdade e conferindo-lhe, socialmente, a figura de *dona de casa*, como aponta Koss (2000). Sob os valores culturais e religiosos vigentes, para atuar no mundo profissional, as mulheres precisavam negar sua feminilidade. Se elas assim fizessem, aos olhos da sociedade

não corresponderiam ao papel que as define socialmente, podendo, assim, serem tratadas como capazes de realizar tarefas que não fossem domésticas (KOSS, 2000).

A partir da revolução industrial, segundo Badinter (1986) os trabalhos que tinham para as mulheres eram penosos e repetitivos, sendo elas exploradas e mal pagas. O dinheiro que recebiam servia para complementar a renda familiar, porém as mulheres que trabalhavam não eram bem vistas na sociedade. Seu trabalho, principalmente o que a obrigava a deixar o lar, era considerado suspeito, e cada mulher casada que trabalhava fora de casa revelava a incapacidade do marido para prover as necessidades do casal (BADINTER, 1986).

Segundo Koss (2000), para assegurar que as mulheres exercessem esse papel, foi difundida uma falsa ideia de que as mulheres seriam superiores aos homens pela capacidade de serem femininas, cuidar dos filhos e de se dedicar com esmero ao seu marido e família. Porém, foi a partir do trabalho que as mulheres começaram a obter a autonomia e o desenvolvimento pessoal que não encontravam no lar. Em vista disso, na tentativa de mantê-las sob o domínio dos homens, em meados dos anos de 1960, a visão da mulher como dona de casa teve o seu apogeu. O modelo de mulher nesta época era romantizado pela ideia de que, além do espaço doméstico e dos filhos, ela era responsável pela felicidade conjugal (BADINTER, 1986).

Com o surgimento da pílula anticoncepcional, a mulher ganha domínio de sua fecundidade e sua liberdade sexual. O comércio da pílula anticoncepcional teve início no Brasil em 1962, dois anos após ter sido aprovada nos Estados Unidos. A partir daí, ocorre a separação entre a sexualidade e a procriação, e os homens perdem o controle sobre a sexualidade das mulheres. A relação de força inverte-se, pois é dela que tudo depende, e nada pode ser feito contra a sua vontade. Ela pode recusar ter o filho que ele deseja ou engravidar contra a vontade dele e, aos poucos, a maternidade não vai mais sendo vista como sagrada (BADINTER, 1986).

A partir disso, o movimento de controle da natalidade, planejamento familiar e a posição mais liberal da mulher na sociedade e nos relacionamentos, em reivindicar o prazer sexual ocasionou uma nova visão sobre o casamento e o relacionamento

conjugal. As mulheres estavam se distanciando do casamento centrado na procriação e buscando uma parceria, uma união baseada no afeto, respeito, companheirismo e também no prazer sexual. A idéia de que o sexo deveria ser prazeroso para ambos e que deveria ser desfrutado pelos dois parceiros foi a força propulsora para o surgimento dos casamentos baseados na igualdade e, de uma forma geral, na mudança da forma da mulher se relacionar com o seu parceiro afetivo e/ou sexual (YALOM, 2002).

Porém, apesar deste novo ciclo perpassando pelo século XX e, como Oliveira (1999) destaca, a igualdade de direitos e oportunidades era condição básica para um cotidiano de parceria entre mulheres e homens, o que ainda está distante de se constituir como regra. Depois de tanto tempo sob a dominação masculina, o feminino emerge como um esforço de reconhecimento de alteridade e direito de exercê-la e, assim, a erupção do feminino desafia a ordem masculina. O homem, de acordo com Cavalcanti (1993), terá que entrar em contato com seu princípio feminino para que possa aceitar, além da mulher dentro de si, a de fora, como sua companheira no universo. O equilíbrio do mundo depende desse casamento interno, quando ele for possível de ser vivido, a relação entre o homem e a mulher será mais rica e criativa (AQUINO, 2008).

Para engrandecer nosso viver, vivenciar e conviver, é fundamental resgatar o feminino em nossa cultura e, sabedores da importância de reequilibrar a sociedade por meio do eros perdido e mergulhando no nosso interior, em busca da reconciliação das polaridades: "a voz interior é a voz de uma vida mais plena e de uma consciência mais ampla e abrangente" (JUNG, 2000, p. 190).

Todos nós temos em nosso interior os elementos necessários para produzir fósforo. E além disso deixe-me dizer-lhe algo que nunca confiei a ninguém. Minha avó tinha uma teoria muito interessante: dizia que ainda que nasçamos com uma caixa de fósforos em nosso interior, não podemos acendê-los sozinhos porque necessitamos, como no experimento, de oxigênio e da ajuda de uma vela. Só que neste caso o oxigênio tem de provir, por exemplo, do alento da pessoa amada. A vela pode ser qualquer tipo de alimento, música, carícia, palavra ou som que faça disparar o detonador e assim acender um dos fósforos. Por um momento nos sentimos deslumbrados por uma intensa emoção. Se produzirá em nosso interior um agradável calor que irá desaparecendo pouco a pouco conforme passa o tempo, até que venha uma nova explosão a reavivá-lo. Cada pessoa tem de descobrir quais são os seus detonadores para poder viver, pois a combustão que se produz ao acender-se um deles é o que nutre de energia a alma. Em outras palavras, está combustão

é seu alimento. Se uma pessoa não descobre a tempo quais os seus detonadores, a caixa de fósforos se umedece e já não podemos acender um só fósforo. Se isso chegar a acontecer, a alma foge de nosso corpo, caminha errante pelas trevas mais profundas tentando em vão encontrar alimento por si mesma, ignorando que só o corpo que deixou inerme, cheio de frio, é o único que podia lhe dar isso (ESQUIVEL, p. 94 e 95, 1989).

Como na alquimia, onde o calor do fogo (espírito) do caldeirão, que cozinha nosso entusiasmo e alimenta nossa alma, é a ideia do corpo e do ventre como o que gera a vida humana. O ventre é um centro de criatividade e vitalidade, sítio da libido e do fogo que acende nosso interesse divino pela vida e também contém o riso visceral e selvagem que cura as tristezas, aquele sorriso que nasce nas nossas entranhas mais estranhas e obscuras que a própria caverna. O que precisamos descobrir é o mecanismo que fará o desencadear do sorrir, pois a nascente do riso se esconde ali, no ventre de mãe, lugar de origem de onde se veio, e tudo o que é feminino é como o ventre, o útero primordial da mãe da origem de tudo e do inconsciente (NEUMANN, 1995).

A emoção é, por um lado, o fogo alquímico, cujo calor traz tudo à existência e queima todo o supérfluo. Por outro lado, a emoção é aquele momento em que o aço, ao golpear a pedra, produz uma faísca: emoção, que é a fonte principal de toda tomada de consciência. Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento, sem emoção. A mulher, cujo destino é ser um elemento de perturbação, normalmente, ela própria, enquanto elemento perturbador, é perturbada; como elemento transformador, ela mesma se transforma, e o clarão do fogo que acende ilumina e clareia todas as vítimas da confusão. A consciência, porém, a transforma em libertadora e redentora (JUNG, 2000).

4.1 Arquétipo materno

"Feminino, o sopro e a água da vida" (Jung, 1998, p. 131).

O arquétipo é um fator relevante da limpeza mental, espiritual e corporal e, mesmo que não houvesse provas palpáveis da existência dos arquétipos, e mesmo que todas as pessoas com coeficientes de inteligência altíssimos nos apresentassem provas

irrefutáveis e convincentes de que arquétipos não podem existir, teríamos que produzi-los para barrar que os nossos valores mais elevados e naturais submergiram no inconsciente e, se estes valores fossem presos no inconsciente, toda a força elementar das vivências originárias poderia, paralelamente, desaparecer. Em seu lugar, surgiria, então, a manutenção na imagem materna e, depois que essa fosse racionalizada e fixada, ficaríamos presos à *ratio* humana e, a partir daí, condenados a acreditar exclusivamente no racional (JUNG, 2000).

Para Jung (1977), os sentimentos e os fatos eróticos, emocionais (sensibilidade, intuições, receptividade ao irracional, capacidade de amar, sensibilidade à natureza) são determinados pelo Eros, princípio de ligação, relação. O princípio masculino inconsciente na mulher personifica a iniciativa, coragem, honestidade. Através deles, a mulher pode se tornar consciente dos processos básicos de desenvolvimento da sua posição objetiva e cultural no mundo.

Desta forma, segundo Estés (1999), ao longo da história, as mulheres receberam projeções positivas e negativas do homem, o que trouxe consequências como a desvalorização da condição de ser mulher. Uma mulher, ao longo do tempo e da história ensinada para acreditar que é indefesa, suprimindo a sabedoria feminina. Os conteúdos inconscientes, para Jung (1999), são impulsionados pelos arquétipos para tornarem-se conscientes como um movimento para chegar-se à realização da totalidade do indivíduo, a individuação. Ao tornar-se um ser único, há a realização melhor e mais completa das qualidades arquetípicas do ser humano e de um desenvolvimento psicológico que permita a realização das qualidades individuais que o ser possui dentro de si (JUNG, 1998).

Quer uma mãe ou filho(a) compreenda ou não os arquétipos, eles(as) talvez deveriam, pelo menos, permanecer conscientes dos mesmos, pois nele a mulher é natureza e está conectada com suas origens naturais e suas imagens primordiais de vida, não apenas como uma cultura específica, mas como a transformação das imagens originárias que permanecem, de algum modo, conscientes. A energia que lhes corresponde poderá fluir no ser e, quando não for mais possível manter a conexão com

elas, a energia que flui retorna ao inconsciente. Deste modo, o ser humano fica refém de sua consciência e de sua racionalidade, com relação ao que é certo ou errado, e o racional será contrabalançado pelo irracional, e aquilo que se planeja, pelo que é recebido (JUNG, 2000).

O arquétipo materno descrito por Jung (2000) possui uma variedade incalculável de aspectos, como algumas das formas mais características: a própria mãe e a avó; no sentido da transferência mais elevada, a deusa (especialmente a mãe de Deus) e a Virgem (Maria, mãe de Jesus Cristo); em sentido mais amplo: o Céu, a Terra, a floresta, o mar e as águas quietas, a matéria, o mundo subterrâneo e a Lua; em sentido mais restrito, como o lugar do nascimento ou da concepção: a terra arada, o jardim secreto, o rochedo, a gruta, a árvore, a fonte, o poço profundo, a rosa e o lótus, como uma mandala é um círculo mágico; em sentido mais restrito ainda: o útero, a forma oca e vazia, o forno, o caldeirão; e enquanto animal, o coelho e qualquer animal útil em geral. Assim como nossos atos, os significados das nossas escolhas, estes símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo, adverso (JUNG, 2000).

Assim, Jung (2000) destaca alguns traços essenciais do arquétipo materno, que se associam à mágica autoridade do feminino: a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante ou fatal; e as qualidades opostas desses atributos que correspondem à mãe amorosa e à mãe terrível. O paralelo histórico que nos é mais familiar é, com certeza, Maria, que na representação medieval é simultaneamente a Cruz de Cristo, embora a figura da mãe, tal como aparece expressada nos povos, seja, de modo universal, sua imagem muda substancialmente na experiência prática individual de cada mulher (JUNG, 2000).



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em imagem arquetípica).

Conforme Jung (2000), muitas mães levam os filhos no ventre e depois se apegam a eles, pois sem os mesmos não possuem nenhuma razão de ser. Os seres humanos, assim que gerados, são envolvidos pelo fascínio de uma deusa suprema, um modelo para as meninas e futuras mães, como a egípcia Ísis ou Deméter, na mitologia grega, ou Ceres, na mitologia romana. Tal como Deméter extorque dos deuses um direito de propriedade sobre a filha, seu eros, amor e erotismo, desenvolve-se exclusivamente como relação materna, permanecendo, no entanto, inconsciente enquanto relação pessoal.



Figura 15 - Ceres.

Cabe destacar que o Eros, um filho seguidor e ministro de Afrodite, de forma inconsciente, sempre se manifesta sob a forma de poder, de um deus, razão pela qual este tipo de mulher, embora sempre parecendo sacrificar-se pelos outros, na realidade é incapaz de um verdadeiro sacrifício. Seu instinto materno impõe-se brutalmente até conseguir o aniquilamento da própria personalidade e de seus filhos. Quanto mais inconsciente de sua personalidade for uma mãe deste modo, tanto maior e mais violenta será sua vontade de poder inconsciente (JUNG, 2000).

Figura 16 - Afrodite.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada na mitologia).

O filho instintivamente associa a figura dos pais, independente de gênero, credo ou registro civil, ao casal "divino" que o cuidará, protegerá e amará incondicionalmente, a fim de que esta criança não se esqueça, por inconsciência, por esquecimento, por doença, de conferir aos pais um caráter divino, ou até mesmo desumano, e os arquétipos impulsionam o ego para atingir a individuação, e a integração das polaridades inconscientes na consciência (STEVENS, 1993). Esses princípios opostos interagem entre si para manter o equilíbrio das forças do universo. Dentro do ser humano, a unidade se manifesta de uma maneira bipolar. Mas a natureza "providencia" que esta unidade seja restabelecida, e assim, após a fragmentação, as atitudes

unilaterais atraem seus opostos complementares, num movimento cíclico eterno (MORAES, 2001).

Segundo Almeida (1999) a criança vive inicialmente neste elixir da vida, num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com a mãe, e esta relação é considerada como uma das bases fundamentais para a estruturação da personalidade de um indivíduo, principalmente a qualidade desta interação entre o recém-nascido e sua mãe. No princípio, a criança não tem noção da realidade exterior, o mundo é ela própria, envolvida com suas sensações e emoções. Quando as experiências de frustração e ansiedade vão sendo repetidamente aliviadas por alguém, elas permitem à criança ter noção de uma realidade externa, inicialmente representada pelo seio de sua mãe. Depois, ela vai progressivamente percebendo o outro de maneira parcial, primeiramente o seio, o cheiro, a voz, até finalmente formar a noção de uma pessoa total.

Sou católica, isso, às vezes, ajuda, a Fé ajuda. Eu soube através da gravidez, aos 8 meses de gestação que era HIV. Em 1 mês eu teria meu filho.

Os outros exames anteriores tinham dado negativo, por isso, na hora achei que estava errado.

Quando repeti o exame, foi confirmatório e deu positivo, não acreditei, tinha certeza absoluta de que estava errado.

Quando precisei encarar de frente e contar para o meu marido, tinham se passado 2 semanas. O tempo corria contra e havia a necessidade de ser parto cesariana e preparar emocionalmente para não amamentar. Eu queria tanto parto normal e poder amamentar.

Não podia ser possível que isto estivesse acontecendo comigo. Com tudo isso, eu esperava que o resultado do meu marido desse positivo mas deu negativo. Eu tinha pegado o vírus através de outra pessoa.

Talvez do pai dos primeiros filhos, que havia falecido por câncer ou de um ex-namorado que teve entre o primeiro marido e o segundo marido. Mas de quem peguei, não era o grande problema para mim naquele momento, o problema era o medo de morrer, matar o filho que iria nascer e deixar filhos órfãos.

O HIV sempre era tido como uma sentença de morte. O meu marido foi bem orientado no CEMAS e entendeu como funciona a doença. Mas foi um período muito difícil, perdi toda minha feminilidade e por muito tempo não tive libido e nem vontade de voltar a ter relações sexuais.

O meu filho nasceu bem e não se contaminou, mas foram muitos meses testando ele, até dar certeza de ser negativo. É tudo muito cruel.

Tive muito receio e preocupação por não poder amamentar. Sempre tinham pessoas perguntando pq eu não amamentava. Precisei secar o leite e dizer para as pessoas que o leite secou.

Mas, e para meu filho? E para mim? As pessoas se metem muito na vida dos outros e na verdade, ninguém sabe o que o outro passa.

Tive muitos altos e baixos nestes anos todos e sempre contei com o apoio da minha psicóloga e do CEMAS.

Tomo antidepressivo há anos e tenho até vergonha de contar, mas já tive muitas vezes vontade de morrer mas era como se fosse uma fuga, fraqueza, falta de coragem para enfrentar as coisas.

A minha mãe faleceu antes de eu ser diagnosticada mas mesmo que estivesse viva, eu não contaria. A minha mãe não falava e nem explicava nada com relação à sexualidade. Aprendi na escola com minhas primas e amigas.

Minha mãe sentiria vergonha de tudo isso. Com o meu marido falecido de câncer, eu não usava preservativo. Era meu marido e isso nunca foi conversado.

Com meu breve namorado, às vezes usavam, às vezes não usavam. Ele que decidia. Homens decidem essas coisas e nunca exigi nada. Com o meu segundo marido, não usava camisinha até a AIDS surgir na minha gravidez. Usamos sempre desde que nasceu o filho.

Apesar que sexualmente me recolhi bastante. Me esforço para agradar o meu marido, mas não é algo espontâneo. Mas eu sei que se ele ficar sem relações sexuais ele vai reclamar. Mas muitas vezes eu não tenho vontade.

Mas eu sei que quem não tem em casa busca fora. Moro só com o meu atual marido e o meu filho menor, fiquei com muito medo do desemprego na Covid-19 e aconteceu.

Fui desligada. Foram 2 anos bem difíceis. Difícil por estar desempregada, filho estudando em casa, sem poder ver os netos, marido me cobrando.

Medo da Covid-19 e de faltar remédios para AIDS. Sempre confiei na prevenção, fiz as vacinas, mas assim, quando comecei a sair de casa, tive Covid-19 e passei muito mal. Senti muito medo e solidão.

Parece que sempre volta este medo da morte e a sensação de estar sozinha. Quando me recuperei da Covid-19, tive dengue.

Outra doença que está dando muita preocupação mas também depende de todo mundo ter higiene e capricho, como é na Covid-19 mas muitas pessoas não têm consciência. Com o passar dos anos, entendi que ter engravidado do meu filho menor salvou minha vida.

Não fosse a gravidez dele, eu não faria o teste HIV e talvez já tivesse morrido por não fazer o tratamento. Educo muito os meus filhos para não se contaminarem com doenças e se prevenir contra HIV, Covid-19 e dengue.

Todos aprenderam a se cuidar. Espero e rezo para que se cuidem. Os filhos maiores acham que tenho uma doença e não quero contar. Não conto mesmo, para proteção deles mesmos. Proteção de mãe.

Proteger contra o preconceito dos outros por ter AIDS e contra o sofrimento por saber que a mãe está doente de AIDS. Como meus filhos iriam reagir sabendo que tenho uma doença que me deixa sem imunidade e foi por causa de sexo. Não consigo contar. Eles nunca entenderiam como eu tenho e o pai do irmão menor, não.

É difícil para mim dizer que pode ter sido traição do pai deles ou que tive um relacionamento no meio. Não vou falar nunca, até porque como mulher me sinto muito mais forte e corajosa, apesar dos altos e baixos e de relembrar seguidamente do dia que eu soube. Isso não se esquece.

Se esquece da dor do parto mas a dor de um teste HIV positivo, não se esquece nunca.

Hoje, o que eu sei é que acreditar na vida e na importância da vida dos meus filhos e meus netos, me mantém em pé. Não penso mais em religião, penso na força e na fé que vem de dentro.

Sinto que o meu lado feminino ainda está muito escondido e preciso despertar. [Mara, 52 anos, vivendo com HIV há 10 anos].



Figura 17 - Mara.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Na relação de aleitamento, o bebê vai introjetando a disposição afetiva da mãe em relação a ele, e, assim, vai criando internamente uma representação mental do vínculo. Assim, esta mãe pode fornecer maior ou menor quantidade de libido para seu filho ou filha, como os sentimentos de afeto, alegria, amor, desejo, interesse, ansiedade, medo, rejeição e este é um fator crucial no desenvolvimento do indivíduo (ALMEIDA, 1999).

A mãe é essencial para atender as necessidades físicas e emocionais de seu bebê, e auxiliá-lo na construção de sua personalidade. Em contrapartida, a ausência de pai, de mãe, figuras cuidadoras constantes, pode promover dificuldades na formação da personalidade. A vida do homem contemporâneo sofreu transformações significativas,

como: novas formas de composição familiar, que atualmente é reduzida em número de filhos e agregados, como parentes e vizinhanças; aumento das separações entre os casais que levam os filhos a morar com um dos pais ou com o novo parceiro de um de seus pais; aumento de mães que educam seus filhos sozinhas e que, muitas vezes, também encarregam-se do sustento da família; e os novos papéis atribuídos aos avós (MACIEL; ROSEMBURG, 2006).

Assim, segundo Jung (2000), a mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu, a participação é progressivamente desfeita, e a consciência começa a tornar-se sua própria condição prévia, entrando em oposição ao inconsciente. A partir disso, o "eu" começa a diferenciar-se da mãe, de sua particularidade como pessoa, e vai tornando-se cada vez mais distinta. Assim, todas as qualidades fabulosas e misteriosas desprendem-se da imagem materna, transferindo-se à possibilidade mais próxima, por exemplo, a avó. Como mãe da mãe, a avó é "maior" do que a mãe. A avó é propriamente a "Grande Mãe". Não raro ela assume os traços da sabedoria, bem como as características de "bruxa".

Quanto mais o arquétipo se afasta da consciência, mais clara esta se torna e o primeiro assume uma forma mitológica cada vez mais nítida. A passagem da mãe para a avó significa que o arquétipo subiu de categoria. Na medida em que aumenta a distância entre consciente e inconsciente, a avó transforma-se em Grande Mãe, subindo de categoria, sendo que, muitas vezes, os opostos desta imagem se destroçam (JUNG, 2000).

A imagem materna se situa num nível diferente quando quem a expressa é um homem e não uma mulher. Para a mulher, a mãe é o tipo de sua vida sexual consciente. Para o homem, porém, a mãe é o tipo de algo estranho, ainda a ser vivenciado e preenchido pelo mundo imagético do inconsciente latente. Por esta razão, o complexo materno do homem é diverso do da mulher. Portanto, a mãe é para o homem uma questão de caráter decididamente simbólico, onde há a tendência do

mesmo em realizá-la. Numa fase em que aparece o arquétipo, ocorre frequentemente uma identificação mais ou menos completa com a imagem originária (JUNG, 2000).

4.2 A mitologia andante

"Tudo o que está fora também está dentro" (GOETHE, 1834 apud JUNG, 2000).

Segundo Estés (1999), a mitologia traz muitas lições a respeito da sacralidade da mãe, além de exemplos do empoderamento do corpo feminino, especialmente de sua sexualidade. Assim também o significado do humor atrevido e obsceno de Baubo, da mitologia grega, vivenciada por muitas mulheres na sociedade machista, preconceituosa e patriarcal, muitas vezes confundida como mera vulgaridade, atrevimento e "oferecimento" do corpo da mulher, como na sociedade brasileira, onde são os inúmeros casos de abusos sexuais, estupros, feminicídios e violências pelo fato de ser mulher.

Trabalho desde os 12 anos, pois minha mãe sempre ensinou que eu precisava me cuidar e me sustentar. Fiquei sabendo que eu tinha HIV na frente da mãe, de uma maneira muito fria, sem sentimentos.

Foi um choque para mim e muita tristeza para minha mãe. Minha mãe ficou muito triste por mim e fiquei muito triste pela mãe. Minha mãe sempre foi tudo pra mim.

Tive muito medo de morrer no início, e preciso tomar antidepressivo. Tive abortos espontâneos e meu último filho chegou a nascer, mas faleceu em seguida. Sofri muito com isso. Queria muito ter filhos.

Nunca pensei em usar camisinha com o marido, pois eu queria ter filhos e ele também. Me contaminou com HIV através dele pois descobri que me traia e me separei dele. Acredito na ciência, acredito na prevenção das doenças, acredito nas medicações que preciso tomar, acredito nas vacinas.

É isso que acredito. A minha fé é na ciência. Vergonha, para as pessoas, é ter AIDS, achar que mulher que tem AIDS é promíscua ou drogada. É muita ignorância.

Não conto pra ninguém que tenho AIDS. Só eu, minha mãe e os profissionais do CEMAS sabem. Para mim, a AIDS sempre foi uma doença que dava nos outros e aprendi sofrendo, que quem vê cara, não vê AIDS.

Sempre fui muito feminina, arrumada, carinhosa, divertida, boa companhia. Tenho um novo namorado mas não usamos camisinha.

Como o exame de CD4 se mantém alto e a carga viral é inexistente, sei que não vai passar, confio nos exames e confio nele, sei que não vai trair e confio nas pesquisas que dizem que não vou passar HIV para ele.

Ele já me agrediu fisicamente mas perdoei por sermos muito parceiros e pq ele tinha bebido demais naquele dia e ficou alcoolizado. Ele é muito ciumento.

Depois que passou o susto, a raiva de ser traída pelo primeiro marido, tristeza pela mãe estar profundamente triste, a decepção a cada aborto e todo medo que a AIDS trás quando não se entende a doença, vivo melhor.

Saber que se está com o vírus HIV é difícil e só melhora o sentimento de tristeza, entendendo da doença. Entendendo como a doença funciona com o passar do tempo, dei a volta por cima.

Tive Covid-19 antes da vacina, senti muito medo e saudade das pessoas. Precisei me afastar da minha mãe, foi muito difícil este distanciamento com ela. Depois da vacina, as coisas melhoram mas sei que AIDS e Covid-19 sempre estarão no mundo. A AIDS é uma doença crônica, como diabetes e pressão alta. Precisa tomar o remédio certinho e vai ficar tudo bem. Covid-19, se não se cuidar pega fácil demais e passa fácil demais entre as pessoas.

A família precisa ensinar e a escola também. AIDS se pega no contato íntimo. Covid-19 se pega no contato social. Ruim é a sigla que carrega nas fichas médicas no sistema da prefeitura, que causa desconforto e constrangimento pois muita gente é preconceituosa e não sabe nada sobre a AIDS.

Pessoas se arriscam a tomar chimarrão com quem não se sabe que tem Covid-19 mas não abraçam quem tem AIDS. Preconceito é a parte mais triste. E tem muitos profissionais da saúde que também não entendem nada da AIDS. A camisinha é uma decisão do casal que transa mas usar máscara é proteção para todo mundo.

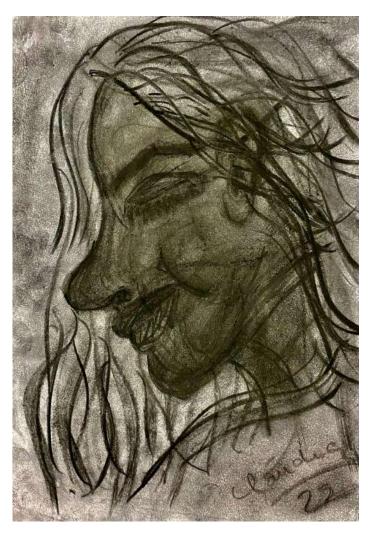
As pessoas são falsas e egoístas. Só cuidam da vida dos outros para falar mal. Na verdade, as pessoas não se importam com os outros no sentido do bem. Há uma cultura muito sem cultura.

As famílias jogam para a escola toda responsabilidade. Os pais deixam para as mães. As mães precisam trabalhar para sustentar a família, muitas vezes, sozinhas.

Mulher cansa de tanto peso nas costas e sem poder reclamar.

Homem reclama de tudo. Homens são frágeis, mulheres são fortes e mães, são o alicerce de tudo. [Glória, 46 anos, vivendo com HIV há 23 anos].

Figura 18 - Glória.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Antes do declínio do prestígio feminino, supõe-se que homens e mulheres tiveram relações relativamente equilibradas. No Egito, o casal aparece personificado por Osíris e Ísis. Osíris torna-se ao mesmo tempo o espírito do grão e o da água. Seu casamento com Ísis, a grande Deusa da fecundidade universal, simboliza a união da água do Nilo com a terra. Ísis e Osíris fecundam toda a natureza. Mas de acordo com a lenda, é Osíris e não Ísis quem é considerado como conhecedor das plantas e revela aos homens a arte da agricultura e da irrigação, desviando dos poderes femininos e surgindo os poderes masculinos (BADINTER, 1986).

Figura 19 - Isis.



Na mitologia grega, como aponta Koss (2000), Hera se curva a Zeus depois de extrair uma promessa de casamento e se torna a deusa do casamento, da fidelidade, a guardiã ciumenta dos votos do matrimônio e da hereditariedade. Hera estabelece o arquétipo da mulher em sua relação com o homem, como esposa e companheira ideal. A partir daí, começa a surgir a ideia de a mulher ter que servir ao homem, sendo sua companheira, esposa e gerar seus filhos.

Figura 20 - Hera.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada na mitologia).

Os mitos, neste período da história humana, começam a enfatizar a figura do herói que vence as forças do caos e traz a ordem ao mundo e inicia o desejo da supremacia do masculino no mundo pelos homens. Essa transferência do poder da mulher para o homem se refletiu à medida que cada deusa mãe foi deposta e as divindades femininas foram transformadas em demônios e novos mitos são criados para justificar a supremacia dos conquistadores, validando uma ordem social, onde o homem manda e a mulher, obedece (KOSS, 2000).

Assim, como expresso na mitologia, referido por Campbell (1992), o herói mitológico, saindo de seu castelo, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura e passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. "Seu

triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado) e a bênção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir)" (CAMPBELL, 1992, p. 241-242).

O complexo materno da filha e a hipertrofia do feminino ou aspecto maternal ou então uma atrofia do mesmo, é a exacerbação do feminino e significa uma intensificação de todos os instintos femininos, e em primeiro lugar do instinto materno. Seu aspecto negativo seria representado por uma mulher cuja única meta é parir. O homem, para ela, é manifestamente algo secundário; é essencialmente o instrumento de procriação, classificado como um objeto a ser cuidado entre as crianças, parentes pobres, gatos, galinhas e móveis. A sua própria personalidade também é de importância secundária; frequentemente ela é mais ou menos inconsciente, pois a vida é vivida nos outros e através dos outros, na medida em que, devido à inconsciência da própria personalidade, ela se identifica com eles (JUNG, 2000).

Primeiro, de acordo com Estés (1999), ela leva os filhos no ventre, depois se apega a eles, pois sem os mesmos não possui nenhuma razão de ser. Tal como Demeter extorque dos deuses um direito de propriedade sobre a filha. No caso deste arquétipo não são poucas as vezes em que o símbolo adequado não é Demeter, mas Baubo, uma deusa grega pouco conhecida, representada por uma figura feminina, sem braços e sem cabeça, com o rosto no ventre, como uma mulher expondo de forma brincalhona e divertida, uma vagina de tamanho exagerado entre as pernas. Baubo é a deusa do ventre e do humor, especialmente o humor obsceno. Ela desempenha um papel muito importante no mito de Deméter e Perséfone.

Figura 21 - Baubo.



Quando Deméter, exausta, encosta a cabeça na pedra de um poço, chega ali esta deusa engraçada, fazendo uma dancinha, balançando seus seios, contando piadas picantes e desnudando sua vagina. Deméter começou a rir e, juntas, deram gargalhadas. Foi esse sorriso fácil e divertido que, assim como para a outra parte de mim, da depressão, deu-me energia para continuar a curar minha filha das sequelas dos caminhos escolhidos pelo destino, para mim. Assim, o inverno passou e as tempestades pararam. Flores se abriram e os campos verdejaram (ESTÉS, 1999).

Figura 22 - Deméter.



Baubo, assim como Deméter e Perséfone, traz-nos muitas lições a respeito da sacralidade e do empoderamento do corpo feminino, especialmente de sua sexualidade. Porém, o significado desse humor atrevido e obsceno de Baubo, em nossa sociedade machista, preconceituosa e patriarcal, é confundida como mera vulgaridade, atrevimento e um "oferecimento" do corpo da mulher.

Figura 23 - Perséfone.



A prova disso, na sociedade em que vivo, são os inúmeros casos de feminicídio e violência contra a figura da mulher (ESTÉS, 1999). A autora aponta que

o sagrado e o sensual ou sexual vivem muito próximos um do outro na psique, pois eles despertam nossa atenção por meio de uma sensação de assombro, não por uma racionalização, mas pela vivência de alguma experiência física do corpo, algo que instantaneamente ou para sempre nos muda, nos sacode, nos leva ao ápice, abranda nossas rugas, nos dá um passo de dança, um assobio, uma verdadeira explosão de vida (ESTÉS, 1999, p. 255).

No sagrado, no obsceno, no sexual, há sempre uma risada selvagem à espera, um curto período de riso silencioso, a gargalhada de velha obscena, o chiado que é um riso, a risada que é selvagem e animalesca ou o trinado que é como uma volta. O riso é

de um lado oculto da sexualidade feminina: ele é físico, essencial, arrebatado, revitalizante e, portanto, excitante. Um tipo de sexualidade que não tem objetivo, como a excitação genital. ESTÉS (1999) ainda reforça que

Esse é sem dúvida o outro benefício das piadas e dos risos compartilhados das mulheres. Tudo se torna um remédio para os tempos difíceis, um fortificante para mais tarde. É uma diversão boa, limpa, suja. Podemos imaginar o sexual e o irreverente como algo sagrado? Podemos, especialmente se atua como medicamento. (Estés, 1999, p.256)

É uma sexualidade da alegria, só pelo momento, um verdadeiro amor sensual que voa solto e que vive, morre e volta a viver da sua própria energia. Ele é sagrado por ser tão medicinal. É sensual por despertar o corpo e as emoções. Ele é sexual por ser excitante e gerar ondas de prazer. Ele não é unidimensional, pois o riso é algo que compartilhamos com nosso próprio self bem como com muitos outros. O sorriso é a sexualidade mais selvagem da mulher (ESTÉS, 1999).

Além da ideia do corpo e do ventre como o que gera a vida humana, o ventre é um centro de criatividade e vitalidade, sítio da libido e do fogo que acende nosso interesse divino pela vida. Como na alquimia, é o caldeirão que cozinha nosso entusiasmo e alimenta nossa alma. O ventre também contém o riso visceral e selvagem que cura as tristezas, aquele sorriso que nasce nas nossas entranhas mais estranhas e obscuras. Por isso acredito que a cura da depressão está na própria depressão. O que precisamos descobrir é o mecanismo que fará o desencadear do sorrir pois a nascente do riso se esconde ali, no malicioso ventre (ESTÉS, 1999).

(...) a pequena deusa Baubo nos dá a ideia interessante de que um pouco de obscenidade pode ajudar a desfazer uma depressão. E é verdade que certos tipos de riso, que provêm de todas as histórias que as mulheres contam umas para as outras, histórias que são tão apimentadas ao ponto de serem de total mau gosto... essas histórias ativam a libido. Elas acendem o fogo do interesse da mulher pela vida. A deusa do ventre e a gargalhada são o que procuramos (Estés, 1999, p.252).

No entanto, segundo Jung (2000), devido à característica de apatia e de sentimentos de inferioridade, os quais sempre simulam uma inocência ofendida, cabe a Zeus, ao homem, o papel privilegiado de poder suportar essas conhecidas fraquezas femininas, com a magnanimidade e superioridade cavalheiresca (felizmente ele ignora que essas fraquezas são, em grande parte, suas próprias projeções).

Esse notório desamparo da jovem exerce sobre ele uma atração especial. Ela é de tal forma um apêndice da mãe que já não sabe o que lhe acontece quando um homem aparece por perto e é tão inexperiente e necessitada de ajuda que até mesmo o mais meigo dos pastores de ovelhas se transforma num arrojado raptor de mulheres, prestes a arrebatar traiçoeiramente de uma mãe amorosa sua filha. Esta grande oportunidade de poder ser uma vez na vida um grande espertalhão não ocorre todos os dias, representando para ele um forte incentivo. Foi assim que Plutão raptou Perséfone da inconsolável Deméter, mas por um decreto dos deuses teve que ceder sua mulher para a sogra, a cada verão (JUNG, 2000).

Perséfone criou Hécate - a "distante", em grego -, também chamada de Perséia, era filha dos titãs Astéria e Perses - o deus da luxúria e da destruição. Hécate morava no Olimpo, mas despertou a ira de sua mãe quando roubou-lhe um pote de carmim. Ela fugiu para a terra e, tornando-se impura, foi levada às trevas para ser purificada. Vivendo no Hades com Perséfone, passou a ser responsável pelas cerimônias e rituais de purificação. Tinha características diferentes dos outros deuses, mas Zeus atribuiu-lhe prestígio. Após a vitória dos deuses olímpicos contra os titãs, Zeus, Poseidon e Hades partilharam entre si o universo. A Zeus coube o céu e a terra, a Poseidon coube os oceanos e Hades recebeu o mundo das trevas e dos mortos. Hécate manteve os seus domínios sobre a terra, os céus, os mares e sobre o submundo, continuando a ser honrada pelos deuses que a respeitavam e mantiveram seu poder sobre o mundo e o submundo, ajudando a deusa Perséfone a julgar os mortos (SILVA, 2020).

Figura 24 - Hécate.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada na mitologia).

Conforme a Prof^a Dr^a Maria Claudia da Silva Vater da Costa Fiori (2022), para os romanos, Hécate era considerada Trívia – a deusa das encruzilhadas - e se fazia acompanhar de seus cães, lobos e ovelhas negras. Por sua relação com os encantamentos, feitiços e a obscuridade, os magos e bruxas da antiga Grécia lhe faziam oferendas com cães e cordeiros negros no final de cada lua nova. É considerada uma divindade tripla: lunar, infernal e marinha. Zeus lhe deu o poder de conceder ou negar qualquer desejo aos mortais e aos imortais e foi Hécate quem ajudou Deméter quando ela peregrinou pelo mundo em busca de sua filha Perséfone. Quando Perséfone, a amada filha de Deméter, foi raptada por Hades – o senhor do submundo – sua mãe perambulou em desespero por toda a Terra e, mortificada pela tristeza, privou todos os seres de alimento. Nada nascia na terra e Hécate, sendo sábia e observando o que acontecia, contou a Deméter o que havia sucedido a Perséfone. Ao longo da

história, a deusa Hekate foi, e continua a ser, conhecida e honrada por seus muitos epítetos, títulos ou sobrenomes (SILVA, 2020).

Foi então que Zeus decidiu interferir e ordenou que Perséfone regressasse para junto de sua mãe, desde que não tivesse ingerido nenhum alimento nos infernos. Porém, antes de retornar, Perséfone comeu algumas sementes de romã, o fruto associado às travessias do espírito. Assim ele podia passar duas partes do ano na superfície junto da mãe - era quando a terra florescia. Mas Perséfone deveria retornar para junto de Hades - era quando a terra cessava de florescer. Hécate espalhava sua benevolência para os homens, concedendo graças a quem as pedia. Dava prosperidade material, o dom da eloquência na política, a vitória nas batalhas e nos jogos. Seus privilégios se estendiam a todos os campos e era invocada como a deusa que nutria a juventude, protetora das crianças, enfermeira e curandeira de jovens e mulheres (SIEGEL; WYVERN, 2012).

Acreditava-se que, conforme Siegel e Wyvern (2012), Hécate aparecia nas noites de Lua Nova com sua horrível matilha diante dos viajantes que cruzavam as estradas. Ela era considerada a deusa da magia e da noite em suas vertentes mais terríveis e obscuras. Com seu poder de encantamento, também enviava os terrores noturnos e espectros para atormentar os mortais. Frequentava as encruzilhadas, os cemitérios e locais de crimes e orgias, tornando-se assim a senhora dos ritos e da magia negra. Senhora dos portões entre o mundo dos vivos e o mundo subterrâneo das sombras.

Hécate é a condutora de almas, e as ninfas do subterrâneo são suas companheiras. Com Eetes, Hécate gerou a feiticeira Circe – a deusa da noite - que se tornou uma famosa feiticeira com imenso poder da alquimia. A filha de Hécate elaborava venenos, poções mágicas, e podia transformar os homens em animais e participou ativamente da lenda de Ulisses. Vivendo em um palácio cheio de artifícios no litoral da Itália, Circe se tornou a deusa da Lua Nova ou Lua Negra, sendo relacionada a morte horrenda, feitiçaria, maldições, vinganças, sonhos precognitivos, magia negra e

aos encantamentos que ela preparava em seus grandes caldeirões (SIEGEL; WYVERN, 2012).



Figura 25 - Circe.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada na mitologia).

Mesmo descendente dos Titãs, Hécate não tem um mito próprio e foi, de acordo com Siegel e Wyvern (2012), uma das divindades mais ignoradas da mitologia grega, mencionada apenas em outros mitos, tal como o mito de Perséfone e Deméter. No entanto, Hécate é deusa dos caminhos e seu poder de olhar para três direções ao mesmo tempo sugere que algo no passado pode interferir no presente e prejudicar planos futuros. A deusa grega nos lembra da importância da mudança, ajudando-nos a libertar do passado, especialmente do que atrapalha nosso crescimento e evolução,

para aceitar as mudanças e transições. Às vezes ela nos pede para deixar o que é familiar e seguro para viajarmos para os lugares assustadores da alma.

Novos começos, sejam espirituais ou mundanos, nem sempre são fáceis, mas Hécate está lá para apoiar e mostrar o caminho. Ela empresta sua clarividência para vermos o que está profundamente esquecido ou até mesmo escondido de nós mesmos, ajudando a encontrarmos e escolhermos um caminho na vida. Com suas tochas, ela nos guia e pode nos levar a ver as coisas de forma diferente, inclusive vermos a nós mesmos, ajudando-nos a encontrar uma maior compreensão de nós mesmos e dos outros. Hécate nos ensina a sermos justos e tolerantes com aqueles que são diferentes (SIEGEL; WYVERN, 2012).

Apesar de seu nome significar "a distante", Hécate está presente nos momentos de necessidade. Segundo os autores, quando liberamos o passado e o que nos é familiar, Hécate ajuda a encontrar um novo caminho através de novos começos, apesar de esses momentos poderem apresentar confusão das ideias, flutuação dos humores e das incertezas, mas é quando enfrentamos as inevitáveis mudanças de vida. A poderosa deusa possuía todos aspectos e qualidades do feminino, tendo sob seu controle as forças secretas da natureza e, por isso, é considerada a patrona das sacerdotisas, deusa das feiticeiras e senhora das encruzilhadas. Hécate transita pelos três reinos, a todos conhece mas nenhum domina.

Os três reinos são posses de figuras masculinas, mas ela está além da posse ou do ego: ela é a sábia, a anciã. A senhora do visível e do invisível, aguarda na encruzilhada e observa o passado, o presente e o futuro. Ela não se precipita, aguarda o tempo que for preciso até uma direção ser tomada. Ela não escolhe a direção, cada um escolhe conforme seu livre arbítrio. Hécate oferece apenas a sua sabedoria e profunda visão, acima das ilusões (SIEGEL; WYVERN, 2012). Na sua presença ao longo da história do mundo, o simbolismo de Hécate como Senhora da Terra e da Lua, bem como dos arquétipos do Sagrado Feminino que atuam na psique de cada mulher, em uma época em que a cultura ocidental começa a despertar para a influência do

Divino Feminino, tanto individual quanto coletivamente, também na energia transformadora do Princípio Feminino da Divindade (FARRAR; FARRAR, 2018).

Como deusa dos encantamentos, acreditava-se que Hécate vagava à noite pela Terra, sempre acompanhada por seus espíritos e fantasmas. Suas lendas contam que ela passava pela Terra ao pôr do Sol, para recolher os mortos daquele dia. Os gregos sempre viam Hécate como uma jovem donzela e era acompanhada frequentemente em suas viagens por uma coruja, símbolo da sabedoria. A ela se atribuía a invenção da magia e da feitiçaria, tendo sido incorporada à família das deusas feiticeiras. Dizia-se que Medeia, de acordo com Siegel e Wyvern (2012), seria a sacerdotisa de Hécate, que praticava a bruxaria para manipular ervas mágicas, venenos, deter o curso dos rios e comprovar as trajetórias da lua e das estrelas. Como feiticeira, não podia ser vista e sua presença era anunciada apenas pelos latidos dos cães. Na verdade, as imagens horrendas e chocantes são projeções dos medos inconscientes masculinos perante os poderes da deusa, protetora da independência feminina, defensora contra a violência e opressão das mulheres, regente dos seus rituais de proteção, transformação e afirmação (SIEGEL; WYVERN, 2012).

Figura 26 - Medeia.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada na mitologia).

Segundo Siegel e Wyvern (2012), em função dessas memórias de repressão e dos medos impregnados no inconsciente coletivo, o contato com a deusa escura pode causar temores por acessar a programação negativa que associa escuridão com mal, perigo e morte. Para resgatar as qualidades regeneradoras, fortalecedoras e curadoras de Hécate, é necessário reconhecer que as imagens distorcidas não são reais nem verdadeiras, mas foram incutidas pela proibição de mergulhar no inconsciente, descobrir e usar o verdadeiro poder de cada um. Para receber dons visionários, criativos ou proféticos, é preciso, conforme os autores, mergulhar nas profundezas do mundo interior, encarar o reflexo da deusa escura dentro de nós, honrando seu poder e entregando a guarda do inconsciente. Ao reconhecer e integrar sua presença, ela irá guiar a trajetória, porém, será preciso sacrificar ou deixar morrer o velho, encarar e superar medos e limitações pois, somente assim, será possível flutuar sobre as escuras

e revoltas águas dos nossos conflitos e lembranças dolorosas e emergir para o novo (SIEGEL; WYVERN, 2012).

A conexão com Hécate, para Siegel e Wyvern (2012), representa um valioso meio para acessar a intuição e o conhecimento, aceitar a passagem inexorável do tempo e transmutar nossos medos perante o envelhecimento e a morte, pois Hécate ensina que o caminho que leva à visão sagrada e que inspira a renovação passa pela escuridão, pelo desapego e pela transmutação, uma vez que detém a chave que abre a porta dos mistérios e do lado oculto da psique. A sua tocha ilumina tanto as riquezas quanto os terrores do inconsciente, que precisam ser reconhecidos e transmutados; conduz no trajeto de cada um, pela escuridão, e revela o caminho da renovação. Hécate podia intervir nos fios do destino e muitas vezes era representada com uma foice ou punhal para cortar as ligações com o mundo dos vivos (SIEGEL; WYVERN, 2012). Sendo a morte - o maior temor de MVHA - encarada como passagem transformadora e não o fim assustador e definitivo, essa significação tem origem na própria terra que dá vida, dá a morte e transforma os frutos em novas sementes que irão renascer.

Hécate, portanto, é a deusa representante das forças do Sagrado Feminino - a Donzela, a Mãe e a Anciã. Do mesmo modo que a Mãe de Deus foi despida de todas as qualidades essenciais da materialidade, a matéria foi totalmente privada de alma e, quando uma imagem é condicionada por esse arquétipo é representada, como sendo recebida no céu, isto é, no reino do espírito, isso indica uma união de terra e céu, isto é, de matéria e espírito. O conhecimento científico certamente tenderá para o caminho contrário. Ele verá na própria matéria o equivalente do espírito¹o, mas este "espírito" aparecerá despido de todas ou pelo menos da maioria de suas qualidades conhecidas, tal como a matéria terrestre entra no céu, despida de suas propriedades específicas e a força regente do universo - *anima mundi* - pela qual o pensamento divino pode se

¹⁰ Espírito: A palavra espírito apresenta diferentes significados e conotações diferentes, a maioria deles relativos a energia vital que se manifesta no corpo físico. A palavra espírito é muitas vezes usada metafisicamente para se referir à consciência e a personalidade.

manifestar em leis que afetam a matéria, ou ainda, a força imaterial, inseparável da matéria, mas que a provê de forma e movimento. Não obstante isso, o caminho da união dos dois princípios separados, se processa gradualmente (JUNG, 2000).

É exatamente como fórmula a filosofia clássica chinesa: *yang* (o princípio luminoso, quente, seco e masculino) contém em si o germe do *yin* (o princípio escuro, frio, úmido e feminino) e vice-versa. Assim sendo, descobrir-se-ia na matéria o germe do espírito, e no espírito o germe da matéria. Os fenômenos de sincronicidade há muito conhecidos e confirmados estatisticamente pelos experimentos de Rhine (1937), citado por Jung (2000), parecem apontar nessa direção.

Para Jung (2000), a portadora do arquétipo é, em primeiro lugar, a mãe pessoal porque a criança vive inicialmente num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com ela. A mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu, a participação é progressivamente desfeita, e a consciência começa a tornar-se sua própria condição prévia, entrando em oposição ao inconsciente. O intelecto não é cultivado, mas permanece em geral sob a forma de sua disposição originária, isto é, em sua forma natural primitiva, incapaz de relacionar-se, violento, mas também tão verdadeiro e às vezes tão profundo como a própria natureza. Ela própria não o sabe, sendo por isso incapaz de apreciar a graça de seu intelecto ou de admirar filosoficamente sua profundidade; pode até mesmo esquecer o que acabou de escrever.

Cambray (2013) encontra, nas ciências contemporâneas da complexidade, a senha para dar soluções a problemas antes não resolvidos, e faz avançar rumo a uma compreensão integrada da intuição de Jung (2000). O argumento de que a sincronicidade pode ser vista como uma propriedade emergente de sistemas dinâmicos complexos permite lançar luz sobre o papel que a sincronicidade desempenha numa ampla variedade de fenômenos, que podem ir desde o diagnóstico e condução clínica de um paciente com depressão até decisões políticas de desarmamento e física nuclear.

Uma cena de dar alma ou vida para a animização da matéria põe em questão a absoluta imaterialidade do espírito, na medida em que se deveria atribuir a este último um tipo de substancialidade. O símbolo, no entanto, tem a grande vantagem de conseguir unificar numa *única* imagem fatores heterogêneos ou até mesmo incomensuráveis. Com o declínio da alquimia, ruiu a unidade simbólica de espírito e matéria, resultando o homem moderno, desenraizado e alienado numa natureza desprovida de alma (CAMBRAY, 2013).

Na história do símbolo, a árvore é descrita como o caminho e o crescimento para o imutável e eterno, gerada pela união dos opostos e possibilitando-a através do seu eterno já existir. É como se o homem, que procura em vão sua existência, disso fazendo uma filosofia, só encontrasse o caminho de volta àquele mundo no qual não se sente estranho, através da vivência da realidade simbólica. A alquimia, segundo Jung (2002), viu a simbologia da união dos opostos na árvore, e por isso não é de surpreender que o inconsciente do homem, que já não se sente à vontade no seu mundo, nem pode basear sua existência no passado transcorrido, volte a buscar o símbolo da árvore da vida, enraizada neste mundo, crescendo em direção ao pólo celeste, que o homem também é (JUNG, 2000).

4.3 A mãe e o ser mulher caminhando no estar masculino

A evidência concreta da figura da mulher enquanto personagem pré-histórico e histórico, deu a voz a ela em um extenso conjunto de contextos em que a figura masculina parecia dirigir as ações que vieram a estabelecer o que já aconteceu na humanidade e que vem emergir num novo momento, em que o mundo contemporâneo volta estabelecer e valorar o feminino. Para isso, é necessário atravessar as épocas difíceis em nossas vidas com compreensão, consciência, fé na renovação e na cura dos arquétipos ligados ao feminino sombrio, que foram demonizados e excluídos pela cultura machista do patriarcado (GEORGE, 2021).

No entanto, a tentativa de integração ao mundo dos homens como um igual transformou a reivindicação por igualdade em uma crise psicossocial pela busca da sua

identidade. Isso pois, para conseguir quebrar essa barreira entre os dois mundos, as mulheres desvalorizaram o universo feminino e alimentaram a ideia de que o sonho do mundo igualitário só se realizaria se elas acrescentassem na sua forma de ser as características e as vivências masculinas (OLIVEIRA, 1999).

A realização dos objetivos do movimento de mulheres exige uma segunda etapa em que ele transcenderia o quadro no qual está funcionando no presente. Nessa etapa, para além da igualdade, a libertação implica na construção de uma sociedade regida por um princípio de realidade diferente, uma sociedade na qual a dicotomia atual masculino-feminino seria ultrapassada nas relações sociais e individuais. Assim, o movimento carrega consigo o projeto, não só de instituições sociais novas, mas também uma mudança de consciência, de uma transformação das necessidades instintivas entre homens e mulheres, liberadas das limitações da dominação e da exploração (OLIVEIRA, 1999, p. 48).

O que as mulheres buscavam com esse movimento era, segundo Moraes (1999) ter o direito de exercer sua alteridade e trazer para o domínio público aquilo que era exercido na esfera privada: a valorização do sentimento, o cuidado personalizado do outro, a justiça aplicada e situada, que leva em conta o particular, ou seja, os valores femininos. Porém, como a representação do que é ser homem e mulher é construída numa visão que tem mais a ver com a experiência masculina que com a de ser mulher, a identidade feminina se definiu sob uma perspectiva masculina, isto é, a partir da relação que a consciência patriarcal estabeleceu com o princípio feminino. Exatamente por faltarem parâmetros femininos de vida autônoma e com liberdade, restou à mulher, como opção, a imitação do que se conhece: o estilo masculino de vida (STREY, 1997).

A identidade de uma pessoa, na sua relação com o ambiente social, interioriza o mundo que lhe é apresentado, como realidade concreta, subjetiva, na medida em que é pertinente à mulher em questão, e que por sua vez se exterioriza em seus comportamentos. A percepção do mundo se faz de acordo com o que já foi interiorizado por esta pessoa. Desta forma, as mulheres chegaram ao século XXI adotando padrões e perfis masculinos sem que os homens se feminilizassem, o que fez com que as duas polaridades vivessem em dois mundos diferentes, com modos de comunicação diferentes, faltando ainda o resgate do feminino no homem, não apenas nas mulheres, para que se construa entre eles uma relação de reciprocidade e complementaridade no lugar da relação de competitividade e rivalidade. Somente quando cada um reconhecer

o que possui escondido dentro de si, poderão se ver como indivíduos inteiros e se relacionar como um indivíduo e não como uma metade em busca de outra (MURARO; BOFF, 2002).

Apesar disso, não se pode deixar de reconhecer que os movimentos reivindicatórios das mulheres provocaram, especialmente desde a revolução industrial, uma série de transformações sociais, como a conquista de direitos legais, o controle da reprodução, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais, e derrubaram as crenças antigas quanto ao seu papel social (WOOLF, 1992).

Porém, não houve mudanças no que se refere à consciência individual, já que ela permanece unilateral. A dicotomia que antes existia fortemente entre o que era masculino e feminino, o que era bom e ruim, continua com a exarcebação e a exaltação do princípio masculino pelas mulheres, resultando numa desintegração cada vez maior da consciência. Neste sentido, o movimento feminista, apesar de toda sua importância política e educativa, não dá conta de propor novas perspectivas na complexa questão da identidade feminina e na formação de uma consciência universal mais integrada, menos unilateral (SEABRA; MUSZKAT, 1995).

Para Whitmont (1991), ao longo da história, homens e mulheres não só foram privados de uma parte sua natureza íntima, como tudo o que era considerado feminino, como a intuição, a ludicidade e a manifestação dos sentimentos passaram a ser vistos como repreensíveis e, dessa forma, a conexão instintiva que o ser humano tinha com seu interior também se perdeu. Os homens compensaram essa perda da força interior com o aumento da dependência da racionalidade, a ânsia de conquistas materiais, de poder e controle; enquanto que as mulheres, em posição de desvantagem, privadas do acesso às dimensões profundas relacionadas ao seu aspecto feminino, progressivamente permaneceram alienadas de si mesmas.

Como o mundo necessita das qualidades que o masculino e o feminino possuem, está fazendo falta o cultivo do mundo interior, a busca pelo significado da vida, o espaço para a ternura e a afetividade, ou seja, o feminino. Um não pode existir

sem o outro: os seres necessitam tanto da racionalidade, da abertura de caminhos, da construção de projetos de vida; quanto da espiritualidade, da intuição, da intimidade, da abertura para os sentimentos (WHITMONT, 1991).

Todavia, assim como um ímã, o objetivo das polaridades é sempre voltar à união. De acordo com Whitmont (1991), o feminino também quis emergir na vida das mulheres, como na gravidez e em muitos outros momentos da vida, onde há uma quebra nesse movimento de busca do masculino, e um chamado para tudo o que há de feminino. O corpo com sua sabedoria as faz entrar em contato com o inconsciente, e com a vida interior. Infelizmente, nem sempre esse chamado é ouvido e muitas mulheres passam por esse período como um empecilho para o trabalho. É muito frequente vermos mulheres não podendo mostrar suas qualidades femininas, se não não serão respeitadas no meio masculino.

Nesta era, o grande desafio é a restauração dessa dignidade e a convivência dos dois princípios no interior de cada um, para que se instaure no exterior. Para isso se tornar realidade, é necessário o "mergulho" na vida interior, o que significa direcionar a visão, que sempre foi focalizada para fora, para o mundo cotidiano; para dentro do ser humano. A erupção da feminilidade requer, para emergir, a auto-afirmação para que seja possível afirmar adequadamente a singularidade dos outros (WHITMONT, 1991).

Desta forma, a relação do homem e da mulher precisa passar por uma reformulação para que possa ser possível o "casamento do sol com a lua", ou seja, dos dois princípios dentro de cada um. Esse encontro ocorre quando a mulher, além de aceitar em si os valores femininos, desenvolve o seu princípio masculino a seu próprio modo, podendo reconhecer o homem e sua linguagem e vice-versa. Isso porque o homem, no período matriarcal, segundo Cavalcanti (1999), vivia sob o domínio da mãe, porém, com o desenvolvimento do patriarcado, ocorreu a ampliação gradual da consciência masculina e, na direção oposta, houve a intimidação da consciência feminina.

Sou espírita, estudo a doutrina espírita e vejo no espiritismo, consolo, pois me sinto impotente frente a tantas desgraças e crueldades no Brasil e no mundo. Levei em torno de 2 anos para se recuperar do baque de saber ter sido contaminada pelo HIV. Eu tinha rompido com um namorado e ele soube estar com HIV. Me avisou para fazer o teste e deu positivo.

Ele não gostava de usar camisinha pois dizia que não teria ereção. Eu sempre fui muito confiante e não insistia na prevenção.

Quando soube, quase desmaiei, parecia uma quase morte pois eu acreditava ser mesmo uma sentença de morte. Depois, quando iniciei tomar os coquetéis, me sentia como uma cobaia, usando coquetéis de drogas anti-retrovirais que nem se sabia ao certo no que ia dar.

Mas era necessário para aumentar a expectativa de vida, era uma esperança. Os coquetéis foram melhorando com os anos. Assim vai ser a vacina para a Covid-19. Confio nos estudos e pesquisas em todas as áreas.

Contei meu resultado do exame apenas para a sobrinha e o marido dela. Meu filho não sabe. Somente eles sabem. Para minha mãe também não contei, não contei porque ela não entenderia e seria mais uma tristeza pra mim.

Para o filho, não contou porque ele era criança e também não entenderia. Depois o tempo foi passando e não vi necessidade de contar. Minha mãe não entenderia a doença e meu filho, não teria porque saber como peguei. Difícil explicar para nossa mãe e nosso filho, como uma mulher sempre considerada tão inteligente e a frente, se contamina com HIV.

Falar de sexo, doença e morte, é muito difícil. Não vou contar a mais ninguém além de profissionais da saúde que tenham que saber, pois as pessoas são cruéis e despreparadas.

No começo, eu mesma tinha preconceito comigo, no sentido de compartilhar objetos, dar e receber abraços, tomar no mesmo copo. Eu sabia que HIV não contaminava através de objetos e carinho mas tinha receio que talvez sim e eu protegia as pessoas, de mim mesma.

Meus sobrinhos nunca foram preconceituosos e sempre ajudaram, mas para o filho, nunca contei. Com minha mãe, sempre agi de forma franca, aberta, liberal e ela comigo, mas travei para a AIDS.

Foi a minha mãe que me incentivou a engravidar mesmo eu sendo solteira e nunca ter tido a mínima vontade de casar. A força da minha mãe me estimulou a gravidez, trouxe força a mim e a minha espiritualidade em começar a desejar meu filho. Sempre fui uma mulher forte e precisei de muita força para enfrentar o HIV. Sexualmente me reprimia, me tornava fria, culpada. Eu tenho meu lado feminino bem destacado, que impulsiona uma força capaz de me dar vida e luz no caminho. Atualmente sou ainda mais forte e muito mais light mas sexo para mim, não existe mais.

Na Covid-19, senti o peso da morte na humanidade, a dor e desespero das famílias, a ignorância dos governantes. Senti a decepção pelo ser humano ser tão pobre em empatia. Por outro lado, senti a força em sermos únicos, embora fiquei extremamente sentida pelos governantes tratarem o povo como uma boiada, lembro da música do cantor Alceu Valença, uma "vida de gado".

Mas enfim, na experiência de viver duas pandemias, evoluí como pessoa e vi que quem é bom, continua sendo bom. Quem é ruim, segue assim. A humanidade tem muito a evoluir. Falta equilíbrio, afeto, respeito à natureza e valorização das artes. [Aurora, 59 anos, vivendo com HIV há 21 anos].



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

A partir desse momento, a natureza e a cultura se opuseram, prevalecendo a última sobre a primeira. A natureza não era mais vista como fazendo parte de cada ser humano, mas como um meio a ser conquistado. Houve o desenvolvimento do pensamento racional e o afastamento do ser humano da natureza. Gradualmente, o valor da mulher, e consequentemente do feminino, passam a consistir unicamente em sua capacidade reprodutora. Assim, encerra-se o matriarcado. Porém, a grande força integradora característica desse período foi tão significativa que as deusas se transformaram em arquétipos e em valores que marcaram a história de toda a humanidade (MURARO; BOFF, 2002).

A sexualidade também era vivida dentro deste contexto de posse e submissão. Com isso, a feminilidade passa a ser definida como submissão, castidade, fidelidade e obediência, a mulher deve estar a serviço da família e do marido (CAVALCANTI, 1993).

Assim, a mulher perde sua autonomia e liberdade para decidir seu destino. Confinadas em um espaço restrito e bem definido, elas passavam grande parte do tempo juntas, conversando entre si. Dessa forma, o saber feminino se consolida no isolamento do espaço privado. Considerava-se que a capacidade intelectual das mulheres era limitada, e como elas tinham o acesso ao saber institucionalizado interditado, com base na sua incapacidade intelectual, a exclusão das mulheres da vida social teve como conseqüência o seu despreparo para o exercício da cidadania, o que foi utilizado, posteriormente, como motivo para justificar sua subordinação ao homem (KOSS, 2000).

Acredito em Deus, mas não em uma religião específica. Sou divorciada e isso por muito tempo já era um sinal de fracasso.

Minha mãe sempre teve muita vergonha de falar que tinha uma filha divorciada, imagina saber que eu tinha HIV, seria a morte para ela.

Quando eu soube do resultado, reagi como perante a morte iminente de alguém que se ama muito, não parecia verdade e não acreditei nos exames. Fiquei imóvel. Simplesmente não acreditei e neguei para mim mesma, mas quando eu soube que o resultado do meu marido deu HIV positivo, não consegui mais viver com ele e o casamento acabou.

Comecei a sentir os sintomas da AIDS e me obriguei a começar o tratamento para não morrer, mas ninguém sabe disso e nunca vai saber. É um segredo meu, do meu ex-marido e de quem me atende no CEMAS.

Não vou contar para os filhos e nem para a minha mãe. Isto está definido, até pq a minha mãe não merece sofrer, já sofreu demais para criar os filhos. O meu pai era alcoólatra e muito violento. Tinha muito ciúmes da minha mãe e não deixava ninguém namorar as filhas.

Meus irmãos podiam transar com todo mundo. Era assim, mas a minha mãe sempre ensinou que as filhas deviam estudar, trabalhar e ser independentes para não ter uma vida como a dela. O meu pai nunca deixou a minha mãe trabalhar fora e nem sair de casa sem ele.

Os meus filhos, não precisam saber, nunca quis contar e nem vou. O preconceito ainda é muito forte e ficariam muito tristes. Eu sofreria tudo de novo. Hoje sei que tenho AIDS e até é difícil falar, é uma doença que nunca vou aceitar. Penso em ter sido ingênua ao confiar no marido e pensar nele como foi um dia, o meu grande amor. Acabou.

Tive namorados e sempre usaram preservativos, jamais faria isso com eles, deixar não usar, mas não quero mais casar ou ter compromisso sério. Não acredito mais em casamento ou união feliz. É cada um no seu canto.

E já estou programando como serei cuidada no futuro e vai ser assim. Vou pagar pra não me incomodar e nem atrapalhar meus filhos. Acredito que talvez um dia eu ame alguém de novo e queira uma boa companhia, talvez um cachorro.

A traição maior foi na alma e há uma solidão interna que não tem como apagar. Talvez só a morte apague mesmo. A cada exame de sangue que eu faço eu revivo tudo de novo, como um filme que sempre volta na cabeça da gente e revivo a AIDS a cada manhã, ao tomar o coquetel.

Eu saio pra trabalhar sempre de máscara, minhas duas máscaras, e prefiro assim, deixar a AIDS num canto dentro de casa e vivo em negação, torcendo pela cura, minha única esperança.

Fecho as janelas, bato a porta, tranco a casa e a AIDS fica ali. Ela só volta dali 12 horas.

Nestas 12 horas me defendo da Covid-19. E vivo assim, de 12/12 horas. [Angélica, 55 anos, vivendo com HIV há 15 anos].



Figura 28 - Angélica.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

De acordo com Cavalcanti (1993), no século XVI, a Igreja Católica instituiu o sacramento do matrimônio e corroborou com a subordinação da mulher para com o homem, passando a ditar as regras para o comportamento das pessoas e prescrevendo, principalmente, como a mulher deveria agir em relação ao seu marido. Em contraponto, valorizava o feminino, no sentido de impor a virtude como traço principal e abençoado da maternidade. O feminino, com essas qualidades, não

ameaçaria a ordem patriarcal, que permaneceria sob o controle absoluto do homem. O ato sexual feminino prazeroso, neste momento, passa a ser visto como uma coisa suja, ruim e pecaminosa uma vez que este deveria ter um único objetivo: a procriação (CAVALCANTI, 1993).

Assim, o casamento passa a ser o lugar onde esta dominação será exercida como um culto à santificação da mulher, e esta passa a estar sob o controle absoluto do homem. A mulher sai do controle do pai, para o controle do marido:

O matrimônio era, portanto, uma instituição pela qual os homens eram confirmados como os donos de suas esposas em termos religiosos e legais (...). Um marido poderia dispor das propriedades de sua esposa, suas roupas, suas jóias e roupas de cama, e ainda tinha o direito de bater nela, caso ela não cumprisse seus desejos. Na maioria dos países, os maridos podiam punir suas esposas da maneira que lhes conviesse, menos com assassinatos (YALOM, 2002, p. 70).

Oliveira (1999) reforça que, apesar disso, no final do século XX, a igualdade de direitos e oportunidades, condição básica para o exercício de uma verdadeira parceria entre mulheres e homens, ainda estava longe de se constituir como regra. Dessa forma, o feminino desafiava a ordem masculina, bem como a definição do feminino como o avesso do masculino. Com todas essas mudanças, perdeu-se a referência sobre o que seria feminino e masculino, pois os papéis estabelecidos socialmente hoje, para os homens e mulheres, que antes estavam cristalizados, são quebrados e as mulheres começam a reconquistar cada vez mais espaço, introduzindo a incerteza, a pluralidade de escolha onde só havia a certeza e a conformidade (OLIVEIRA, 1999).

O movimento de entrada das mulheres no mercado de trabalho, carreira profissional, política e a desvalorização da vida no lar, que contribuíram para apagar a fronteira entre o privado e o público, entre o feminino e o masculino, quebrando, dessa forma, a antiga identidade feminina, centrada na idéia da mulher que se realiza nos afazeres domésticos e na criação dos filhos. Essa foi uma forma de buscar ser indivíduo na sociedade masculina que lhe impôs uma identidade e a desvalorização da vida no lar, que contribuíram para apagar a fronteira entre o privado e o público, entre o feminino e o masculino, quebrou, como ressalta Oliveira (1999).

A realização dos objetivos do movimento de mulheres exige uma segunda etapa em que ele transcenderia o quadro no qual está funcionando no presente.

Nessa etapa, para além da igualdade, a libertação implica na construção de uma sociedade regida por um princípio de realidade diferente, uma sociedade na qual a dicotomia atual masculino-feminino seria ultrapassada nas relações sociais e individuais. Assim, o movimento carrega consigo o projeto, não só de instituições sociais novas, mas também uma mudança de consciência, de uma transformação das necessidades instintivas entre homens e mulheres, liberadas das limitações da dominação e da exploração (OLIVEIRA, 1999, p. 48).

Quando cada mulher reconhece o que possui escondido dentro de si, pode se ver como pessoas inteiras e se relacionar desta forma integral e não como uma metade em busca da outra. As mulheres almejavam ter o direito de exercer sua alteridade e trazer para o domínio público aquilo que era exercido na esfera privada: a valorização do sentimento, o cuidado personalizado do outro, a justiça aplicada e situada, que leva em conta o particular, ou seja, os valores femininos (MORAES, 1999).

Fui sempre muito otimista mas vivo de fato 3 solidões, da AIDS, da Covid-19 e do coração. A covid-19 foi apenas mais um distanciamento. A internet já estava distanciando o contato entre as pessoas e o preconceito, separando. Existe segregação de todos os tipos. Falam de mundo inclusivo, isto está muito longe de acontecer, simplesmente po as pessoas não respeitam as outras. É muita crítica destrutiva. Ainda estamos em um mundo em que a mulher precisa se sentir aprovada pelo homem para se sentir feminina. Ou pior, ser aprovada pela internet. E o homem ainda quer uma mulher que chame de sua. A mulher não precisa se empoderar, ela é poderosa por natureza. Precisa agir na educação dos filhos. Os filhos precisam voltar a ter respeito pelos pais. A natureza da mulher é ser forte e feminina. O homem que precisa ser trabalhado para se permitir ser mais feminino. A mulher já está deixando sua masculinidade estacionada vir à tona mas às vezes confunde ser forte com ter força e ataca, perdendo a sua feminilidade. O homem ainda confunde feminilidade com homosexualidade e masculinidade com sexualidade. Se um homem permitir ser mais feminino, ele pensa que se tornaria aos olhos da sociedade, menos macho. Homens sensíveis estão em falta no mercado das relações. Só sei que me contaminei com meu primeiro namorado, eu era virgem. Ele não me contou, nem quando casamos. Ele nasceu HIV e a mãe dele nunca contou pra ele. Ele descobriu quando começou a transar e fez o teste. O pai dele sabia e não contou pra ele, nem quando a mãe dele morreu. A mãe morreu de AIDS quando ele tinha 5 anos. Eu soube quando ele faleceu porque os médicos pediram para eu testar. Fui ao CEMAS e testei, deu positivo. Meu filho era bebê ainda mas graças a Deus, não se contaminou. Infelizmente, ainda é assim e vivo na pele, mulher com AIDS é mulher da vida. Homem com AIDS é gay. Adolescente com AIDS é drogado. Idoso com AIDS não existe po idoso não transa. O homem ainda hoje manda e a mulher obedece, o marido decide e a mulher acata. A mãe passa a educar suas filhas para serem esposas e acatar as ordens e gostos do marido, que passará a ser seu dono e gestor. E, passa a educar os filhos para serem os chefes de família e fazerem os afazeres domésticos para seus filhos. As mulheres aprendem que o homem tem necessidades fora do casamento e as mulheres devem permanecer ao comando do marido. É preciso educar desde criança, dentro de casa. A criança aprende pelo exemplo e enquanto não tiver equilíbrio em casa, não terá na escola, não terá no trabalho, não terá nos relacionamentos, não terá na vida. [Clara, 36 anos, vivendo com HIV há 18 anos].



Figura 29 - Clara.

Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Além disso, ressalta-se ainda, a partir do pensamento de Jung (2000), a necessidade de estudos de gênero, que possibilitam uma releitura das explicações correntes em torno das questões acerca do universo temático das mulheres, homens e famílias, pois, ao implicar uma adesão a paradigmas críticos de análise da vida social, essas reflexões vão favorecer o entendimento de uma série de mudanças e permanências no ser, sentir e agir. Como Pinnelli (2004, p. 56) destaca,

é impossível dissociar a análise das relações de gênero e de família, pois os dois conceitos estão interligados, sendo as mudanças em um ligadas às mudanças na outra, e estando ambos sujeitos à força das mudanças sociais.

Nessa perspectiva, portanto, é que podemos afirmar que as teorizações em torno de gênero têm se tornado uma das principais ferramentas para a viabilização do esforço permanente de desconstrução e construção do que se convencionou chamar família, já que elas oferecem um acesso a fundamentos estruturais importantes para a leitura dos múltiplos níveis hierárquicos interatuantes nesse universo – além do gênero –, tal como classe, raça ou etnia, e idade ou geração.

Assim sendo, tais teorizações possibilitam que se possam compreender as bases do caráter polissêmico do termo e explicar alguns dos mecanismos geradores de continuidades e de novas configurações nos padrões de comportamento e relações no lar e no universo familiar. De Bosco, citada por Bachelard (1996), na obra *La Redousse*, afirma que a unidade entre a família, a imagem da casa e as funções maternas é sugerida e explícita à aproximação entre a força do lar e a mãe protetora:

A princípio ela se queixava; as piores rajadas a atacaram de todos os lados ao mesmo tempo, com um ódio nítido e tais urros de raiva que, durante alguns momentos, eu tremi de medo. Mas ela resistiu. Quando começou a tempestade, ventos mal-humorados dedicaram-se a atacar o telhado. Tentaram arrancá-lo, partir-lhe os rins, fazê-lo em pedaços, aspirá-lo. Mas ele curvou o dorso e agarrou-se ao velho vigamento. Então outros ventos vieram e, arremessando-se rente ao solo, arremeteram contra as muralhas. Tudo se vergou contra o choque impetuoso; mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera. Sem dúvida ela se prendia ao solo da ilha por raízes inquebrantáveis, e por isso suas finas paredes de pau-a-pique e madeira tinham uma força sobrenatural. Por mais que atacassem as janelas e as portas, pronunciassem ameaças colossais ou trombeteassem na chaminé, o ser, agora, humano em que eu abrigava meu corpo nada cedeu à tempestade. A casa apertou-se contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até o meu coração. Naquela noite ela foi realmente a minha mãe (BOSCO, citado por BACHELARD, 1996, p. 61).

A proteção da mãe e o abrigo do lar apontam para uma imagem de infância em que houve amparo, acolhimento, vínculo e humanidade. A criança foi recebida e acolhida pelo mundo, e não simplesmente jogada nele. O carinho materno do abrigo de infância compreende que são muitas as infâncias vividas, nos mais variados modos de significar as vivências da criança e da cultura, acrescentadas as forças e resistências do colo da mãe e da família, que caracterizam a morada humana:

Que imagem de concentração de ser, essa casa que se "aperta" contra seu habitante, que se torna a célula de um corpo com suas paredes próximas! O refúgio contraiu—se. E, mais protetor, tornou—se exteriormente mais forte. De

refúgio passou a reduto. A choupana transformou—se em fortaleza dá coragem para o solitário que nela deve aprender a vencer o medo. Tal morada é educativa. Na casa que a imaginação converteu no próprio centro de um ciclone, é preciso superar as meras impressões de conforto que sentimos em qualquer abrigo. É preciso participar do drama cósmico enfrentado pela casa que luta (BACHELARD, 1996, p. 227).

Na obra de Bachelard (1996), há uma dialética entre o espaço e a existência. Tal dialética revela uma tensão dinâmica constante entre o homem e suas moradas, e entre estas e o universo. Não por acaso, a casa, muitas vezes, lembra os afagos protetores da mãe. Tanto uma como outra têm como função criar para a existência humana valores de pertencimento, intimidade, segurança e proteção diante de novos desafios que serão impostos pelo mundo (PARENTE, 2009) e, ao fluir na direção da morte, a vida do homem arrastaria consigo, inevitavelmente,

a nossa crença na realidade da vida e na realidade do mundo que não são, com efeito, a mesma coisa e, provém basicamente da permanência e da durabilidade do mundo, bem superiores às da vida mortal. Se o homem soubesse que o mundo acabaria quando ele morresse, ou logo depois, esse mundo perderia toda a sua realidade, como a perdeu para os antigos cristãos, na medida em que estes estavam convencidos de que as suas expectativas escatológicas seriam imediatamente realizadas. A confiança na realidade da vida, pelo contrário, depende quase exclusivamente da intensidade com que a vida é experimentada, do impacto com que ela se faz sentir. Esta intensidade é tão grande e a sua força é tão elementar que, onde quer que prevaleça, na alegria ou na dor, oblitera qualquer outra realidade mundana. Já se observou muitas vezes que aquilo que a vida dos ricos perde em vitalidade, em intimidade com as boas "coisas" da natureza, ganha em refinamento e sensibilidade às coisas belas do mundo. O fato é que a capacidade humana de vida no mundo implica sempre uma capacidade de transcender e alienar-se dos processos da própria vida, enquanto a vitalidade e o vigor só podem ser conservados na medida em que os homens se disponham a arcar com o ônus, as fadigas e as perdas da vida. No caminhar ao findar da vida, todas as coisas humanas para a ruína e a destruição, se não for a faculdade humana de interrompê-las e iniciar algo novo, faculdade inerente à ação como perene advertência de que os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar (ARENDT, 1999, p.144).

4.4 A passagem

Os saberes no seguir o caminho

Um dos grandes desafios da complexidade de ser uma MVHA está na compreensão de pertencimento da comunidade de destino, uma vez que a comunidade é cultural por conter valores, costumes e crenças em comum, e também histórica pelas mudanças, fatos marcantes e dificuldades suportadas e superadas ao longo de certo

tempo. Seu caminhar é transmitido de geração a geração pela família, através de música, dança, livros, e se consolida na escola, a qual tem a missão de resgatar as passagens marcantes e históricas de seus heróis, identificando o passado com o presente (MORIN, 2003).

Eu nasci com HIV e minha mãe me contou quando eu era adolescente. Nunca culpei ela ou meu pai. Não há culpa e nem culpados. Quem sou eu para julgar. Fiz todo acompanhamento para engravidar. Eu queria muito ter um filho. Meu marido não tem HIV e quando contei, antes do namoro, eu contei para terminar. Terminamos mas o amor, não. Por fim, noivamos, casamos e temos nosso filho. Se vou contar para ele minha história? Ainda não sei, mas fiz um poema uma vez num projeto da escola e guardei até hoje, vou dar esse poema pra ti:

"E pensar em tantas mães, mulheres valentes que são tão contentes, que não tem lente, que tente, mostrar o quanto são gente.

Agora, repenso num dia feito de frio que veio na minha mente, uma moça contente, a olhar pela janela do peito, quase sem jeito. Era como uma onça que não era errante, mas irritante de tão gritante. Começou com o tempo a prestar atenção e cheia de emoção via o tempo fugindo pela sua mão.

Ela sempre enxergava o dia lindo, vivia sorrindo e via como o céu podia ser de um azul radiante, o sol era tão brilhante, parecia até que ofuscava a visão para adiante e o vento ali era meio tímido, parecia um convite, sem limite.

Ela resolveu, então, abrir a janela e expor com risco, todo o seu medo e dor, pois precisava assumir que havia escorrido muitas lágrimas e, que horror! Cada uma ainda ardia em seu rosto, sem pudor, um queimado de vida, que cobria a face, sem disfarce mas escondia com desgosto, e era meu Deus...tanto esforço.

Lembra que ficou triste, naquele e em outro dia, que parecia que nem existia, e a única saudade e vontade que tinha, era de ser feliz como já tinha "querido" ser um dia, quando ainda corria e caia por aí mas sabia que sua mãe era a mulher que sempre a salvaria, não importasse o tombo que viria.

Talvez, se tivesse saído dali antes e corresse para as nuvens distantes, estaria tão solta e livre para voar e rever seu caminho, sem parecer forte e poderia orar mais um tantinho e com sorte, rir de verdade, à vontade!

Aquela mulher escondida, poderia mostrar toda sua vida com sua sensibilidade felina, feminina, de menina, em qualquer idade. Que felicidade seria!

Mas quis a alquimia da vida enfrentar o fogo, e misturar tudo de novo, e quem diria, para a ventania poder soprar sementes e fazer ecoar bem forte ali e repetir:

Mãe!!! O meu e o teu lugar é aqui.

E foi assim que eu nasci".

[Ana Maria, 29 anos, vivendo com AIDS desde que nasceu].

Figura 30 - Ana Maria.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

Projetos educativos, tanto na área da educação como na área da saúde, mesmo sendo diferentes em cada parte do mundo, ignoram, muitas vezes, *saberes* essenciais para que a educação avance, criando verdadeiros "buracos obscuros" que precisam ser revistos com a finalidade de se oferecer um ensino integral às crianças, aos adolescentes e aos adultos. Estes saberes necessários à educação do futuro não têm nenhum programa educativo, escolar ou universitário e não estão concentrados no ensino infantil, fundamental, médio, superior e nem na pós-graduação, mas abordam problemas específicos para cada um desses níveis. Eles dizem respeito aos buracos obscuros da educação, completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos. Programas esses que certamente deveriam ser colocados no

centro das preocupações sobre a formação dos jovens, futuros cidadãos (MORIN, 2000).

Os saberes, postulados por Morin (2000, p.19), imprescindíveis na educação e ignorados pelos gestores das políticas públicas de educação do século XXI, são "as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão", aspecto que o autor aponta como o primeiro saber:

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção, que vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento por meio de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro (MORIN, 2000, p. 20).

O segundo saber tem como questão fundamental *os princípios do conhecimento pertinente*, para que a pessoa seja capaz de pensar de forma crítica e inovadora e, para isso, seria necessário que tivesse acesso a um programa educacional que favorecesse as aptidões naturais da mente para formular e resolver problemas essenciais, estimulando a inteligência geral. Segundo Morin (2000),

na missão de promover a inteligência geral dos indivíduos, a Educação do Futuro deve, ao mesmo tempo, utilizar os conhecimentos existentes, superar as antinomias decorrentes do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade (MORIN, 2000, p. 37).

O terceiro saber aborda e atenta para *o ensino da condição humana* e significa que "conhecer o humano, é antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. [...] Todo conhecimento deve contextualizar o objeto, para ser pertinente. Quem somos? É inseparável de onde estamos? De onde viemos? Para onde vamos?" (MORIN, 2000, p. 43). *Ensinar a identidade terrena* consiste no quarto saber e abrange a compreensão das características da era planetária, a qual caracteriza-se, segundo Morin (2000, p. 56), pela questão planetária, que significa "um todo que se nutre de ingredientes múltiplos, conflitivos, nascidos de crise; ele engloba-os, ultrapassa-os e nutre-os de volta". Desta forma, a era planetária requer que o estudante pense a partir de sua globalidade, da multidimensionalidade, da complexidade, que estabeleça relações entre

o todo e as partes, o que se remete a finalidade da educação do futuro: "o pensamento policêntrico, que deve trabalhar, na era planetária, para a identidade e consciência terrenas". Apesar das falas de professores ao longo da minha jornada, de que possam demonstrar convergências com os Sete Saberes e, portanto, com a Teoria da Complexidade, os relatos podem, sim, revelar que em relação à metodologia ainda predominam as práticas conservadoras características da universidade (MORIN, 2015, p. 56).

O quinto saber apontado por Morin (2015, p. 86-89) e a ser ensinado pela educação do futuro é *enfrentar as incertezas*, pois a reflexão para a resolução dos problemas atuais demanda o desapego da estabilidade proveniente das certezas, inclusive científicas, para a relação com as incertezas decorrentes da realidade. A educação do futuro, portanto, deverá mostrar a possibilidade do surgimento do inesperado, o que o autor denomina como o ensino da ecologia da ação, que significa a atitude tomada quando uma ação é desencadeada e diverge das intenções daquele que a provocou, podendo inclusive desviar-se para o sentido oposto (MORIN, 2015).

Para Morin (2015), o ensino da compreensão é o saber basilar e sexto saber, para que se efetive o diálogo e a cooperação entre os indivíduos, unindo concepções antagônicas, similares ou concorrentes, dualidade importante para se compreender e interpretar uma mesma realidade. O ensino da *ética do gênero humano* é o sétimo e último saber proposto, diz respeito a uma antropoética do humano e implica na decisão consciente e esclarecida de assumir a condição de indivíduo, espécie e sociedade na complexidade que ela encerra.

A partir dos Sete Saberes desse autor, do tema desta pesquisa e diante das limitações que dificultaram a operacionalização no âmbito da educação formal, estes saberes essenciais representarão uma proposta para o processo de formação de educadores mais reflexivos, e a abordagem do paradigma da complexidade, que irá implicar em eleger os saberes que compõem esta visão, que buscará a reintegração das partes, com vistas a conquistar o entendimento do todo como na intuição e na busca de soluções viáveis e possíveis para a comunidade (JUNG, 2000).

Além disto, no que diz respeito aos campos da Educação e da Saúde, agrega-se ainda complexidade inerente a essas áreas, relacionadas a muitos fatores, como as múltiplas determinações sobre o estado de saúde da população e dos indivíduos; sobre a diversidade das necessidades de saúde em uma população; os diferentes tipos de ações e serviços necessários para dar conta dessas necessidades; a capacitação de pessoal e recursos tecnológicos requeridos para atendê-las; e os interesses e pressões do mercado na área da saúde que frequentemente tencionam a estruturação de um sistema calcado na concepção de saúde como um direito de cidadania. Encontra-se nas ciências contemporâneas da complexidade a senha para pensar e refletir sobre os problemas, antes não resolvidos, e que faz a necessidade de avançar rumo a uma compreensão integrada (CAMBRAY, 2013).

Ao compreender de que há gradações de consciência e uma correspondência entre consciente e inconsciente, assim como entre psique, espírito e matéria, somos levados a perceber que tal gradação da consciência leva a um desenlace em que, de alguma forma, a consciência e o inconsciente estão sempre interligados, à medida em que todo conteúdo consciente é, também, inconsciente em outro aspecto:

Assim chegamos à conclusão paradoxal de que não há um conteúdo consciente que não seja também inconsciente sob outro aspecto. É possível igualmente que não haja um psiquismo inconsciente que não seja, ao mesmo tempo, consciente (JUNG, 2000).

Em paralelo a esta questão, um outro aspecto relevante, e que ainda se encontra em construção no Brasil, é o sistema de Educação e Saúde, que inevitavelmente reflete na passagem de vida de cada um e de sua comunidade, uma vez que, ao longo de toda a história, foi tensionado por períodos de centralismo autoritário, e a redemocratização do país ainda é relativamente recente. Além disso, é neste contexto social que se percebe, no Brasil, uma necessidade muito grande de integração e diálogos que ofereçam e promovam conhecimentos anuladores das desigualdades de qualquer ordem, e para isso é necessário que os discursos da Educação e da Saúde se integrem e interajam.

Freire e Horton (2003) entendem que a integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade, acrescida da possibilidade de transformá-la, supondo uma

opção, cuja nota fundamental é a criticidade. A adaptação é um conceito passivo. À medida que cria, recria e decide, vão se transformando as épocas históricas. É também criando, recriando, decidindo, que o homem e a mulher devem participar destes momentos.

O homem e a mulher, entendidos para Freire (2006, p. 69), como um "ser histórico que, herdeiro da sua infância, saído da adolescência, a caminho da velhice, continua o processo de socialização do seu ser e da sua personalidade", que "procura acabar-se, completar-se a cada dia" e que aprender "[...] é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito", exatamente por ser o homem e a mulher, seres inacabados. Neste sentido, busca a sua "adultez", fruto de uma conquista progressiva de autonomia individual em seu trânsito pela vida (FREIRE; SHOR, 2006).

Esses processos são prioritários do campo da educação para a saúde e para lidar com as iniquidades evidenciadas nas famílias brasileiras, muitas delas tendo como chefe e responsável a avó, a mãe e a filha. Enfim, apresenta alguns setores que impactam negativamente sobre a vida de mulheres chefes de família. Dentre esses fatores estão o trabalho, a educação e a saúde. No trabalho, mulheres chefes de família, de uma forma mais exacerbada que outras mulheres, costumam ter rendas mais baixas, precisam conciliar horários de casa e horários de trabalho, precisam de apoio para cuidar dos dependentes enquanto trabalham, sofrem frequentemente de exclusão do emprego por causa de demandas da casa, e algumas ainda possuem doenças crônicas (SCOTT, 2002).

Como consequência, é possível observar que, no setor da educação formal, muitas mulheres chefes de família não conseguem dar continuidade aos próprios estudos escolares, devido à necessidade de auferir renda para a família e sustento dos filhos. Corre-se o risco, com isso, de que muitas mulheres, chefes de família, sejam candidatas fortes à evasão escolar, pois mulheres sem cônjuges necessitam trabalhar, sendo a única provedora, o que impossibilita a sua continuação nos estudos ou participação em capacitações.

Ensinar um conteúdo pela apropriação ou a apreensão deste por parte dos educandos demanda a criação e o exercício de uma séria disciplina intelectual a vir sendo forjada desde a pré-escola. [...] Mas, assim como não é possível ensinar a aprender, sem ensinar um certo conteúdo através de cujo conhecimento se aprende a aprender, não se ensina igualmente a disciplina de que estou falando a não ser na e pela prática cognoscente de que os educandos vão se formando sujeitos cada vez mais críticos. (FREIRE; SHOR, 2006, p.82)

Por ser chefe, ela se sacrifica em favor do grupo, o que não deixa de acontecer adicionalmente com as pessoas que residem com ela. No setor de saúde, a precariedade da renda resulta numa saúde fragilizada. Fica evidente que, como na educação, a saúde congrega os indicadores da deterioração das condições de vida entre a população, ou seja, é uma área onde as mulheres chefes de família precisam de uma atenção especial (SCOTT, 2002).

Assim, a possibilidade de entender a leitura do mundo das mães MVHA e do modo de agir desta mãe com o seu filho(a), ao existenciar-se como educadora se dá na educação *não formal*, na sua cidadania consciente e compartilhada. Desta forma, constrói, com seu filho, filha, filhos, cada degrau para o processo de individuação e de identidade cultural, geradas nas batalhas do dia a dia, e que fornecem a força pessoal e profissional para seguir (SOUZA, 2000).

4.5 Conversas e escutas no caminho

A falta de diálogo e vínculo, seja entre regiões, comunidades, pessoas ou mesmo nas relações entre mães e filhos, professores e alunos ou profissionais e pacientes, se reflete no cotidiano da população e permanece cada vez mais distante nas rotinas de cada um, como externado na pandemia da AIDS e da COVID-19, cabendo a cada região definir suas escolhas, mediadas por discussões políticas, científicas e do próprio conhecimento popular. Apesar de grandes avanços acontecidos ao longo dos anos, é difícil concordar que o que se tem feito pela educação tem sido o suficiente, quando ainda a exclusão social apresenta-se de forma bastante explícita (BASTOS, 2017).

Paludo (2013, p. 28) destaca que se "estabelecem vínculos entre educação e política, educação e classe social, educação e conhecimento, educação e cultura, educação e ética, e entre educação e projeto de sociedade". Faz com que se compreenda a realidade da pesquisa no sentido de contribuir para captar as realidades vividas da comunidade com um olhar emancipador através da dialética baseadas nos contrapontos das vivências, as quais Streck e Adams (2014, p. 46) afirmam que se "constata, intervém, educa e se educa".

Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. Existir ultrapassa viver, porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. O existir é individual, contudo, só se realiza em relação com outros "existires". Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se a mulher num campo que deveria ser valorado na sua história e da sua cultura - o feminino.

Rubem Alves, no texto *Escutatória*, destaca o fato de que, na cultura ocidental, há inúmeros cursos abordando a oratória, e não encontramos cursos com o tema "escuta". A importância da arte de escutar de forma sensível, através do movimento de aprofundamento de abordagens sensíveis e profundas, integrando, ao mesmo tempo, o olhar, o sentir do corpo, a vibração das sensações, da voz e dos sentimentos, a elaboração de questões provocadoras, que confrontam a razão e a verificação da pertinência das questões envolvidas, com atitude de entrega, atenção e o não julgamento, bem como reconhecer que neste momento, inicia-se o estabelecimento do vínculo com o escutado. "A voz não necessariamente tem razão, precisa ser confrontada, mas a genialidade está em poder conversar com ela e sentir os sentidos que são criados. Confrontar é dar atenção e poder pensar a partir da escuta" (MENEZES, 2022, p. 207).

No ocidente, há uma racionalidade que estimula o falar e não o escutar, ou seja, há o domínio do discurso, que não valoriza o diálogo, tampouco a escuta. Reconhecemos, assim, o predomínio do padrão patriarcal na civilização ocidental, pois

na escuta há a necessidade de introspecção e de abertura para receber e dialogar (GIANNELLA; MOURA, 2009). No ensaio "O amor que acende a lua", Alves (1999) descreve que

Escutar é complicado e sutil. Diz Alberto Caeiro que... Não é suficiente não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma. Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia. Parafraseio o Alberto Caeiro: Não é suficiente ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haia silêncio dentro da alma. Daí a dificuldade: A gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor...Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração... Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade. No fundo, somos os mais bonitos...Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos estimulado pela revolução de 64. Contou-me de sua experiência com os índios: Reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. Vejam a semelhança...Os pianistas, por exemplo, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio... Abrindo vazios de silêncio... Expulsando todas as ideias estranhas. Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio. Falar logo em seguida seria um grande desrespeito, pois o outro falou os seus pensamentos... Pensamentos que ele julgava essenciais. São-me estranhos. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se eu falar logo a seguir... São duas as possibilidades. Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia (p. 65).

Fernando Pessoa, citado por Alves (1999), conhecia a experiência e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras.

No lugar onde não há palavras. A música acontece no silêncio. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar – quem faz mergulho sabe – a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia... Que de tão linda nos faz chorar. Para mim, Deus é isto: A beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: A beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto (Fernando Pessoa *apud* Alves, 1999, p. 65).

Para Giannella e Moura (2009), o sentido de escutar vai além do ouvir e inclui o silêncio e o tempo para processar. A escuta requer uma abertura para reconhecer que o outro é a fonte possível de uma percepção diferenciada e tem algo a contribuir no processo de aprendizagem e nas políticas públicas. Nesse sentido, podemos, além de

acolher quem está sendo escutado, assumir uma escuta ativa e atenta, observando toda fala incluída na relação de si mesmo, do outro, do contexto, colocando a reflexividade como parte do processo de escuta (SCLAVI, 2003).

Portanto, o propósito não é simplesmente ouvir um conjunto de mulheres para registrar uma opinião, mas compreender o que está, para além da aparência, uma porta para o diálogo e revisão das próprias certezas, uma chance de enxergar outras possibilidades e modos de ser das coisas (GIANNELLA; MOURA, 2009).

Se falamos do conjunto, também é preciso falar das partes, das sujeitas que formam essa massa. E cada uma chega com uma história pessoal diferente, mas todas do mesmo lugar: o sofrimento de estar presa a um corpo subjugado. Seja por ter sido violentada, torturada ou mutilada (quase morta), ou por querer, simplesmente ser ouvida (AMARAL, 2022, p. 323).

Sclavi (2003) aponta que o escutador precisa respeitar os pensamentos expressos pelo escutado e abrir-se ao novo, ser curioso, transitar do lugar em que se conhece uma verdade oposta ao vivenciado pelo escutador, em direção a um posicionamento de abertura para escutar outras realidades e Barbier (2008) reforça a importância da escuta sensível.

Para Rogers (1997), é necessário abrir-se para a escuta sensível, pois isso enriquece e torna consequentemente mais sensível quem escuta, assim como promove a transformação de quem está sendo escutado. Ou seja, escutar o outro para compreender e refletir sobre as suas falas, evitando julgamentos. A escuta sensível facilita a interação das pessoas em ambientes de diversidade cultural, uma competência cada vez mais necessária para a convivência e possibilidade de ação conjunta entre diferentes (SCLAVI, 2003).

Segundo Sclavi (2003), para qualquer cognição acontecer é necessário o engajamento do corpo e seus sentidos: visão, audição, olfato, paladar, tato, movimentos e ações, assim como a compreensão e interpretação das linguagens verbal e não-verbal. Ao mesmo tempo, essas "capacidades não podem existir sem a interação com o meio, que, por sua vez, não pode existir sem a presença do indivíduo que o experiencia" (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003, p. 39).

Para Marconi e Lakatos (2004, p. 198), o diálogo apresenta algumas vantagens por não exigir que a pessoa a ser escutada saiba ler e escrever; oferece flexibilidade, pois pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve cada conversa; possibilita captar a expressão corporal, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas falas; possibilita conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias; e possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, como também a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano.

Assim, procurei desenvolver a releitura das transcrições das escutas acontecidas no CEMAS, como uma prática de compaixão e, *com paixão*, a reflexão no agir das MVHA. Busquei incrementar a capacidade de *escutadora* e assim, ao *escutar a dor*, refletir e dar sentido aos encontros, aos sentimentos e aos modos como agem e decidem se mobilizar frente a essa tristeza. Todas as escutatórias necessitavam ter um sentido. Um sentido para mim, para as autoras, para o CEMAS. Um sentido repleto de esperança e encanto pelo caminho futuro. "Fiquei muito tempo imobilizada. Um sentimento de tristeza me fez descrer do valor desses encontros. Fiquei com lembranças do passado que perderam o brilho e com certo desespero do presente, que anunciava um vazio futuro" (MENEZES, 2021, p. 27).

5 PARTE IV: AUTORAS CAMINHANTES

5.1 Dados para a partida da pesquisa: mães vivendo com HIV/AIDS

A releitura das transcrições das escutatórias de histórias das autoras compõem os dados desta pesquisa; dados, do latim *datum*, ou seja, "aquilo que se dá"; um prontuário, uma ficha clínica e um diário de campo, que permitiu chegar ao conhecimento e, que serviu de apoio para a conclusão do problema do projeto da tese.

Houve níveis diversos de percepção dos diálogos, das escutas transcritas e experienciadas, sendo este um ponto aprofundado na pesquisa do tema, a partir do diálogo com as MVHA e os meus saberes tradicionais, as reflexões levantadas no resgate das falas e a minha própria experiência em perceber como a arte de escutar é uma qualidade cada vez mais indispensável em nossa sociedade complexa.

A perspectiva metodológica que foi adotada nesta pesquisa tem a ver com um movimento emergente na realidade social que nos suplica para aceitar a multiplicidade das razões e dos diferentes sentimentos e modos de agir, a fim de acolher a complexidade da mulher e os paradoxos que a caracterizam. Ele nos pede para abandonar a certeza de que o mundo que conhecemos e vivenciamos seja o único possível e para nos abrirmos a outros campos de possibilidades que emergem.

As autoras carregam suas próprias histórias, isto é, histórias de mães que sentem e exercem o ato de educar, na experiência íntima de duas pandemias. Foram os diálogos, a germinação inicial a se percorrer, pois a convivência e o vínculo, enquanto dedicação a um objetivo comum que exige a participação de realidades diferentes, implicava e dependia da assunção de uma postura sensível para poder se materializar em palavras. Nessa postura, as dimensões teórica, vivencial e reflexiva são entrelaçadas, fortalecendo-se mutuamente, como as histórias escutadas e realidades escritas, parte fundamental na construção e desenvolvimento desta tese.

5.2 Análise dos dados

A análise dos dados se deu a partir da identificação de sentimentos e modos de agir apresentados nas transcrições e que permitiram gerar palavras, a realização de

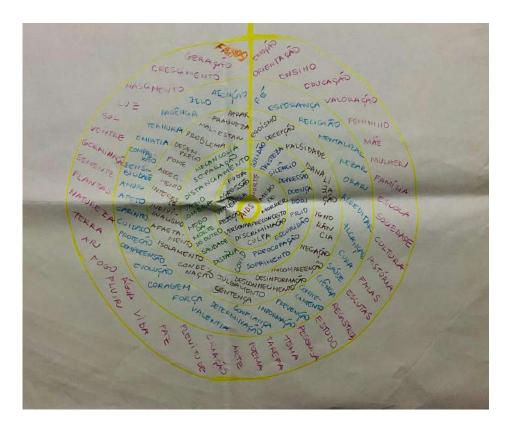
reflexões, interrelacionadas com o marco teórico conceitual definido na pesquisa. Desta forma, os resultados obtidos foram organizados conforme a frequência que iam se repetindo em diferentes transcritos dos sentimentos geradores e modos de agir. A divisão se deu pela frequência ou regularidade apresentados nos diálogos transcritos, apesar de "não existirem regras sistemáticas, universalmente aceitas, para a análise e a apresentação de dados qualitativos", conforme Polit e Hungler (1995, p. 273).

De acordo com Minayo (2007), a análise temática avalia a regularidade e a frequência das palavras comuns nas falas, salientando que o tema é a unidade de significação e que a presença de determinados sub-temas determina categorias de relevância. Assim, além das regularidades e das particularidades de cada transcrição, os pontos de convergência entre as diferentes narrativas transcritas no diário de pesquisa, também foram trazidas na pesquisa.

A fase de análise dos dados iniciou a partir da releitura das transcrições dos diálogos individuais e da escutatória de histórias. Após, o caminho foi de leitura das transcrições; organização das escutatórias segundo a constância dos sentimentos geradores; seleção de trechos dentro de cada escrita no diário de campo; desenho da mandala dos sentimentos geradores (Figura 24); leitura dos sentimentos e, a partir destes, o desenho da mandala dos modos de agir (Figura 25).

Para uma melhor visualização, a imagem das mandalas foram registradas em fotografias, elencando os sentimentos geradores e modos de agir que foram sendo expressados nas leituras dos transcritos das escutatórias de histórias das autoras:

Figura 31 - Mandala 2: sentimentos geradores.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 32 - Mandala 3: modos de agir.



Fonte: arquivo pessoal.

A mandala dos sentimentos geradores representa as emoções sentidas a partir do diagnóstico positivo para o HIV, tendo a morte, silêncio e escuridão no centro, e a vida, as falas e a luz com o passar do tempo, das reflexões e do entendimento da doença AIDS e de como irão agir com relação a elas mesmas e seus filhos. Depois, a mandala dos modos de agir reflete estes sentimentos geradores nos movimentos realizados a partir da educação de seus filhos e de como percebem o ensinamento.

Na segunda mandala é possível observar a interação entre estas polaridades: trevas e luz, imanifesto e manifesto, imutável e mutável, doença e cura, morte e vida. Compreender, respeitar e buscar uma interação harmônica entre estes sentimentos é fundamental para que cada autora consiga alcançar o equilíbrio e valorar o feminino para si mesma, como demonstrado na terceira mandala.

Neste movimento luminoso crescente dos sentimentos gerados pelas MVHA ao redor da segunda mandala e que busca a revalorização do feminino (na terceira), e de verdadeiros levantes das mulheres ao longo das suas vivências, há um legítimo despertar da força feminina. Mas que força é esta? Será ela exclusiva das mulheres?

Após milênios de patriarcado, nos quais a polaridade masculina foi exacerbada e distorcida, é vital que as mulheres e MVHA, de forma bastante ativa, resgatem a dimensão do feminino a fim de encontrarem um equilíbrio entre estas duas forças: feminino e masculino. Há uma dualidade que emerge na terceira mandala, logo, percebe-se que tudo tem sua contraparte.

Ao sentir-se diminuída enquanto mulher e no seu pólo feminino, a MVHA, vendo exaltar-se o pólo masculino no homem, num momento de diagnóstico positivo para o HIV, é manifestada a sombra existente nesta força. Assim como individualismo, negação, indiferença, autoritarismo, egoísmo percebidos na pandemia da COVID-19 e que representam o retrato nítido do masculino exacerbado e distorcido.

Ao ter descrito os sentimentos geradores - e que impulsionam os modos de agir - nas duas mandalas, não há como as autoras sentirem-se plenas e valorizadas sem a integração e o equilíbrio entre o feminino e o masculino. É esta integração e complementaridade, do feminino e masculino, que vai possibilitar a continuidade plena da vida, pois nesta era estabeleceu-se, na consciência coletiva, uma sociedade desconectada do próprio coração, da capacidade de sentir e se sensibilizar com o próximo. Um mundo contemporâneo ausente de si mesmo.

Quando a MVHA está desconectada do seu feminino e de suas manifestações como a intuição e a sensibilidade, cria-se como resultado um grande desequilíbrio, visualizado nas mandalas, o que demonstra que não são apenas as autoras que são beneficiadas com o resgate do feminino, mas toda mulher. Em consequência, há os filhos e filhas a serem educados por esta mãe-mulher-feminina e masculina, que gerará e cultivará homens que permitam que o seu pólo feminino se manifeste. Assim, o impulso desbravador do masculino, que trouxe benefícios como o conhecimento científico, precisa encontrar seu ponto de equilíbrio no (re)conhecimento do feminino.

Para ensinar, gerar e acolher o feminino, é preciso também aprender a valorizar e cultivar a germinação do feminino (segunda mandala). Isto significa reconhecer, reaprender, reconectar com a pulsação dos ciclos íntimos da mulher, como a sexualidade e a sua natureza. É este reequilíbrio feminino, como destacado nas

transcrições das falas das autoras, refletindo em uma sociedade fragmentada, vazia, fálica e incansavelmente buscando algo "fora" que preencha e com algo "dentro" reprimido, como externado nas pandemias da AIDS e da COVID-19.

A partir das duas mandalas, percebe-se o quanto vivemos numa sociedade de excessos, rótulos, preconceito, discriminação, egoísmo, vazios e de faltas, o que demonstra que a busca pela complemetação, parceria, entendimento de si e do outro, está sendo procurando num lugar equivocado. O que representa este caminho percorrido por um vazio existencial das MVHA senão a falta de uma parte de cada um, feminino e masculino, nas mulheres e nos homens, a ser valorado, entendido, permitido, cultivado, brotado e ensinado aos filhos e netos.

Percebe-se, nas mandalas, a profunda necessidade de buscar a luz, sair da caverna e emergir, pois será preciso voltar para dentro, para as profundezas, para o que não é visível mas que reserva tantos sentimentos e modos de agir escondidos, camuflados, silenciados. Foi preciso, para as autoras, sair, através da vivência de duas graves, temíveis, tristes e mortais pandemias, desta dimensão de superexposição na mídia e de fronteiras limitadas pelo masculino, para penetrarem no oculto em si e no "caos" que as habita.

Através das leituras realizadas nestes mais de 25 anos de escutatórias de histórias das MVHA no CEMAS, releituras das transcrições destas falas e análise das mandalas, conclui-se que é o momento de virar a chave, a hora de abrir mão da lógica, do ponderável, do controle, para mergulhar no íntimo infinito da mulher e do homem, fazendo submergir o feminino em cada um. Mães poderão ser o canal para esta imensidão, como molas propulsoras dessa força, um portal de passagem para o mundo interior. O feminino demonstrado através dos sentimentos geradores é a incerteza, o desconhecido, a caverna oculta e as infinitas possibilidades.

Assim como no desvencilhar dos caminhos percorridos nas mandalas, é preciso seguir pelo caminho do meio, do "ao encontro de" e, para resgatar o centro, é preciso resgatar e valorar o feminino dentro de cada mulher, pois a cura do masculino exacerbado também passa por este resgate. Isso porque aos homens e a uma parte

das mulheres contemporâneas cabe reaprender a fluir, confiar, aceitar, receber, ser flexível, vulnerável, aberta, resiliente, adaptável e sensível.

Na terceira mandala, percebe-se que as autoras trazem à tona, que muitas mulheres também precisam abrir mão do masculino distorcido visualizado em seus maridos, e que levou-as a vestirem inúmeras capas, máscaras, couraças, criando rigidez, clausura interior, repressão, autocobrança, opressão, culpa, dores, doenças e medos e o feminino é o que une e integra, abraça, acolhe, flui e inclui. O feminino aflorado, auto valorizado e auto permitido poderá despertar um modo de agir das MVHA que possibilite ensinar a seus filhos de uma forma equilibrada e, assim, reintegrar o feminino dentro de cada um, mulheres e homens, independente do gênero, credo ou cultura. Quando for feito esse resgate, preso na profunda e escura caverna, poderá se constituir uma sociedade educada e consciente do valor do feminino e da importância da reconstrução do feminino, como demonstrado através das mandalas, e a desconstrução do patriarcado estabelecido socialmente.

5.2 Mas... *Magis, magister*, mestre

"Mas", do latim *magis*, palavra derivada de *magister*, que deriva de *maestro - mestre*, foi, curiosamente, a palavra mais constante nos diálogos, por vezes como uma conjunção adversativa e designativa de oposição, ora como um substantivo expressando defeito, dificuldade, obstáculo, ou mesmo, como um advérbio indicando reforço ou mesmo, ênfase. O "mas" apareceu também, muitas vezes, como uma conjunção coordenativa, ligando sentimentos e o modo de reagir com relação a ele, introduzindo reações que denotaram basicamente oposição ou restrição ao que foi sentido ou como justificativa de uma ação/reação frente ao sentimento:

"Da COVID-19 não tive medo de morrer, mas tive medo que meus filhos morressem" (Vitória);

"Tenho um novo namorado mas não usamos camisinha. Ele já me agrediu fisicamente mas perdoei porque somos parceiros" (Glória);

"Esconder a doença não é fácil, mas é mais fácil do que enfrentar o preconceito e machismo. Acho que já fui mais feminina, mas com a doença me tornei uma mulher mais forte" (Bárbara);

"Por um tempo pensei em contar tudo para meu filho, mas com o passar dos anos, tudo passou e não teria mais sentido abrir certas feridas" (Kleo);

"Ele tinha um lado agressivo, mas por outro lado também era muito carinhoso" (Serena);

"Eu sabia que o HIV não contaminava através de objetos e carinho, mas eu tinha receio que talvez sim e eu protegia as pessoas de mim. Atualmente sou mais forte, mas sexo para mim não existe mais" (Aurora);

"A minha mãe faleceu antes de eu ser diagnosticada, mas mesmo que ela estivesse viva, eu não contaria. O meu filho nasceu bem e não se contaminou, mas foram muitos meses testando meu filho, até dar a certeza de ser negativo" (Mara);

"Me esforço para agradar meu marido, mas não é algo espontâneo. Mas eu sei que se ele ficar sem relações sexuais ele vai reclamar. Mas muitas vezes, eu não tenho vontade. Mas eu sei que quem não tem em casa, vai buscar fora" (Mara);

"Meus irmãos podiam transar com todo mundo, mas meu pai não deixava as filhas namorarem. Era assim, mas a minha mãe sempre ensinou que as filhas deveriam estudar, trabalhar e ser independentes para não ter uma vida como a dela" (Angélica).

Nas escutas, o "mas" parecia surgir como:

"Um grito sufocado pelo medo e o desejo profundo de não estar acontecendo. Gritar para fora seria uma tragédia maior ainda, pois certamente o retorno seria uma carga dura demais para carregar: ser uma mulher e mãe, contaminada com HIV frente a uma sociedade preconceituosa, culturalmente patriarcal e sem empatia, a enfrentar mais uma pandemia".

Inspirado em Aurora

O "mas" aparece como contradição, passividade, uma imobilização que impede a mudança e o agir, mantendo o silêncio. Elas se escutam, mas têm medo de externar os sentimentos. Sentem que protegem mães e filhos pelo silêncio. O "mas" aparece muitas vezes como justificando a aceitação de uma condição.

5.3 Discussão dos resultados

Eu não poderia iniciar a discussão dos resultados, sem voltar à memória, aos sentimentos e modos de enfrentamentos passados e compartilhados com as autoras, de como viver aquele momento do resultado de um teste e se sentir gritando sem voz em um abismo sem fundo. Resgato uma das tantas cartas que escrevia para mim mesma, na tentativa de externar o que eu percebia e sentia, pois, ao longo de 26 anos escutando histórias e as revendo agora, deitada sobre as palavras, me pego relendo algumas passagens vividas e minhas percepções anotadas e sentidas.

Assim, tendo em vista que os traços essenciais refletidos nas mandalas, do arquétipo materno e dos seus atributos, serem o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal; o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante ou fatal; e as qualidades opostas desses atributos que correspondem à mãe amorosa e à mãe terrível. O paralelo histórico que é mais familiar é, com certeza, Maria, que na representação medieval é simultaneamente a Cruz de Cristo. Cabe aqui recordar que, embora a figura da mãe, tal como aparece expressada nos povos, seja de certo modo universal, sua imagem muda substancialmente na experiência prática individual de cada mulher (JUNG, 2000).

A cada nova escuta, uma diferente história sobrevivida e a cada uma, a profundeza de uma inspiração ecoada.

"Era impossível não sofrer com as consequências de tudo que estava se passando, relembrando aquele minuto. O teste para detectar o HIV tem resultado em 15 minutos. São 15 minutos para chegar na encruzilhada. Na encruzilhada, a decisão a ser escolhida mas, certamente, independente da decisão, um caminho a seguir sem respostas e sem saber como o eco daquele grito silenciado no abismo, retornaria".

Escrita inspirada em Clara

Eu não tinha respostas para aquelas escutatórias de histórias de vida. Nem eu, nem as mães e nem a própria vida. No findar do caminhar talvez a resposta viria e haveria mães, avós e filhas, sem saber o quanto o amor de uma mãe escondia e protegia.

"Quando em meu colo naquele hospital... Abraçada em mim... Sentindo um cheiro de leite que nunca teria... Buscando em meu seio o sustento que jamais sentiria. Depois daquele dia, ela nunca sentiria o gosto e o amor do meu leite. Ela chorou... Como chora um filho que tem a dor da fome e da saudade.

Escrita inspirada em Mara

Jung (2000) destaca que os efeitos traumáticos da mãe poderiam ser divididos em dois grupos: primeiro, os que correspondem à qualidade característica ou atitudes realmente existentes na mãe pessoal. Segundo, os que só aparentemente possuem tais características, uma vez que se trata de projeções de tipo fantasioso (quer dizer, arquetípico) por parte da criança.

"Eu chorei... Como chora uma mãe que tem a dor de amar e sofrer tanto por isso. Percebi a minha incapacidade... O mundo que eu tinha agora era outro".

Escrita inspirada em Kleo

Estava entristecida como Deméter e chorou. Naquele momento a natureza estava fria e parada. Nada se movimentava, como se não houvesse mais energia ali canalizada. Lembrou de Deméter, que teve uma filha com seu irmão Zeus, Perséfone. Deméter sofreu quando Hades, o deus do submundo, sequestrou sua filha virgem Perséfone e a estuprou. O ato teve o consentimento de Zeus, pois prometera a filha a Hades. Também muito triste pelo rapto, Deméter parou as estações do ano e houve imensa desolação sobre a Terra. Ela saiu do Olimpo e não permitiria que as plantas produzissem mais alegria (KIMMEL; MONTSERRAT, 2006).

"A vulnerabilidade da condição de ser humana, ao assinar um papel de que eu estava ciente que haveria um risco muito grande de recebê-la também sendo HIV. Orei e segurei aquele corpinho frágil no colo para um teste rápido de HIV, que era uma eternidade".

Escrita inspirada em Ana Maria

A vida de Deméter foi quase extinta: a terra estava estéril, os seres vivos enfrentavam a fome, porém Zeus interferiu no episódio, enviando um mensageiro ao submundo para resgatar a sua filha. Só que Zeus não parecia que estava ali com ela. No entanto, Hades permitiu a libertação de Perséfone e ordenou que comesse uma romã, o fruto proibido. Por este instrumento, ficou ligado a ela por um terço do ano. Assim, no verão, no outono e na primavera, era permitida sua permanência com a mãe. Por sua vez, no inverno não, e é a estação que aponta o maior sofrimento de Deméter

longe da filha. Por isso é considerada a controladora das estações do ano, uma vez que as mudanças da natureza refletem o seu humor. Assim, para Glória, o inverno chegou.

"A realidade era impactante, fugia ao meu controle a cada dia e não havia mais como voltar atrás. Essa era, agora, a minha vida. O tempo passou e o mundo girou. Anos depois reencontrei minha alma feminina, ainda tinha marcas e ainda um pouco desfigurada, ria para mim, enquanto voltava do abismo onde tinha caído".

Escrita inspirada em Glória

"Foram longos e terríveis anos mas sobrevivi. E veio a Covid-19... Mais dois tristes e longos meses de afastamento e solidão. Sobrevivemos... Ou algo parecido a nós".

Escrita inspirada em Angélica

Histórias são histórias e, às vezes, virar algumas páginas do passado é tão pesado quanto carregar os livros. Assim como manter o coração fechado também não é tarefa fácil, mas bem mais difícil é a decisão de permitir sua abertura. Mudar um capítulo e, quem sabe, tentar mudar o final da história, ou até mesmo continuar através de outras histórias marcantes e assim fazer outra - a melhor delas.

"Entreguei-a, à mão de Deus e aos médicos que nos assistiam. Todos, cúmplices do meu sofrimento... da minha inércia".

Escrita inspirada em Bárbara

O que impressiona é o significado aparentemente predominante da mãe pessoal, que sobressai de tal modo que, apesar de múltiplas histórias vividas, jamais conseguirá predominar e ir além desta mãe pessoal, seja em suas concepções ou mesmo teoricamente. Isto significa a limitação de que, não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga à mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo um estado de vivência que o ser possui

acerca de questões sobrenaturais, geralmente sagradas, transcendentais ou de divindade (JUNG, 2000).

"Fui levada para a recuperação e esperei longos 15 minutos frente ao imutável, tentei buscar encontrar em mim a força e o equilíbrio para tentar prosseguir".

Escrita inspirada em Glória

O aspecto positivo do instinto maternal intenso reflete, para JUNG (2000), a imagem da mãe que tem sido louvada e cantada em todos os tempos, regiões e línguas, ou seja, uma mãe idealizada e centrada na figura de uma mulher que oferece conforto, cuidado, proteção, carinho ao seu filho ou a quem precisa, repleta de bons sentimentos como o próprio *amor materno* pertencente às recordações mais profundas, comoventes e inesquecíveis na idade adulta. Esse amor representa o germe secreto de todo desenvolvimento do ser e da transformação, o regresso ao ventre, ao descanso, a volta às origens e de todo processo até o fim. Uma mulher amorosamente carinhosa e fatalmente cruel, pois se torna uma mãe "reconfortante", doadora incansável de uma expectativa de vida alegre e feliz. Até porque crescemos acreditando que a mãe é portadora desta imagem imaculada e inata, em nós, da *mater natura* e da *mater spiritualis*, da amplitude total da vida à qual somos confiados quando crianças, e ao mesmo tempo abandonados (JUNG, 2000).

"Como a filha menor tem HIV, contou para os filhos, explicou a doença e todos me ajudaram. Ninguém, além da família e do CEMAS, sabe que sou HIV e, combinei ser segredo de família para não envergonhar ninguém e não tenho mais contato com a família pq eles não entendem a doença. Senti muito medo de morrer ao saber da doença e tive ajuda da psicóloga pois não queria morrer e deixar os filhos. Eu sentia preconceito consigo mesma".

Vitória

"Vergonha, hoje em dia, para as pessoas, é ter AIDS, achar que mulher que tem AIDS é promíscua ou drogada. É muita ignorância. Não conto pra ninguém que tenho AIDS. Só eu, minha mãe e os profissionais do CEMAS sabem. Quando tive o resultado positivo, me senti numa encruzilhada, se eu contava ou não contava. Escolhi não contar."

A encruzilhada é um lugar arquetípico do ato de escolher. Cada pessoa, em algum momento, encontra-se nesse lugar. Estar nele é poder assumir a busca do próprio destino. (...). Houve um momento em que se deu conta desta escolha que fazia, e se perguntou: o que irei encontrar na próxima parada? O que a encruzilhada muda em minha vida? Poderemos também ser escolhidos na encruzilhada, pelo simples fato de estar nela? (MENEZES, 2020, p. 48).

"Pessoas se arriscam a tomar chimarrão com quem não se sabe que tem COVID-19 mas não abraçam quem tem AIDS. Preconceito é a parte mais dolorosa e esse me parece o motivo do meu triste destino."

Glória

Sem conflito, porém, não há consciência da "personalidade", não existe consciência sem diferenciação de opostos. A consciência só pode existir através do permanente reconhecimento e respeito do inconsciente: toda vida tem que passar por muitas mortes. O conflito gera o fogo dos afetos e emoções e, como todo fogo, este também tem dois aspectos, ou seja, o da convulsão e o da geração da luz. A emoção é por um lado o fogo alquímico, cujo calor traz tudo à existência e queima todo o supérfluo.

"Fiquei sabendo na gravidez do filho, que eu tinha AIDS, mas nunca contei pra ninguém, nem para o meu marido. Decidi segurar o medo sozinha. Tenho dois filhos e nenhum sabe."

Bárbara

A partir disso, as reflexões de Calvino (2001) sempre o levaram a considerar a literatura como universal, sem distinções de língua ou caráter nacional da escrita, e a considerar o passado em função do futuro e o presente, que as mães tentam escolher para viver. E neste vai-e-vem do mundo, dar vida a uma história que reside na sua aderência a certas leis internas são como a própria alma da história. O mesmo que diz Espinoza (1999) quando destaca que a existência de uma história consegue perseverar em seu ser, de seguir suas próprias leis, mesmo quando sua bruta consistência é

ameaçada, conseguindo andar sozinha. Até porque contar histórias é, em sua doutrina, sobre *modos* ou coisas finitas, que cada um se esforça como está em seu poder para perseverar em seu ser (ESPINOZA, 1999).

"Precisa ter muita força e amor para o casamento sobreviver e viver duas pandemias numa vida só. No HIV me senti paralisada, na Covid, presa. Na AIDS, me escondi dentro de mim mesma e na Covid-19, dentro de casa. Na AIDS, tive medo de morrer e não cuidar do filho mais velho e contaminar o filho menor. Na Covid-19, tive medo dos filhos, do marido e da mãe morrerem. Na AIDS, as pessoas têm medo de tocar nas coisas e nas pessoas. Na Covid-19, mandam não tocar, seguir as normas de prevenção".

Bárbara

Assim também inspira a necessária reflexão sobre estas questões humanas e da humanidade, em um "desespero humanizado", como muitas pessoas próximas a todos nós, em especial as mulheres em puerpério que, intimamente, estão tão cansadas e desgastadas, ora deprimidas e escondidas, todas com uma profunda vontade de não serem tão exigidas ou de fazerem "mais nada, seja o que for". Porém, neste estágio da vida se aprendem muitas coisas sobre desgastes, desistências e o (des)amor, suas duras verdades (sem romantismo nenhum) e suas doces ilusões, como uma lembrança que se quer esquecer mas necessária para suportar tudo o que há para ainda viver (CALVINO, 2001).

"O grande problema é a ciência ter dito que havia grupos de risco. Não tem grupo de risco. Tem atitudes de risco. Risco é não usar camisinha, risco é não usar máscara, risco é não ter higiene. Conheço muita gente sadia que é muito mais doente que eu. O que é ruim, é o preconceito e tentar classificar as pessoas. O preconceito que mata".

Kleo

Quando nascemos, temos a haste cortada e recebemos a ideia de que somos independentes. A mãe sofre quando um filho parte, pois cresce tendo a sensação que pode compreender quase tudo sozinho. Essa dor se inverte e reverte em tristeza quando se vê partir a mãe, e se criam sentimentos consolados e conformados pela esperança de um renascimento através das suas múltiplas vestimentas ou de uma

reencarnação, que contém o conceito de continuidade pessoal, onde a personalidade humana é considerada suscetível de continuidade e memória. Ao reencarnar ou renascer, segundo a doutrina espírita, por exemplo, lembramo-nos de novo das vidas anteriores e da ancestralidade, que nos pertence, possuindo a mesma forma do *eu* da vida presente. Na reencarnação trata-se em geral de um renascimento. O meu renascimento se deu, metaforicamente, do "eu" menina para o "eu" mulher.

"Na COVID-19 senti o peso da morte na humanidade, a dor e desespero das famílias. Senti a decepção pelo ser humano ser tão pobre em empatia. Por outro lado, senti a força em sermos únicos. Na experiência de viver duas pandemias, evoluí como pessoa. A humanidade tem muito a evoluir".

Aurora

Neste contexto de ressurgir e renascer do espírito, a Igreja Católica expressa a ressurreição, pensada como um ressurgir da existência humana, após a morte e um outro matiz, o da mutação, da transmutação, ou transformação do ser. Pode ser entendida no sentido essencial, isto é, o ser ressurreto é um outro ser; ou a mutação não é essencial, no sentido de que somente as condições gerais mudaram como quando nos encontramos em outro lugar, ou em um corpo diferentemente constituído. Por tratar-se de um corpo carnal, como na crença cristã de que o corpo ressurge, em nível superior, este processo não é compreendido no sentido material grosseiro, mas se considera que a ressurreição dos mortos é um ressurgir do *corpus glorificationis*, no estado de incorruptibilidade (JUNG, 2000).

"Hoje sei que a AIDS não mata. Tenho mais medo da COVID-19 porque é uma doença que depende da decisão coletiva das pessoas. Precisamos pensar no próximo. Sou evangélica e busco, na espiritualidade e em Jesus, a força que preciso. Quero viver com paz no coração e transmitir paz para os filhos e os netos. Meu refúgio é Deus".

Kleo

Renascimento durante a vida individual tem um matiz específico, pois possui uma conotação que indica a ideia de renovação ou mesmo do aperfeiçoamento por meios mágicos. O renascimento pode ser uma renovação sem modificação do ser, na

medida em que a personalidade renovada não é alterada em sua essência, mas apenas em suas funções, partes da personalidade que podem ser curadas, fortalecidas ou melhoradas (JUNG, 2000).

"Na COVID-19 senti muito medo e tristeza pela morte do outro. Aprendi a ser forte com tudo que vivi e com a dor de perder a mãe, ter a filha molestada e também ter sido molestada, perder a guarda da filha e ter maridos violentos. Com o HIV eu consegui melhorar como pessoa e comigo mesma. A minha mãe me ensinou a amar, a ajudar, compartilhar, ter empatia. Eu cuidava dos outros, mas não me cuidava. Amava, mas era humilhada, agredida, rebaixada. Talvez por eu ter falta de amor próprio, me valorizar, valorar o feminino. Sou guerreira e amorosa. Ensino para a filha a se amar em primeiro lugar. Tenho uma força interior movida pelo amor à vida e espero ter uma vida longa, feliz e em paz ao lado do atual marido e da filha".

Serena

Assim, o renascimento total do indivíduo, ou seja, a mutação propriamente dita, onde a renovação implica mudança da essência, que podemos chamar de transmutação. Trata-se da transformação do ser mortal em um ser imortal, do ser corporal no ser espiritual, do ser humano num ser divino, como o da transfiguração miraculosa de Jesus Cristo ao céu, que subiu ao céu, com seu corpo, após a morte. Ou o Renascimento indireto, onde a participação no processo da transformação não ocorre diretamente pelo fato de o homem passar por morte e renascimento, mas indiretamente pela participação em um processo de transformação como se este se desse fora do indivíduo. Trata-se de uma participação ou presença em um rito de transformação. Pode ser uma cerimônia como a missa, por exemplo, em que se opera uma transubstanciação e, pela presença no ritual, o indivíduo recebe a graça (JUNG, 2000).

"Busquei força na igreja e a partir desta força, me mantive forte para me reerguer, manter-me feminina e uma mulher valente e dona de si. Através da meditação e da busca pela qualidade de vida, me sinto saudável. Tenho certeza que o HIV trouxe vida. Fez girar uma chave para eu valorizar a vida".

Serena

Jung (2000) destaca que, para obtermos uma visão abrangente da fenomenologia das vivências de transformação, é necessário delimitar essa área com

mais precisão, podendo se distinguir principalmente dois tipos de vivência: primeiro, a vivência da transcendência da vida, e, segundo, a de sua própria transformação. Na ideia de nascer de novo - nascer outra vez - o renascimento é uma das proposições mais originárias da humanidade. Essas proposições também se baseiam no arquétipo, uma vez que se referem ao sobrenatural, transcendente e metafísico, e são determinadas pelo arquétipo. Por isso não surpreende que encontramos afirmações concordantes sobre o renascimento nos povos mais diversos (JUNG, 2000).

"Não conto para os filhos para proteção deles mesmos. Proteção de mãe. Proteger contra o preconceito dos outros por ter AIDS e contra o sofrimento por eles saberem que a mãe está doente de uma doença que causaria vergonha. Como mulher se sente muito mais forte e corajosa, apesar dos altos e baixos. Não penso mais em religião, penso na força e fé que vem de dentro. Sinto que o lado meu feminino ainda está escondido e precisa renascer".

Mara

A vida passa por ela como um sonho, uma fonte enfadonha de ilusões, desapontamentos e irritações, que repousam unicamente em sua incapacidade de olhar para frente. Assim, sua vida se torna o que mais combate, isto é, o apenas-materno-feminino, devido à sua atitude apenas inconsciente e reativa para com a realidade. Olhar para frente, porém, faz com que o mundo se abra para ela pela primeira vez na clara luz da maturidade, embelezada pelas cores e por todos os maravilhosos encantos da juventude e, às vezes, até da infância. Olhar significa o conhecimento e descoberta da verdade que representa a condição indispensável da consciência. Uma parte da vida foi perdida; o sentido da vida, porém, está salvo (JUNG, 2000).

"Não contarei para os meus filhos e nem para a minha mãe. A minha mãe não merece sofrer, já sofreu demais para criar os filhos. Os meus filhos não precisam saber. O preconceito ainda é muito forte e ficariam muito tristes. Eu sofreria tudo de novo. Hoje tenho consciência da doença mas nunca a aceitei".

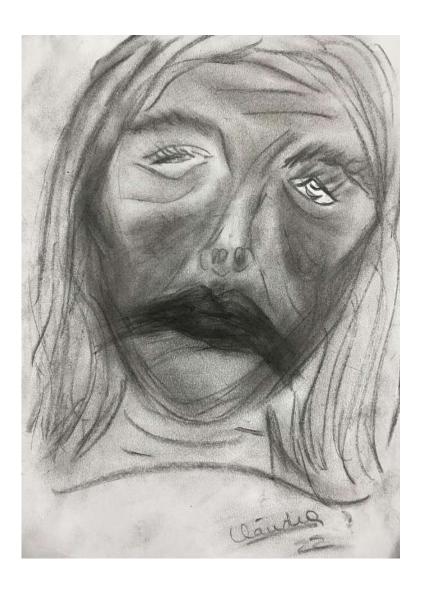
São estas vivências sentidas que dão a própria consistência de ser humano, mulher, mãe e que pode ser eliminada ou mantida através de histórias consideradas mal explicadas ou contadas. Histórias como de uma MVHA, que teve sua filha e temia que ambas ficariam à beira da morte e logo em seguida a balançava na sombra da escuridão e em todo contexto de uma doença considerada fatal, sabendo que nunca a amamentaria. Neste cenário e em meio a devaneios por sentir a dor do preconceito social a pulsar, a expectativa da família em ser uma mãe - Maria - exemplar, educada para ser esposa e a dona do lar, que envergonharia seu filho que tinha nela a proteção, de suas dores não passar. Porém, o coração, apesar de tudo, insistia em bater e sua mente não desligaria e a cada lágrima que desejaria derramar, negaria por proteção de sua mãe e filhos (CAVALCANTI, 1993).

Hoje, quando me deparo com essas transcrições, reflexões e sentimentos gerados e vividos, percebo o quanto é múltiplo, infinito e imensurável o sentimento e os sentidos que se dão no agir da vida. No útero materno, um filho tem um cordão que o liga à sua mãe como um desenho que rascunha a árvore da vida; tem todo o oxigênio e o alimento de que é preciso e que virá dali, do sentimento e do ventre quente de sua mãe e assim recebe o que é o mais valoroso: o amor que sente, e a feminilidade que, mesmo com tanta carga, seque presente em algum canto da alma,

"mas que, às vezes, quase não aguenta a dor que se apresenta numa doença e na projeção da mãe perfeita e o fato de ser na verdade, julgada e resumida a mulher imperfeita".

Escrita inspirada em Ana Maria

Figura 33 - Mãe vivendo com HIV/AIDS na pandemia da COVID-19.



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em sentimento).

6 (DES)FECHO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A andante, partidas e chegadas

Conheci e convivi com muitas mulheres, mães, filhas, avós e, de uma forma ou de outra, jeitos e trejeitos diferentes, mas todas tinham algo em comum: o resultado positivo para o HIV. Aos poucos e com o tempo, fui entendendo que este escutar, anotar, valorizar é muito importante para a atenção ao cuidado e ao cuidador. Muitas vezes, pouco conhecimento científico, falta de sensibilidade, algumas informações equivocadas e práticas da educação em saúde negligenciadas ou não entendidas - por vários motivos – são refletidas em seus adoecimentos, neste caso, a AIDS.

Valorar para a família, sociedade, para os gestores públicos, a importância da promoção de políticas públicas de educação e saúde que envolvam acesso, acolhimento, diálogo, vínculo, afeto, respeito, reflexões. Dar sentido aos sentidos e sentimentos e, mesmo sabendo que dar foco a este tema não fosse exatamente algo simples de se colocar em prática em meio a pandemia da COVID-19, mas tendo em vista seus objetivos, foi uma partida, uma partilha, um começo, um recomeço, um novo começo.

Quanto às narrativas das autoras em torno das pandemias da AIDS e da COVID-19, seus sentimentos e modos de agir com seus filhos e mães, busco através da escuta sensível nestes anos, os compromissos ético-profissional e acadêmico justapostos nas áreas da Educação e da Saúde, entrelaçados como uma rede em minha vida como filha, profissional, estudante e mãe. Eu me encontro inteira nesta tese; encontro também marcas registradas e amarradas na minha caminhada como aluna, professora e cirurgiã-dentista, assim como todos que passam ou vivem em mim, são co-autores.

Um percorrer caminhos como uma coelha fujona, na mira da águia a observá-la, num lugar alquímico, com uma beleza multicultural. Não paralisar frente a AIDS, reconhecer o medo, sofrimentos, dores, forças e fraquezas. Reportar em palavras o poder da fé, os limites da ciência, a força dos sentimentos, a vulnerabilidade social e enfrentamento pessoal, frente ao diagnóstico positivo para a Síndrome da Imunidade

Adquirida e, através do resultado da pesquisa, trazer vida para o impacto do sentimento frente ao medo da morte.

É imprescindível, portanto, o despertar nas áreas da Educação e da Saúde, a importância de acolher as emoções vividas e externadas através das escutatórias dos sentimentos gerados, palavras ditas e o descobrimento da forma que a Educação e a Saúde escutam e qual o lugar desta escuta nestes espaços, pois é na escuta qualificada das histórias de cada pessoa que existe a possibilidade de acolhimento das angústias, preocupações, medos, dores, dúvidas. Assim proporciona-se, através dos sentimentos gerados ao longo da vida, novos modos de agir no presente, que possibilitem trazer paz e um caminho possível para a humanização em seu sentido mais amplo, no futuro.

O clamor, a favor da sobrevivência e evolução da humanidade/natureza, urge desenvolver uma educação sensível, dialogada, que ensina em casa e nas escolas a compreensão e a não-violência, a sensibilidade proveniente do feminino e, consequentemente, humanitária. Este soprar de novos ventos proporciona a busca na austeridade da dignidade humana, testemunhando o sentimento renascendo e o sensível despertando, na aurora de uma humanidade em equilíbrio, feminina e masculina. Entender e fazer-se entender que o que esta síndrome faz adquirir é a possibilidade de baixa da imunidade e não da feminilidade.

No entanto, apesar dos passados 40 anos desde os primeiros diagnósticos de HIV no Brasil, ainda é altamente estigmatizada por ser de transmissão, em sua grande maioria, sexual, e por este motivo registramos falas sobre as dores na decisão de revelar o resultado, por medo de sentimentos que vem à tona - discriminação, preconceito moral e rejeição física. Uma dor que estas mães decidem ser suas - não são das suas mães e nem dos seus filhos. Talvez, agindo assim, protejam suas mães e seus filhos de sofrimento e assim seguirão, embora caladas, a vida, ensinando seus filhos sobre educação e prevenção, e entendendo por que as suas mães sabiam o que diziam quando diziam "não". Talvez fossem mais felizes, ou talvez não.

É preciso, portanto, crescer, evoluir e fortalecer o feminino em cada mulher e homem. A mulher, que às vezes tem a força testada e, quando testada, tudo se torna enfrentável, mesmo que complique o horizonte almejado pela sua mãe (por enquanto, ela não precisa saber disso). Essas mães talvez também tenham seus abismos e protejam suas filhas deles. Na história de vida de cada mãe, escutei a busca do impossível, a proteção da dor da vida e o caminho no infinito, no cuidado eterno ao filho ou filha e o desejo de nunca morrer, quer ela por AIDS ou ele por COVID-19.

Querer viver é o primeiro passo, e o equilíbrio dos gêneros urge para uma nova forma de entendimento e postura no mundo. A vida não se encerra nos desafios, muito pelo contrário: se sente e se renova, estimula e impulsiona a ensinar os filhos e filhas a agirem de um jeito diferente ao que era, e a ver crescer, através dos netos e netas, uma nova era, feminina e masculina, corajosa e sensível, com menos preconceito, discriminação e mais empatia. Acima de tudo, uma mulher que valora o feminino, apreende e ensina ao mundo através da educação aos seus filhos, o ser mãe.

O que mais poderia se dizer de alguém chamada por mulher e, posteriormente, de *mãe*? Alguém que se conhece, desconhece, reconhece, é forte e sensível, e não tem a obrigação de se sobrecarregar com o peso enorme de significados, mas se sente assim. Uma mãe que foi educada com responsabilidades de uma "esperada" missão do pai Céu, na mãe Terra, e ser permitido assumir que também é fraca, tem medo e é falível, mas segue digna de amor, de gratidão, de compreensão, de ser, antes de ser mãe, ser ela mesma, uma mulher a se autoconhecer e a valorar o feminino para ela própria.

Assim, ao chegar neste parágrafo, a felicidade da certeza que decidi pelo tema que eu precisava para entender que mães vivendo com HIV/AIDS são mulheres com a força do querer, buscar, lutar e superar, que lhes cabem. Femininas, às vezes intimidadas pela realidade mas altamente sensíveis para reconhecer que o destino traz possibilidades nunca imaginadas. Mas, acima de tudo, superar as limitações que a condição humana nos dá e os novos caminhos que se abrem para, assim, atingir o patamar sublime e pleno do feminino, uma mudança lenta e evolutiva, que precisa ser

cultivada, a cada nova estação - no mais amplo sentido - construindo uma sociedade educada, equilibrada, consciente, que valora o feminino. Consequentemente, uma sociedade com menos depressão entre as mulheres vivendo com HIV/AIDS e, acertadamente, com menos machismo e violência contra a mulher, pois, infelizmente, uma mãe e mulher, com tanta história para contar e nos ensinar, ainda se cala e se mantém imóvel frente à dor, em silêncio. Por medo.

E, talvez neste momento, um outro título, eu aqui escreveria. Talvez em outro dia. Talvez amanhã. Hoje, tenho um começo, saber que preciso seguir para prosseguir e torço para que um dia essas dúvidas minhas sejam escutatórias de histórias para contar, de mais mulheres e autoras valentes que nos ajudaram tanto a nos reencontrar e seguir em frente. Talvez o título fosse:

Escutatórias de histórias de mães vivendo com HIV/AIDS na pandemia da COVID-19, sem ter mais

o medo como sentimento;

O silêncio e a imobilidade como modo de agir;

A AIDS como doença da reclusão e do preconceito;

A COVID-19 como doença da negação e da distância;

O masculino exacerbado e distorcido em homens e mulheres;

O feminino e a necessidade da própria mulher de valorar o feminino dentro de si.

Que consigamos sentir e agir, aprender e ensinar, refletir e educar através do diálogo, sensibilidade e nas escutatórias de histórias, pois para mães vivendo com HIV/AIDS

Disseram que, em algum lugar, encontrariam flores, sem precisar chorar.

Disseram que, em muitos lugares, as flores viriam perfumar.

Disseram que, em nenhum lugar, as flores deixariam de reinar.

Disseram que, este lugar, o mais bonito, está guardado para quem, um dia, será chamado de flor.

(MENEZES, 2014, p.14).



Fonte: arquivo pessoal (ilustração inspirada em um poema).

À

Vitória,

Glória,

Bárbara,

Kleo,

Serena,

Aurora,

Mara,

Angélica,

Clara,

Ana Maria.

Parabéns e muito obrigada!

Com amor,

Cláudia

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. dos S. *A quem posso contar? As narrativas recepcionadas na Ouvidoria da UnB acerca da temática Saúde Mental na Instituição*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ALMEIDA, J. A. G. *Amamentação: um híbrido de natureza-cultura* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1999.

ALVES, R. O amor que acende a lua. Campinas: Ed. Papirus, 1999.

AMARAL, C. V. Feminismo: um caminho para não morrer. Re-imaginando um lugar de escuta. 1 Ed. Sattva Editora [online], 2022.

AQUINO, A. A expectativa feminina do "casamento feliz" e suas implicações psicológicas através da psicologia analítica. *Revista Coniunctio*, v. 2, n. 4, n.p., 2008.

ARENDT, H. A condição humana. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BADINTER, E. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

BASTOS, M. de J. Políticas Públicas na Educação Brasileira. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ed. 5, ano 2, v. 1, p. 253-263, jul. 2017. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/politicas-publicas.

BÍBLIA SAGRADA. Novo Testamento. São Paulo: Edição Pastoral, 2012.

CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

CAMBRAY, J. Sincronicidade: natureza e psique num universo interconectado. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1992.

CARDOSO, D. Depoimento oral realizado em reunião do grupo de pesquisa PEABIRU. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 25 jun. 2022.

CAVALCANTE, R. A educação biocêntrica dialogando no círculo de cultura. *Revista Pensamento Biocêntrico*, n. 10., p. 95-125, Pelotas, jul/dez 2008.

CAVALCANTI, R. O Casamento do Sol com a Lua. 3a edição, São Paulo: Cultrix, 1993.

CAVALCANTI, R. *O mundo do Pai: mitos, símbolos e arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

CONVERSA fora - Amélia é que era mulher de verdade? *Jornal de Toronto [online]*, Toronto, 18 de junho de 2021. Disponível em:

https://jornaldetoronto.ca/2021/06/18/conversa-fora-30-_-amelia-e-que-era-mulher-de-verdade/. Acessado em 08/08/2022.

DICIO. Significado de Espírito. *Dicionário Online de Português [online]*, 2009. *Disponível em* https://www.dicio.com.br/espirito/. Acessado em 08/08/2022.

DONENCIO, M. C. B. Educação e família: o sucesso escolar no discurso da educação como investimento financeiro. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2014.

DUSSEL, E. Filosofía de la Liberación. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

ESPINOZA, B. Ética. Madrid: Alianza, 1999.

ESTÉS, C. P. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 1999.

ESQUIVEL, L. Como água para chocolate. Brasília: Ed. Record, 1989.

FARRAR, J.; FARRAR, S. *A Deusa das Bruxas: o Princípio Feminino da Divindade*. Editora Alfabeto, 2018.

FERNANDES, C. Entenda o significado da música Geni e o Zepelim, de Chico Buarque. *Letras [online]*, Belo Horizonte, 16 de janeiro de 2020. Disponível em: https://www.letras.mus.br/blog/significado-geni-e-o-zepelim/. Acessado em 08/08/2022.

FERREIRA, Bruno. Depoimento oral. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

FERREIRA, Bruno. Depoimento oral. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 25 jun. 2022.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FRAZÃO, D. Biografia de Frida Kahlo. *Ebiografia [online], 22 de abril de 2021. Disponível em:* https://www.ebiografia.com/frida_kahlo/. Acessado em 08/08/2022.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1979.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido.* 36 ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P.; HORTON, M. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GEORGE, D. *Mistérios da lua negra: Lilith, Kali, Hécate e a cura dos arquétipos femininos sombrios no mundo moderno.* Editora Pensamento. 2021.

GIANELLA, V.; MOURA, M. S. Gestão em rede e metodologias não convencionais para a gestão social. Salvador: Editora CIAGS, 2009. (Série Editorial CIAGS / Roteiros Gestão Social).

GOHN, M. da G. Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, P. A. G. As outras vozes: percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau. *Revista Odeere*, Jequié, n. 1, p. 121-145, 2016.

JUNG, C. G. A Natureza da Psique. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, C. G. Cartas: 1906 - 1945. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. Civilização em Transição. Petrópolis: Vozes, 1993.

JUNG, C. G. Fundamentos da Psicologia Analítica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

JUNG, C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Lisboa: ed. Relógio D'água, 2019.

JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1977.

JUNG, C. G. O *Livro vermelho – Liber Novus*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

KIMMEL, E. A.; MONTSERRAT, P. Mitos Gregos. SP: WMF Martins Fontes, 2006.

KOSS, M. V. Feminino+ Masculino: Uma nova coreografia para a Eterna dança das Polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.

KUSCH, R. América Profunda. Buenos Aires: Biblos, 1999.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, J. *Tremores.* Belo Horizonte: Autêntica. 2015.

MACIEL, R. de A.; ROSEMBURG, C. P. A relação mãe-bebê e a estruturação da personalidade. *Saúde social*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 96-112, maio/ago. 2006. Acesso em: 10 mai 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENESES, M. P.; SANTOS, B. S. Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009.

MENEZES, A. L. T. de. *A alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem Guarani*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7501>. Acesso em: 01 ago, 2019.

MENEZES, A. L. T. de. *A menina e a onça: vozes ancestrais indígenas*. Florianópolis: Frida Editora, 2020.

MENEZES, A. L. T. de. *Cartas a Afrodite: a mulher em busca de Eros*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2021.

MENEZES, A. L. T. de. Aquele ou aquela que escuta: vozes ancestrais indígenas na psicologia junguiana. Re-imaginando um lugar de escuta. São Paulo: Sattva Editora, 2022.

MENEZES, A. L. T. de; PINHO, A. M. M. de. A arte e a vivência na psicologia comunitária e na educação popular. Curitiba: CRV, 2014.

MENEZES, R. P. de. *O Feminino reprimido: um estudo junguiano sobre a Feminilidade*. Brasília: UNECEUB, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Doenças Sexualmente Transmissíveis*. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Secretaria de Vigilância em Saúde, Brasília, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Programa de Nacional de DST e AIDS*. Manual de Prevenção das DST/HIV/AIDS em Comunidades Populares. Secretaria de Vigilância em Saúde, Brasília, p. 11, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim Epidemiológico AIDS/DST*. Vulnerabilidade à AIDS em Jovens Gays. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, Brasília, n.1, p. 9-37, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.* 2020a. Disponível em:

http://www.aids.gov.br/pt-br/tags/publicacoes/politicas-de-saude. Acesso em: 05 jun., 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas, IST, Assistência e Tratamento, Saúde da Pessoa Vivendo, Medicamentos, Profissionais de Saúde IST.* Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília, abr. 2020. Disponível em: https://saude.gov.br/. Acesso em: 25 jul. 2020b.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Plano Nacional de Operacionalização da Vacina contra a Covid-19*. Brasília, 2021a. Disponível em

https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/vacinas/plano-nacional-de-operacionalizacao -da-vacina-contra-a-covid-19. Acesso em: 05 jul.2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Coronavírus*. Brasília, 2021b. Disponível em https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirushttps://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus. Acesso em: 19 jun., 2022.

MORAES, M. C. M. de. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 14, n. 1, p. 7-25, 2001.

MORIN, E. *A cabeça bem feita:* repensar a reforma, repensar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MORIN, E. A via para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MOURA, O. I. de. Mitologia Kaingang: a oposição e a complementariedade como um processo de educação intercultural e humanização. Dissertação (Mestrado em Educação. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021.

MURARO, R. M.; BOFF, L. Feminino e Masculino. Botafogo: Ed. Sextante, 2002.

NETO, D. C. A Judicialização da Saúde Pública, p. 45, 2004 [documento eletrônico].

Disponível em: www.linkedin.com/in/daniel-carlos-neto-46a627b3/. Acesso em 29 jul. 2020.

NEUMANN, E. A criança: Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação. São Paulo. Ed. Cultrix, 1995.

OLIVEIRA, R. D. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ORNELLAS, M. de L. Entrevista: a escuta revela. Salvador: Edufba, 2011.

PALUDO, A. *Administração Pública*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PARENTE, A. A. M. A casa e o holding: conversas entre Bachelard e Winnicott. *Natureza Humana*, v. 11, n. 1, p. 73-100, jan./jun. 2009.

PERROT, M. As mulheres e os silêncios da História. Caxias do Sul: EDUSC, 1995.

PIMENTA, D. *O cuidado perigoso:* tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia do ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas). Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17062019-142750/publico/2019_DenisePimenta_VCorr.pdf. Acesso em: 21 mai. 2020.

PINNELLI, A. Gênero e família nos países desenvolvidos. *Demographicas*, Campinas, n. 2, p. 55-98, 2004.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PONTES, A. de M. O sentido na vida em pessoas vivendo com HIV/AIDS. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Da Geografia às Geografias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: SADER, E.; CECEÑA, A. E. (Orgs.). *La guerra infinita: hegemonía y terror mundial*. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

RICHTER, S. R. S. A dimensão ficcional da arte na educação da infância. 2005. 290 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROGERS, C. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, B. de S. *O fim do império cognitivo:* a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Grupo Almedina, 2018.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as Ciências. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

SCOTT, P. *Mulheres Chefes de Família:* abordagens e temas para as políticas públicas. Pré-evento "Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas". Ouro Preto, nov. 2002.

SEABRA, Z.; MUSZKAT, M. *Identidade Feminina*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SIEGEL, D.; WYVERN, N. A Magia de Hécate - Uma Roda do Ano com a Rainha das Bruxas. Editora Madra, 2012.

SILVA, D. N. "Joana d'Arc"; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historia/joana-d-arc.htm. Acesso em 11 de agosto de 2022.

SILVA, M. C. *Bruxaria Hekatina - O caminho da Bruxa com a Deusa Hékate.* Joinville: Clube de Autores, 2020.

STEVENS, A. *Jung: Vida e Pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1993.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. Curitiba: Editora CRV, 2014.

STREY, M. N. Mulher. Estudos de Gênero. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

SOUZA, F. R. S. A Lei n. 11.645/2008 e a experiência formativa de professores na escola: imagens alquímicas da história e da cultura indígena para Unus Mundus. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

SOUZA, M. G. Educação e diversidade cultural: uma análise da proposta da Escola Plural do Município de Belo Horizonte, MG. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2000.

UNAIDS BRASIL. *Relatórios e publicações.* 2022. Disponível em: https://unaids.org.br/relatorios-e-publicacoes/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A mente incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WAIBLINGER, A. A grande mãe e a criança divina: Mito e Arquétipo sobre o Milagre da Vida como Desenvolvimento da Alma. São Paulo: Cultrix, 2017.

WERNZ, M. C. G. *Cruzamento de mundos em espaços educativos: a cosmologia Kanhgág e o estar-sendo na convivência intercultural.* Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021.

WHITMONT, E. C. O retorno da deusa: mitologia junguiana. São Paulo: Summus, 1991.

WOOLF, N. O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

YALOM, M. A história da esposa: da Virgem Maria a Madonna: o papel da mulher dos tempos bíblicos até hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ANEXO I

Termo de Solicitação e Autorização para a Coleta de Dados no CEMAS



Santa Cruz do Sul. 08 de julho de 2021.

Prezada Sra. Anelise Aprato, Diretora de Ações e Programas de Saúde Secretaria Municipal da Saúde Santa Cruz do Sul/RS

Eu, Cláudia Fabiana Reichert, Doutoranda em Educação, sob a matrícula número 24889, venho através desta solicitar a vossa senhoria autorização para a realização da coleta de dados da pesquisa intitulada "SENTIMENTOS E OS MODOS DE AGIR DA MÃE SOROPOSITIVA PARA O HIV: ESCUTATÓRIA DE HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PANDEMIA DA COVID-19" sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes, do PPGEdu - Programa de Pós-Graduação em Educação — Mestrado e Doutorado - da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC e a ser realizada no Centro Municipal de Atendimento a Sorología — CEMAS.

A pesquisa tem como objetivo geral: escutar e refletir os sentimentos e os modos de agir das mães soropositivas para o HIV em tempos de AIDS e COVID-19. Informo que o referido projeto será submetido à avaliação ética junto ao CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UNISC, e me comprometo a encaminhar a vossa senhoría uma cópia do parecer ético após a sua emissão.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com as Resoluções vigentes relacionadas com pesquisas com seres humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo. Em anexo, segue o modelo da Carta de Aceite da Instituição Parceira, que será destinado ao CEP, pela pesquisadora.

Desde já, coloco-me à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida que possa surgir.

Antecipadamente agradeço à colaboração.

Cláudia Fabiana Reichert Pesquisadora responsável Profa. Dra. Ana Luisa T. de Menezes Professora Orientadora PPGEdu - UNISC

PARA PREENCHIMENTO DA INSTITUIÇÃO

Autorizado (X)

Não autorizado

Assinatura Allega Data: 28 /07 / 103/

Carimbo

Anelise dos Santos Aprato Matricula 8.111 Dir. de Ações e Programas de Saúde

ANEXO II

Termo de Aceite Institucional





Santa Cruz do Sul, 28 de julho de 2021.

TERMO DE ACEITE INSTITUCIONAL

Ao Comitê de Ética em Pesquisa

Prezado senhor

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado "SENTIMENTOS E OS MODOS DE AGIR DA MÃE SOROPOSITIVA PARA O HIV: ESCUTATÓRIA DE HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PANDEMIA DA COVID-19", desenvolvido pela desenvolvido pela Doutoranda em Educação, Cláudia Fabiana Reichert, do Programa de Pós-Graduação em Educação — Mestrado e Doutorado, sob orientação da Professora Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, e autorizamos o desenvolvimento do projeto no Centro Municipal de Atendimento a Sorologia - CEMAS, da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Cruz do Sul-RS, CNPJ 95440517/0001-08.

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido, conhecer e cumprir com as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária.

Atenciosamente,

ANELISE POS SANTOS APRATO

Diretora de Ações e Programas de Saúde

Anelise dos Santos Aprato Matricula 8.111 Dir. de Acões e Programas de Saúde

ANEXO III

Termo de confidencialidade do uso dos dados



ANEXO IV

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora.

Você está sendo convidado/a para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado "SENTIMENTOS E OS MODOS DE AGIR DA MÃE SOROPOSITIVA PARA O HIV: ESCUTATÓRIA DE HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PANDEMIA DA COVID-19", que pretende escutar e refletir os sentimentos e os modos de agir das mães soropositivas para o HIV em tempos de AIDS e COVID-19, vinculado ao *Programa de pós-graduação em Educação* da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é Cláudia Fabiana Reichert que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número do CEMAS (51)37156368 *e e-mail claudiafabianareichert@yahoo.com.br* .

Sua participação é possível pois você atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são:

- Ter faixa etária entre 18 e 59 anos
- Ser mãe
- Ter diagnóstico positivo para HIV
- Ser paciente do CEMAS Centro Municipal de Atendimento a Sorologia
- Ter Cartão SUS com referência em Santa Cruz do Sul/RS
- Estar em adesão ao tratamento com antirretrovirais

Sua participação consiste em permitir que as transcrições dos diálogos sobre seus sentimentos e modos de agir como mãe, frente ao diagnóstico positivo para o HIV em tempos de Covid-19 possam constituir o banco de dados para a pesquisa. O CEMAS é o local onde a pesquisa será realizada, situado na rua Thomás Flôres, 806, Centro, Santa Cruz do Sul/RS.

Os riscos/desconfortos, se ocorrerem, serão minimizados da seguinte forma:

- · Garantia do acesso aos resultados individuais e coletivos;
- Garantia que a pesquisadora seja habilitada ao método de coleta dos dados;

- Garantir a não violação e a integridade dos relatos (danos físicos, cópias, rasuras);
- Assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico financeiro;
- Garantia que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes;
- Garantia que a pesquisa no CEMAS e com sua participação, traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão;
- Assegurar a inexistência de conflito de interesses entre a pesquisadora, universidade, instituição parceira e participantes da pesquisa;
- Assumir o compromisso de comunicar os gestores da área da Saúde, os resultados da pesquisa, a fim de contribuir para a melhoria das condições de saúde da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que o participante da pesquisa não seja estigmatizado ou perca a autoestima;
- Garantia que os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo e conforme acordado no TCLE e na instituição parceira.

Por outro lado, a sua participação trará benefícios, como a possibilidade da conscientização da sociedade na importância do respeito para com as mulheres, mães e diagnóstico positivo para o HIV e, para os profissionais da área da Educação e da Saúde, relevância na escuta qualificada nas ações laborais e na construção do conhecimento científico. Ao final da pesquisa você terá acesso aos resultados, através da apresentação individual, pela pesquisadora.

Pelo	presente	Termo	de	Consentimento	Livre	e	Esclarecido	eu,
			RG ou CPF					

declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização dos meus dados e história de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos, reservando sigilo absoluto.

Fui, igualmente, informado/a:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Santa Cruz do Sul/RS						
Data:_	/_					
		Nome do Voluntário				
		Assinatura do Voluntário				



Cláudia Fabiana Reichert Responsável pela apresentação deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido